



# FAZENDO A DIFERENÇA:

PROJETO

**ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA  
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Brasília, março de 2006

© UNESCO 2006 Edição publicada pela Representação da UNESCO no Brasil

## **Equipe do Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz**

### **Coordenação Nacional**

Marlova Jovchelovitch Noletto

Rosana Sperandio Pereira

### **Coordenação do Escola Aberta para a Cidadania**

Marisa Timm Sari – UNESCO

Luís Afonso Medeiros – SE/RS



# FAZENDO A DIFERENÇA:

PROJETO

**ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA  
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Governo do  
**Rio Grande do Sul**  
CIDADO QUE TRABALHAM UNIDOS  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

**Conselho Editorial da UNESCO no Brasil**

Rosamaria Durand  
Célio da Cunha  
Bernardo Kliksberg  
Juan Carlos Tedesco  
Adama Ouane

**Comitê para a Área de Ciências Sociais e Desenvolvimento Social**

Carlos Alberto Vieira  
Marlova Jovchelovitch Noletto  
Rosana Sperandio Pereira

*Revisão:* Sueli Teixeira

*Revisão Técnica:* Rosana Sperandio Pereira

*Assistente Editorial:* Larissa Vieira Leite

*Diagramação:* Fernando Brandão

*Projeto Gráfico:* Edson Fogaça

© UNESCO, 2006

Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul. – Brasília: UNESCO, Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, 2006.

160p.

BR/2006/PI/H/6

1. Cultura de Paz – Brasil 2. Educação e Desenvolvimento – Brasil  
3. Cultura e Desenvolvimento – Brasil 4. Jovens Desfavorecidos – Cultura de Paz – Brasil 5. Programas Educacionais – Brasil I. UNESCO

CDD 303.66



**Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6,

Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar

70070-914 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 3322-4261

Site: [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)

E-mail: [grupoeditorial@unesco.org.br](mailto:grupoeditorial@unesco.org.br)

AVALIAÇÃO DO PROJETO ESCOLA ABERTA PARA  
A CIDADANIA NO ESTADO DO  
RIO GRANDE DO SUL – PEAC

CRÉDITOS DO RELATÓRIO

Equipe de Elaboração

Miguel Farah Neto – UNIRIO/UNESCO  
Eliane Ribeiro Andrade – UNIRIO/UNESCO  
Luiz Carlos Gil Esteves – UNIRIO/UNESCO  
Maria Fernanda Rezende Nunes – UNIRIO/UNESCO

Coordenação

Miriam Abramovay – Observatório de Violências nas Escolas

Colaboração

Camila Barbieri Branquinho de Oliveira – UNESCO  
Diana Teixeira Barbosa – UNESCO  
Greice Bolgar – UNIRIO/UNESCO

Equipe de Pesquisa Local

Adriane de Souza Silveira (coordenação de campo) – UCPEL  
Cecília Mônico da Silva – FEEVALE  
Elásio Soares Faria – UCPEL  
Marina Patrício de Arruda – FEEVALE  
Nei Jairo Fonseca dos Santos Júnior – UNICRUZ



## EQUIPE DE PESQUISA DE CAMPO

(Bolsistas da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL),  
da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) e do Centro  
Universitário FEEVALE de Novo Hamburgo)

Ana Paula de Moura

Analu Lauffer

Andréia Fuculo Aires

Ângela Cristina Arruda de Jesus

Anne Elise da Silva Czerwinski

Camila de Matos

Elenice Dillmann Soares

Elzeário

Fábio Inácio Steffen

Fernanda da Rosa

Flávio Luis Bressa

Guilherme Streb

José Rafael Mesquita Braga

Juliana Cristina Feyh

Karen Cristiane Gonçalves da Rosa

Kátia Cunha Salies

Leonora B. dos Santos

Letícia Caroline da Silva

Lisiane Adelita Haack

Maira Casali Malonn

Maria Claudete de Matos

Mário Garcia Kichofell

Rodrigo Piccinini

Taiana Cristina Burgin

Tiago Silveira Ferreira

Willian Macedo da Silva



## SUMÁRIO

Agradecimentos .....	11
Apresentação .....	13
Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz: um programa que faz a diferença .....	17
1. Introdução .....	23
2. O Programa Escola Aberta para a Cidadania .....	35
2.1 Os dados que traduzem a situação dos jovens do Rio Grande do Sul .....	35
2.2 História e organização do Projeto .....	45
3. Perfil dos alunos das escolas participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania .....	53
3.1 Características gerais dos alunos .....	53
4. Projeto Escola Aberta para a Cidadania: o que muda na situação das escolas e na dos atores participantes .....	65
4.1 Escolas participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta: mudanças que fazem a diferença, na visão de alunos e professores .....	66
4.2 Alunos participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta: alguns pontos de mudança ....	95
5. O Projeto Escola Aberta para a Cidadania na ótica dos alunos das escolas participantes .....	107

6. Os pontos positivos e as necessidades de ajuste .....	127
6.1 Os pontos positivos .....	127
6.2 Pontos de ajustes .....	132
Lista de quadros .....	143
Lista de tabelas .....	145
Lista de gráficos .....	152
Bibliografia .....	155

## AGRADECIMENTOS

Para a realização da avaliação do Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Rio Grande do Sul, contou-se com a colaboração de muitos atores – desde técnicos e assessores da UNESCO e da Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul, pesquisadores da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) e do Centro Universitário FEEVALE de Novo Hamburgo, até coordenadores regionais, diretores de escola, monitores e oficinairos do Projeto.

Muitos foram os que contribuíram nesse processo, cujo empenho manifesta que educadores e instituições envolvidas na ação apostam na construção de redes de comunicação entre a juventude, a escola e a comunidade.

Nesse sentido, expressamos nossos agradecimentos a toda a equipe do Escritório da UNESCO no Rio Grande do Sul, especialmente à coordenadora Alessandra Schneider, às assessoras Marisa Timm Sari (Oficial do Projeto), Cíntia Bonder e Terezinha Tarcitano, e à assistente Arlei Weide, que acreditaram no trabalho de pesquisa e avaliação.

Ao Magnífico Reitor da Universidade Católica de Pelotas e Presidente do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas – COMUNG, Professor Alencar Mello Proença, pela parceria, compreensão e apoio ao Projeto Escola Aberta para a Cidadania.

Ao coordenador estadual do Projeto, Professor Luiz Afonso Medeiros, e sua equipe, pelo precioso apoio em todo o processo de avaliação, facilitando e auxiliando o acesso às informações.

Aos diretores, monitores, oficineiros e beneficiários das escolas pesquisadas que nos receberam e relataram sobre o processo de implantação, organização e funcionamento do Projeto, da escola e da comunidade.

A todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram na realização da avaliação.

## APRESENTAÇÃO

Um dos primeiros telefonemas que recebi, após o Governador Germano Rigotto confirmar meu nome para a pasta da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, veio de Brasília, de minha querida amiga Marlova Jovchelovitch Noleto, Coordenadora Geral da área programática da UNESCO no Brasil. Dizia ela que a Organização estava me oferecendo um presente, em face das novas atribuições.

Em poucos dias, fui apresentado ao Projeto “Abrindo Espaços – Educação e Cultura para a Paz”, que a instituição tem procurado desenvolver com o objetivo de propiciar que novas oportunidades sejam colocadas à disposição dos jovens e das escolas situadas nas comunidades mais carentes.

Acompanhado da Diretora Pedagógica da Secretaria, professora Elen Nunes e do professor Luiz Afonso Medeiros, viajamos, ainda em janeiro de 2003, para o Estado de Pernambuco, onde já se desenvolvia o projeto com o nome de “Escola Aberta”, obtendo grandes resultados, especialmente na Região Metropolitana de Recife.

Vibramos com ele e, durante o vôo de volta, montamos o anteprojeto, estabelecemos seu período de começo para o segundo semestre de 2003 e o batizamos de “Escola Aberta para a Cidadania”. Em 8 de agosto daquele ano, 50 escolas públicas estaduais o lançavam em uma grande festa que marcava o início de um processo de valorização da escola pública de nosso Estado.

A caminhada inicial, como é praxe com as novas idéias, encontrou resistências naturais, considerando-se o total desconhecimento da comunidade escolar para com o Projeto.

Os professores ficaram receosos de que seriam obrigados a ampliar sua carga horária. Os diretores tiveram medo de que a abertura das escolas aos finais de semana tumultuaria o ambiente, aumentando a depredação e a violência na escola e no seu entorno. A comunidade demonstrava desconfiança, já que a maioria não estava compreendendo as razões da abertura das escolas nos finais de semana.

Sempre contando com a livre adesão das escolas, sem que qualquer imposição tenha sido feita para que elas viessem a participar, o “Projeto Escola Aberta para a Cidadania” começou a dar seus primeiros passos. Dificuldades foram sendo enfrentadas com garra e vontade, especialmente pelas nossas diretoras e diretores que compreenderam a magnitude e o real significado do Projeto. Para exemplificar os problemas surgidos no início da caminhada, basta citar o caso da Escola Estadual José do Patrocínio, localizada no bairro Restinga Velha, em Porto Alegre, que, no primeiro final de semana, contou com a presença de apenas uma pessoa para participar das atividades, para desespero da sua diretora.

Agora, quando nos aproximamos do terceiro aniversário do “Projeto Escola Aberta para a Cidadania”, os resultados apresentados em pesquisa constante deste livro são representativos da grandeza humana que tal iniciativa propicia.

Com a extinção quase total dos campos de várzea, com o baixo poder aquisitivo das populações das vilas populares para garantir o acesso ao cinema ou ao teatro, com a insegurança das praças públicas, a escola se transforma no grande centro integrador de toda a comunidade, nos finais de semana.

Estudantes, professores, pais, membros da comunidade, encontraram nas escolas públicas um espaço privilegiado que ajuda na construção de melhor qualidade de vida, por meio da participação nas atividades que fomentam o respeito, a

não-violência, a justiça, a responsabilidade e a solidariedade, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de uma cultura para a paz, contribuindo, dessa forma, para a mudança nas práticas pedagógicas e na qualificação do exercício da cidadania na sociedade gaúcha, com a inclusão de crianças, jovens e adultos.

Atualmente, são 150 escolas públicas da rede estadual que abrigam mais de 130 mil cidadãos a cada final de semana, com o objetivo de realizar a formação para o exercício permanente da cidadania, por meio da valorização dos parceiros e no âmbito de um Projeto que torna as relações humanas mais solidárias e cooperativas.

Quero agradecer à UNESCO pela parceria empregada no fortalecimento do mesmo, sem a qual seria impossível desenvolver, em toda sua plenitude, as ações que ajudaram a dinamizar e consolidar o “Projeto Escola Aberta para a Cidadania”. Também desejo agradecer a ACPM – Federação, representação maior dos pais das nossas escolas, a grande colaboração prestada e a todos os nossos parceiros que compreenderam a dimensão desse belo projeto.

Outro destaque deve ser dado aos denominados “oficineiros”, entidades e pessoas físicas que ofereceram seu tempo para estar junto à comunidade e auxiliar a desenvolver as oficinas em cada escola. Hoje, contamos com mais de dois mil voluntários que, a cada final de semana, prestam esse belo serviço.

Destaque ao Ministério da Educação que compreendeu a importância do Projeto e vem colaborando para sua consolidação, não somente em relação à rede pública estadual, mas ampliando-o para escolas das redes públicas municipais.

Menção especial destina-se às nossas Diretoras e Diretores e à nossa Equipe da Coordenação do Projeto, incansáveis na sua construção - de operacionalização complexa - mas que apresenta resultados absolutamente compensadores.

Tenho a convicção de que os subsídios e as conclusões animadoras apresentados pela pesquisa motivarão e incentivarão, ainda mais, as escolas e a comunidade escolar a participar ativamente das ações desenvolvidas pelo “Projeto Escola Aberta para a Cidadania”.

Os dados demonstram que, juntos, estamos construindo uma cultura para a paz a partir desse espaço fantástico que é o da escola pública em nossas comunidades.

*José Fortunati*

Secretário da Educação do Rio Grande do Sul

## Abrindo Espaços

### Educação e Cultura para a Paz: um programa que faz a diferença

No ano 2000, durante as comemorações do Ano Internacional da Cultura de Paz, a UNESCO no Brasil lançou o *Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz*.

Ao inserir-se no marco mais amplo de atuação da Organização, volta-se tanto para a construção de uma cultura de paz, quanto para a educação para todos e ao longo da vida, bem como para a erradicação e o combate à pobreza. Volta-se, ainda, para a construção de uma nova escola para o século XXI, na qual esta seja muito mais “escola-função” e não, apenas, “escola-endereço”.

O Programa é operacionalizado por meio de iniciativa aparentemente simples: trata-se da abertura das escolas públicas nos finais de semana, oferecendo aos jovens e suas famílias – que se encontram em situação de vulnerabilidade ao viver em comunidades marcadas pelo processo de exclusão social – atividades de educação para a cidadania, formação profissional, aprimoramento educacional, lazer, esporte, atividades de convivência, de sociabilidade e outras de cunho artístico-culturais.

Mais do que um ato de abertura dos portões da escola à comunidade e aos jovens, o Programa pretende contribuir para a construção de uma cultura de paz e para o combate à desigualdade social, além de contribuir para transformar a escola e seu entorno.

Prova disso é que, em 2004, em função dos resultados positivos alcançados pela experiência, sobretudo em relação ao fortalecimento da escola pública e à inclusão social de jovens, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e em parceria com a UNESCO, lançou o Programa em âmbito nacional. Intitulado *Escola Aberta: Educação, Cultura, Esporte e Trabalho para a Juventude*, pauta-se no conceito e na metodologia do *Programa Abrindo Espaços*.

Pode-se destacar, na dinâmica do Programa, a importância que o jovem e sua comunidade assumem ao serem valorizados os talentos da própria comunidade, respeitando-se as demandas locais, viabilizando-se as diversas expressões juvenis e possibilitando, assim, a integração entre a escola, o jovem e a comunidade. Tal processo permite ao jovem a descoberta de novas formas de ver e se relacionar com o outro e consigo próprio, gerando um sentimento de pertencimento e fortalecendo, assim, as referências coletivas, requisito fundamental para a construção de uma cultura de paz.

Um outro aspecto a ser ressaltado na estratégia do Programa está ligado à sua natureza descentralizadora, a qual permite que cada estado, cada município e cada escola tenham flexibilidade para adequá-lo às realidades e necessidades locais, sempre orientados por princípios e conceitos éticos e metodológicos únicos.

Além da descentralização, a diversidade, a flexibilidade e o controle local são outros componentes essenciais que envolvem a operacionalização do *Programa Abrindo Espaços* e estão presentes na mobilização da escola e da comunidade, no planejamento e na divulgação das oficinas, na formação de parcerias, na capacitação das equipes locais e em vários outros aspectos do Programa.

Atualmente, o Programa é desenvolvido em 8 Unidades da Federação e está em fase final de negociação com outros 2 estados, além de 3 municípios. Mais de 6.300 escolas da rede pública fazem parte do *Abrindo Espaços*, atendendo a uma população superior a 10 milhões de crianças, jovens e adultos. Parte do sucesso dessa iniciativa traduz-se, entre outros, em índices de violência até 54% inferiores nas comunidades envolvidas no Programa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> WAISELFISZ, J. J.; MACIEL, M. *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. UNESCO, 2003.

Na base de todas essas experiências está a constatação, verificada por meio de pesquisas realizadas no Brasil pela UNESCO e seus parceiros, de que os índices de vitimização juvenil aumentam significativamente nos finais de semana, muito em função da ausência de opções culturais, esportivas e de lazer para os jovens das classes mais desfavorecidas. Se, por um lado, a falta de acesso a esses bens e serviços favorece o envolvimento dos jovens em situações de violência, por outro, o acesso à cultura, à arte, ao esporte e à educação permite-lhes encontrar novas formas de expressão.

O Programa *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz* representa uma alternativa a um alarmante quadro brasileiro de violência, produto de uma abissal desigualdade e exclusão social. O Programa colabora para construção de espaços de cidadania e de exercício da participação social de crianças, adolescentes, jovens e suas comunidades e está contribuindo para a melhoria do ambiente escolar, tanto internamente quanto em seu entorno.

Os estudos e pesquisas revelam, também, que uma das causas apontadas pelos jovens para a exclusão social está relacionada à falta de espaços para o exercício do protagonismo juvenil. A ausência desses espaços colabora, de um modo geral, para a geração de situações cotidianas de violência.

Esses estudos e as pesquisas têm trazido contribuições importantes para compreender e oferecer um diagnóstico, amplo e aprofundado, sobre a juventude no Brasil, os diferentes tipos de violência aos quais está exposta e seus efeitos nas escolas e comunidades. Publicações tais como o *Mapa da Violência*, de Julio Jacobo Waiselfisz, lançado pela UNESCO nos anos de 1999, 2000, 2002 e 2004, foram fundamentais para entender as manifestações desse fenômeno no País.

A partir dessas publicações, a UNESCO vem produzindo uma série de recomendações a governos e sociedade relacionadas à urgência da implantação e do apoio a políticas públicas que contribuam para a inclusão social da juventude e também para a melhoria do ambiente escolar e para a reversão da violência. O *Programa Escola Aberta para a Cidadania*, parceria

entre o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a UNESCO, é uma dessas iniciativas.

Desenvolvido desde agosto de 2003, o *Programa Escola Aberta para a Cidadania* combina elementos das áreas da Educação e do Desenvolvimento Social, trabalhando amplamente componentes de inclusão social. Prova, na prática, que soluções onde se entrelaçam inclusão social, política para a juventude e combate à violência e à desigualdade social, podem ter desdobramentos simples e não onerosos, utilizando recursos das próprias comunidades. De tais iniciativas podem originar resultados mais efetivos e expressivos.

Quando procura transformar a escola em um ambiente mais atrativo e mais participativo para os jovens, o Programa contribui para diminuir a evasão escolar e tornar a escola um local acolhedor, ao mesmo tempo em que trabalha o resgate do valor social dessa instituição enquanto *locus* potencialmente privilegiado para o investimento em um processo de mudança de atitude e comportamento entre os jovens.

O Programa reforça a idéia de que escolas que vivenciam processos inovadores apontam para a necessidade de ultrapassar modelos tradicionais por meio da criação de estratégias que assegurem um ambiente protegido, valorizado, de posse das condições para um bom desenvolvimento escolar e com novas perspectivas para seus jovens alunos.

Beneficiando um total de 150 escolas e um público de mais de 130 mil pessoas a cada final de semana, o *Programa Escola Aberta para a Cidadania* tem gerado significativos resultados para a sociedade riograndense ao longo de seus quase 3 anos de execução. Resultados que podem ser verificados agora, em mais uma importante publicação da UNESCO que, em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, disponibiliza para toda a sociedade brasileira o levantamento dos efeitos positivos produzidos pelo Programa.

Assim como os demais programas originados do *Programa Abrindo Espaços*, não há dúvida de que o *Programa Escola Aberta para a Cidadania* está contribuindo para transformar a realidade

de jovens, escolas e comunidades no Estado do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que lançou as sementes para a implantação de uma política pública para a juventude naquele Estado.

Além disso, o Programa reforça a idéia de que a educação não pode ser apenas importante: ela precisa ser prioritária, mote que a UNESCO vem defendendo com veemência para mostrar que somente com investimentos na educação será possível mudar o Brasil e transformá-lo em um país mais justo e humano.

Em função dessas e de outras razões, a UNESCO está convicta de que um programa tal como o *Programa Escola Aberta para a Cidadania* deve ser considerado como prioridade e também como modelo para a construção de outras iniciativas que auxiliem na promoção do desenvolvimento humano e social.

É importante ressaltar, finalmente, que o sucesso obtido, até o momento, não seria possível sem a participação de todos os atores envolvidos no Programa, tais como os oficinheiros, os voluntários, os técnicos da Secretaria de Educação do Estado, os professores e diretores que, sob a eficiente liderança do Secretário José Fortunati, dedicaram-se com sensibilidade e empenho para que os resultados aqui apresentados pudessem ser alcançados.

Da mesma forma, cabe reconhecer a contribuição do Escritório Antena da UNESCO no Rio Grande do Sul, especialmente à Professora Marisa Sari Timm, coordenadora local do programa, cuja parceria constante e inúmeros esforços também estão traduzidos nos resultados positivos do Programa.

*Marlova Jovchelovitch Noletto*

Coordenadora de Desenvolvimento Social da UNESCO no Brasil

# I. INTRODUÇÃO

O presente relatório trata da avaliação do Projeto Escola Aberta para a Cidadania – PEAC, desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, cujo principal objetivo é o de promover a utilização dos espaços físicos das escolas estaduais nos finais de semana, oferecendo atividades desportivas, artísticas e socioculturais aos jovens e à comunidade em geral.

Espera-se, com o Projeto, contribuir para a diminuição dos índices de violência e vulnerabilidade social a que estes se encontram expostos e, principalmente, fortalecer o papel da escola como pólo irradiador de cultura, capaz de levar em conta a diversidade do público-alvo da ação.

A coleta dos dados que embasam o estudo realizou-se no período de março a julho de 2005, tendo sido composta por duas etapas concomitantes que, embora distintas, são complementares, quais sejam:

- I. a etapa extensiva, compreendendo a aplicação de questionários a diferentes atores de 50 escolas da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania e de 15 escolas não-participantes da ação;
- II. a etapa compreensiva, abrangendo 8 escolas da mesma rede e que foram selecionadas para a realização de entrevistas, grupos focais e observações. O contexto dessa etapa da pesquisa abrangeu escolas estaduais localizadas nos municípios de Bagé, Canoas, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Santiago e Viamão.

A pesquisa de campo efetivou-se sob a coordenação da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), com a

Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) e com o Centro Universitário FEEVALE de Novo Hamburgo - RS (FEEVALE). Contou-se, ainda, com o trabalho de 25 bolsistas de pesquisa, acadêmicos das referidas instituições, sendo 12 deles da FEEVALE, sete da UCPEL e seis da UNICRUZ.

De modo geral, o relatório engloba dados obtidos: na aplicação de questionários a alunos, professores e diretores das escolas; na realização de entrevistas com diretores, coordenadores regionais, facilitadores, monitores e oficineiros e na realização de grupos focais com os beneficiários, visando captar a percepção dos sujeitos envolvidos no processo de construção e implementação do Projeto.

Avaliar o PEAC no Estado do Rio Grande do Sul significou a adoção de uma estratégia alicerçada em objetivos capazes de levar as instituições envolvidas a sugerir e apoiar esse processo. Dentre tais objetivos, destacam-se: contribuir para uma acurada sistematização e compreensão da experiência; apresentar subsídios necessários para a reorientação do Projeto e apontar caminhos para sua ampliação, em âmbito estadual.

Optou-se, assim, por operacionalizar uma avaliação capaz de combinar métodos qualitativos e quantitativos, procedimentos que representam mais do que um diagnóstico, uma vez que revelam dificuldades e suas possíveis soluções, *mas também os fatores que condicionam os resultados alternativos, bem como as estratégias preferenciais, dado o contexto em que transcorrem as ações* (ABRAMOVAY et al, 2001, p. 27).

A vantagem de se utilizar os grupos focais e as entrevistas como objeto da estratégia compreensiva é que, nesse tipo de trabalho, os entrevistados falam, dividem opiniões, discutem, trazendo à tona os fatores críticos de determinada problemática, que dificilmente aparecem nos questionários fechados. Esse método permite a manifestação de uma grande diversidade de idéias, opiniões e conceitos, mostrando atitudes e valores em um ambiente onde os indivíduos interagem como na vida real.

Além disso, quando combinado com métodos quantitativos (tais como a aplicação de questionários), ambos

complementam-se de forma interativa, em que tanto o qualitativo quanto o quantitativo sinalizam-se reciprocamente. Isso permite confirmar as informações obtidas, levantando-se contradições e semelhanças para a testagem de determinadas hipóteses.

Nos grupos e entrevistas aparecem sentimentos e emoções que são socialmente construídos, principalmente aqueles relacionados a temas como a subjetividade e o convívio com as diferenças.

A pesquisa extensiva, realizada com questionários estruturados, teve como alvo tanto escolas estaduais participantes do projeto Escola Aberta para a Cidadania, situadas em 22 municípios, totalizando 50 escolas, bem como escolas não-participantes, situadas em 11 municípios, em um total de 15 escolas, chamadas de grupo de controle. Foram aplicados 6.290 questionários a diretores, professores e alunos de escolas participantes e não-participantes do PEAC.

O trabalho de campo constou de diversas etapas. A primeira consistiu na capacitação de todos os sujeitos envolvidos no processo da avaliação. Também nessa etapa foi realizado o planejamento do trabalho como um todo, englobando a definição das informações necessárias para a visita às escolas e o agendamento prévio das mesmas.

Ainda em relação ao planejamento da pesquisa, contou-se com o monitoramento de alunos-bolsistas das universidades parceiras, contemplando, assim, o assessoramento e o apoio ao processo de pesquisa – segunda etapa do trabalho de campo.

A terceira etapa foi a de coleta dos dados através de questionários, entrevistas e grupos focais. A redação dos relatórios parciais da pesquisa de campo pela FEEVALE, UCPEL e UNICRUZ constituiu-se na quarta etapa. A quinta etapa foi configurada pela digitação dos questionários aplicados, pela tabulação dos dados e pela transcrição das fitas contendo as entrevistas e os grupos focais, enquanto que a última etapa caracterizou-se pela escrita de relatório de campo.

Essa última etapa do trabalho consistiu na análise e interpretação dos dados obtidos que culminaram na redação final do presente documento, realizada pelo Setor de Pesquisa e Avaliação da UNESCO no Estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal.

O trabalho de pesquisa de campo organizou-se pelo mapeamento das regiões do Estado do Rio Grande do Sul onde se localizam as escolas investigadas, configurando a seguinte distribuição dos municípios: Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Porto Alegre, Sapucaia, São Jerônimo, Viamão, Cachoeira do Sul, Guaporé, Jaguarí, Lagoa Vermelha, Paraíso do Sul, Passo Fundo, Santiago, São Borja, Bagé, Caçapava do Sul, Camaquã, Dom Pedrito, Guaíba, Pelotas e Santa Maria.

O processo extensivo foi operacionalizado, primeiramente, pelo contato com as escolas investigadas, visando agendar previamente a aplicação dos questionários. Em um segundo momento, organizou-se um cronograma de aplicação dos mesmos, considerando-se a disponibilidade das escolas e a distância geográfica dos municípios. Posteriormente, os alunos bolsistas saíram em campo, em duplas, para a visita às escolas, aplicação dos questionários e registro das observações de campo.

À época da pesquisa, as instituições participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul contabilizavam 134 unidades, distribuídas em 28 Coordenadorias Regionais do Estado/CRE. Com o intuito de avaliar o Programa em todos seus aspectos (a partir das percepções dos alunos, professores e diretores que dele participam), conhecer as percepções dos alunos, professores e diretores sobre suas escolas (independentemente do fato de o aluno participar ou não do PEAC), como também traçar um estudo comparativo com outras escolas que não participam do Programa, foram selecionadas, aleatoriamente, 50 escolas para participar da ação.

O sorteio aleatório simples de escolas, neste caso, elevaria muito o custo da pesquisa, inviabilizando sua realização. Dessa forma, definiu-se para a realização da pesquisa 10 CRE

distintas que abrangem, geograficamente, grande parte do Estado do Rio Grande do Sul. Por entender que a diferença entre a variância das características pesquisadas não seria significativa entre as CRE, optou-se por não ir a todas as 28 CRE que têm escolas com o Programa Escola Aberta/EA.

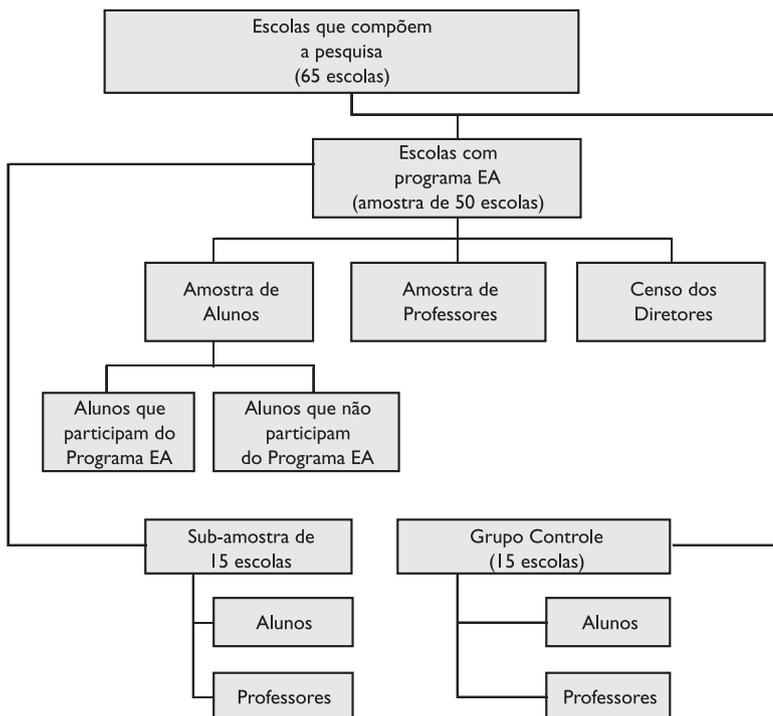
O desenho amostral adotado foi por conglomerados de tamanhos diferentes em dois estágios, a saber: no primeiro estágio, sorteio aleatório das escolas dentro de cada uma das CRE definidas; no segundo estágio, sorteio aleatório das turmas em cada uma das escolas da amostra, sendo estas conhecidas como elementos primários. Para cada escola da amostra, foram selecionadas quatro turmas, aleatoriamente.

Ainda, além dessas 50 escolas que participam do Programa Escola Aberta, foram selecionadas outras 15 escolas que dele não fazem parte, porém possuem características semelhantes no que se refere ao porte, localização e nível de ensino oferecido pela escola em relação à sub-amostra de 15 escolas que participam do Programa Escola Aberta, seleção realizada a partir das informações extraídas do cadastro da Base de Dados do INEP – Censo Escolar, 2004. Dessa forma, pode-se comparar as sub-amostras entre os dois grupos, sendo o grupo das escolas que não participam do programa EA chamado de grupo de controle.

Três eixos, no entanto, são considerados nesta pesquisa:

- O primeiro eixo visa avaliar o Programa Escola Aberta através das percepções dos atores do grupo das escolas com o próprio programa e que de fato participam das atividades oferecidas por ele nos finais de semana;
- O segundo eixo tem como objetivo comparar, no grupo das escolas participantes do programa EA, os alunos que participam e não participam das atividades do programa, a fim de que se possa observar se existem percepções diferentes entre os alunos da escola.
- E, por último, como terceiro eixo desta pesquisa, uma comparação entre a sub-amostra das 15 escolas que participam do Programa com a amostra das 15 escolas do grupo de controle, ou seja, escolas que não participam do PEAC.

Portanto, esta pesquisa pode ser vista segundo o diagrama:



A seguir, tem-se o quadro com a lista das 50 escolas sorteadas que participam do Programa Escola Aberta para Cidadania por CRE.

**QUADRO I – Lista de escolas da amostra**

<b>CRE</b>	<b>ESCOLAS</b>
DPA	Colégio Estadual Presidente Arthur da Costa e Silva
DPA	Esc. Est. de Educação Básica Almirante Baccar
DPA	Esc. Est. de Educação Básica Gomes Carneiro
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Aurélio Reis
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Custódio de Mello
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Marechal Mallet
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Maria José Mabilde
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Oswaldo Vergara
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Padre Balduino Rambo
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Prof Aurora Peixoto de Azevedo
DPA	Esc. Est. de Ensino Fundamental Prof. Sylvio Torres
DPA	Esc. Est. de Ensino Médio José do Patrocínio
DPA	Esc. Est. de Ensino Médio Prof. Oscar Pereira
5	Colégio Estadual Dom João Braga
5	Esc. Est. de Ensino Fundamental Padre Anchieta
5	Esc. Est. de Ensino Fundamental Parque do Obelisco
5	Esc. Est. de Ensino Médio Dr. Joaquim Duval
7	Esc. Est. de Ensino Fundamental Wolmar Antonio Salton
7	Esc. Est. de Ensino Médio Dr. Araby Augusto Nacul
7	Esc. Est. de Ensino Médio Frei Caneca
7	Esc. Est. de Ensino Médio General Prestes Guimarães
8	Esc. Básica Est. Érico Veríssimo
8	Esc. Básica Est. Prof <sup>a</sup> Guilhermina Javorsky
8	Esc. Est. de Educação Básica Irmão José Otão
8	Esc. Est. de Ensino Médio Prof <sup>a</sup> Edna May Cardoso

**QUADRO I – (continuação)**

<b>CRE</b>	<b>ESCOLAS</b>
12	Colégio Estadual Augusto Meyer
12	Colégio Estadual Sete de Setembro
12	Esc. Est. de Ensino Fundamental Thomas Alva Edison
12	Esc. Est. de Ensino Médio Profª Aglae Kehl
13	Esc. Est. de Ensino Fundamental Profª Eliana Bassi de
13	Esc. Est. de Ensino Fundamental Profª Januária Leal
13	Esc. Est. de Ensino Médio Nossa Senhora do Patrocínio
13	Esc. Est. de Ensino Médio Prof. Leopoldo Maieron – CAIC
24	Esc. Est. de Educação Básica Borges de Medeiros
24	Esc. Est. de Ensino Fundamental Coronel Ciro Carvalho de Abreu
24	Esc. Est. de Ensino Médio Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha
24	Esc. Est. de Ensino Médio Presidente Afonso Pena
27	Colégio Estadual Guianuba
27	Colégio Estadual Tereza Francescutti
27	Esc. Est. de Ensino Fundamental Planalto Canoense
27	Esc. Est. de Ensino Médio Prof. Tolentino Maia
27	Escola Bento Gonçalves
28	Colégio Estadual Érico Veríssimo
28	Esc. Est. de Educação Básica Luiz de Camões
28	Esc. Est. de Ensino Médio Nossa Senhora de Fátima
28	Esc. Est. de Ensino Médio Prof. Tolentino Maia
35	Esc. Est. de Educação Básica Monsenhor Assis
35	Esc. Est. de Ensino Fundamental Tusnelda Lima Barbosa
35	Esc. Est. de Ensino Fundamental Viriato Vargas
35	Instituto Estadual de Educação Prof. Isaias

A seguir, listagem das 15 escolas do grupo de controle e as 15 escolas semelhantes da amostra das escolas que participam do programa:

**QUADRO 2 – Lista das 15 escolas do Programa Escola Aberta e das 15 escolas do Grupo de Controle**

Escolas com o Programa Escola Aberta	Escolas sem o Programa (Grupo de Controle)
CE Augusto Meyer	CE Cristóvão Pereira
CE Érico Veríssimo	CE Marechal Floriano Peixoto
EEEB Almirante Bacelar	CE Padre Rômulo Zanchi
EEEB Monsenhor Assis	CE Rodrigues Alves
EEEF Aurélio Reis	EEEB Júlio Cesar Ribeiro de Souza
EEEM Dr. Liberato S. Vieira da Cunha	EEEF Araújo Porto Alegre
EEEF Marechal Mallet	EEEF Candida Fortes Brandão
EEEF Oswaldo Vergara	EEEF Conego Ortiz
EEEF Padre Balduino Rambo	EEEF Coronel Aparício Borges
EEEF Profª Aurora Peixoto de Azevedo	EEEF General Daltro Filho
EEEF Prof. Sylvio Torres	EEEF Grau Monte Líbano
EEEF Profª. Januária Leal	EEEF Rio Jacuí
EEEF Coronel Ciro Carvalho de Abreu	EEEF Simões Lopes Neto
EEEM Nossa Senhora de Fátima	EEEM Alberto Torres
EEEM Profª. Edna May Cardoso	IE de Educação Gomes Jardim

## TAMANHO DA AMOSTRA

O quadro a seguir mostra o universo de alunos por CRE de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental diurno de 8 anos e o total de alunos do ensino médio diurno; na coluna alunos respondentes, o total da amostra de alunos respondentes por CRE.

**QUADRO 3 – Universo de alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental de 8 anos, bem como o total de alunos do ensino médio diurno e alunos respondentes, por CRE**

<b>CRE</b>	<b>Universo</b>	<b>Alunos respondentes</b>
DPA	4.415	1.273
5 <sup>a</sup>	2.371	344
7 <sup>a</sup>	1.477	347
8 <sup>a</sup>	2.044	305
12 <sup>a</sup>	1.665	373
13 <sup>a</sup>	1.733	368
24 <sup>a</sup>	1.906	373
27 <sup>a</sup>	3.389	518
28 <sup>a</sup>	2.950	388
35 <sup>a</sup>	1.707	317
<b>TOTAL</b>	<b>23.657</b>	<b>4.606</b>

Portanto, a amostra é composta por 4.606 alunos pesquisados que estudam em escolas que participam do Programa Escola Aberta e por 1.413 alunos das escolas do grupo de controle, totalizando 6.019 alunos, 214 professores (sendo 165 das escolas que participam do Programa Escola Aberta e 49 professores do grupo das escolas que dele não participam – grupo de controle) e 57 diretores (sendo 45 de

escolas com o Programa Escola Aberta e 12 do grupo de controle).

A amostra foi fixada com um número elevado de alunos, pois, *a priori*, não se conhecia o percentual de alunos que participam das atividades de fim-de-semana do Programa Escola Aberta, sendo que um dos objetivos da pesquisa é o de avaliar o Programa através da percepção dos alunos que participam das atividades. Assim sendo, observa-se através do quadro abaixo, que o total de alunos que participam do Programa é 1.193, número suficiente para não comprometer nenhum dos eixos da pesquisa – incluindo o estudo sobre participantes do EA, para Porto Alegre e para o total geral – com um erro amostral de 5% e confiança de 95%, calculados a partir da variância máxima para o tamanho da amostra.

A fórmula da proporção utilizada para a definição do tamanho da amostra foi:

$$n = \frac{P * Q}{\left( \frac{d}{1,96} \right)^2}$$

sendo:

P\*Q = variância máxima

d = erro máximo admitido

Confiança de 95% = 1,96

Pelo quadro abaixo, do total dos alunos das escolas participantes do Programa Escola Aberta, 25,9% participam, atualmente, das atividades do EA.

**QUADRO 4 – Alunos respondentes, alunos participantes do EA e percentual de participação atual dos alunos no EA, por CRE**

<b>CRE</b>	<b>Alunos respondentes</b>	<b>Alunos participantes do EA</b>	<b>Percentual de participação dos alunos no EA</b>
DPA	1.273	345	27,1
5 <sup>a</sup>	344	42	12,2
7 <sup>a</sup>	347	108	31,1
8 <sup>a</sup>	305	52	17,0
12 <sup>a</sup>	373	80	21,4
13 <sup>a</sup>	368	96	26,1
24 <sup>a</sup>	373	124	33,2
27 <sup>a</sup>	518	148	28,6
28 <sup>a</sup>	388	77	19,8
35 <sup>a</sup>	317	121	38,2
<b>Total</b>	<b>4.606</b>	<b>1.193</b>	<b>25,9</b>

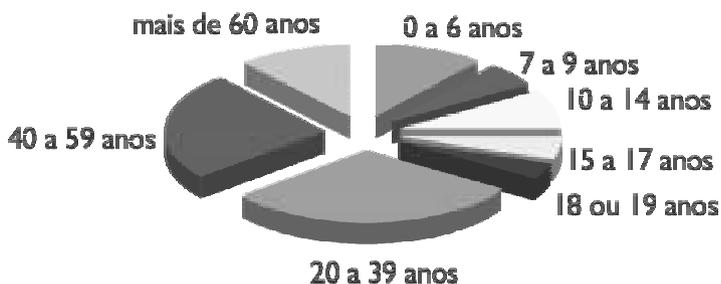
## 2. O PROGRAMA ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA

### 2.1 OS DADOS QUE TRADUZEM A SITUAÇÃO DOS JOVENS DO RIO GRANDE DO SUL

O Estado do Rio Grande do Sul divide-se em 497 municípios e, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/PNAD – Síntese de Indicadores, realizada pelo IBGE, em 2004, tinha, naquele ano, uma população total de 10.433.297 habitantes, ocupando a quinta posição entre os Estados brasileiros (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia).

As crianças do Estado, ou seja, aquelas que se encontram no grupo de faixa etária de 0 a 9 anos, representam 16% do total de habitantes. Superando este contingente estão os jovens gaúchos. A distribuição da população do Estado do Rio Grande do Sul está assim definida:

**GRÁFICO 1 – População residente, por grupos de idade, no Estado do Rio Grande do Sul, 2004**



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Domicílio – 2004.

Do contingente populacional do Estado, e tomando como referência a faixa etária entre 15 e 24 anos, os jovens representam 19% da população, correspondendo a um número absoluto de 1.849.035 pessoas. Vale ressaltar que, de acordo com os critérios adotados pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde, adolescência e juventude se diferenciam segundo os seguintes aspectos:

Para a OPS/OMS, a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange as idades de 10 a 19 anos e é dividida em etapas de pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito de juventude resume uma categoria essencialmente sociológica que indica o processo de preparação dos indivíduos para assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos (ABRAMOVAY et al., 1999, p. 214).

Ainda segundo a PNAD, as crianças e os jovens gaúchos representam 41,19% da população do Estado, estando assim distribuídos:

<b>População residente por situação, sexo e grupos de idade, no Estado do Rio Grande do Sul – 2004</b>				
<b>Grupos de idade</b>				
<b>0 a 4 anos</b>	<b>5 a 9 anos</b>	<b>10 a 14 anos</b>	<b>15 a 19 anos</b>	<b>20 a 24 anos</b>
6,83	8,40	8,76	8,68	8,52

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Domicílio – 2004.

Tanto no Rio Grande do Sul como no Brasil, as mulheres são a maioria da população. Os grandes centros como Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria têm, proporcionalmente, os maiores contingentes do sexo feminino. Nos pequenos

municípios, onde a população rural é maioria, há, no entanto, predominância do sexo masculino. No período 1940-2000, observa-se o crescimento da participação feminina na população. Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, em 1940, para cada 100 mulheres existiam 100,4 homens<sup>2</sup>. Já no ano de 2000, este número passou para 96,18, com expressivo predomínio de mulheres.

<b>População residente por situação, sexo e grupos de idade, no Brasil e no Rio Grande do Sul – 2004</b>			
<b>Brasil e Unidade da Federação</b>	<b>Sexo</b>	<b>Grupos de idade</b>	<b>%</b>
Brasil	Homem	10 a 14 anos	4,76
		15 a 19 anos	4,94
	Mulher	10 a 14 anos	4,60
		15 a 19 anos	4,81
Rio Grande do Sul	Homem	10 a 14 anos	4,38
		15 a 19 anos	4,37
	Mulher	10 a 14 anos	4,38
		15 a 19 anos	4,31

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Domicílio – 2004.

É também um fenômeno recente o aumento do número de mulheres que assumem o papel de chefes de família, predominantemente no ambiente urbano. Os dados do Atlas Socioeconômico do Estado apontam que os municípios de

<sup>2</sup> Dados do Atlas Socioeconômico do Estado do Rio Grande do Sul – versão atualizada em 20 de outubro de 2005.

Santana do Livramento, Pelotas e Porto Alegre apresentam os maiores índices de mulheres nessa situação, com 30,35%, 31,40% e 38,16%, respectivamente, muito acima da média brasileira e gaúcha.

Em relação às taxas de emprego dos jovens, na região metropolitana de Porto Alegre, observa-se aumento na taxa de participação dos grupos etários de 18 a 24 anos, que passou de 77,0% para 77,8%, alcançando o seu nível mais elevado. Entre os analfabetos, a taxa de participação caiu de 21,7% para 19,6% e, entre aqueles com ensino fundamental incompleto, de 43,4% para 42,2%. Para os indivíduos com maior escolaridade, observou-se estabilidade na taxa de emprego.

Na educação, a Rede Estadual atende a 769.523 alunos no ensino fundamental. No ensino médio regular, o Governo Estadual do Rio Grande do Sul é responsável pela matrícula de 405.225 alunos. No ensino médio profissional de nível técnico, atende a 24.649 alunos e ainda a 74.404 alunos de Educação de Jovens e Adultos no ensino fundamental (supletivo presencial). Os alunos são atendidos em 2.888 estabelecimentos escolares de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e em 1.360 estabelecimentos de ensino médio.

A taxa de alfabetização do Estado é de 94% (população residente de 10 anos ou mais de idade). As taxas de rendimento no ensino fundamental são de: 82,6%, no que se refere à aprovação, 13,6%, quanto à reprovação e 3,8%, quanto ao abandono. O tempo médio de permanência no ensino fundamental é de 8,7 anos, segundo os dados do INEP (2001).

A taxa de escolarização líquida para o Ensino Médio – percentual da população na faixa de 15 a 17 anos matriculada neste nível de ensino – aumentou entre 1980 e 2000, sofrendo um acréscimo de mais de 100%. Mesmo assim, somente 45,3% da população na faixa etária de 15 a 17 anos encontravam-se matriculados no nível de escolaridade adequado, em 2000.

A taxa de distorção idade-série, que mede a proporção de alunos com idade superior à adequada em cada série, em 2003, foi de 39,2% no Estado, enquanto que a média brasileira foi de 49,3%. Deve-se destacar que esta passa de 50% em 17 estados brasileiros. A necessidade de aumentar a escolarização, devida às exigências do mercado de trabalho, tem trazido de volta a este nível de ensino um grande número de alunos que interromperam seus estudos ao término do ensino fundamental.

O Censo Escolar de 2005<sup>3</sup> registrou, no Estado do Rio Grande do Sul, 1.631.450 matrículas no ensino fundamental e 473.182 no ensino médio. Nos últimos cinco anos, evidenciou-se o retorno dos jovens à sala de aula. A população com mais de 15 anos de idade, que abandonou ou não teve a oportunidade de freqüentar a escola, está agora mais presente no sistema de ensino, segundo os indicadores oficiais (MEC/INEP/SEEC).

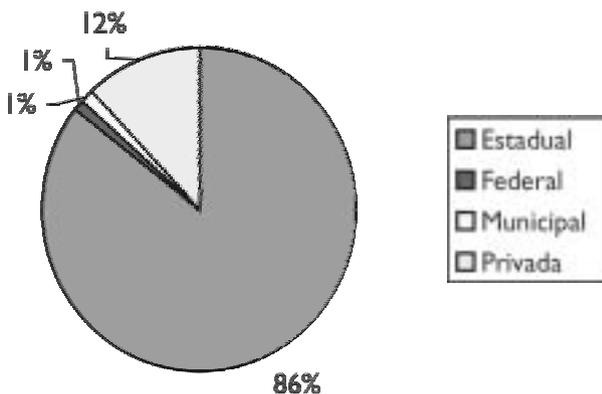
Segundo determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), os Estados devem assumir a responsabilidade administrativa e pedagógica do ensino médio. No Brasil, em 2005, 87% dos alunos desse nível de ensino estão em escolas públicas, sendo que 85% das matrículas estão concentrados nas redes estaduais.

No Rio Grande do Sul, conforme atesta o Gráfico 2, 88% dos alunos do ensino médio estão na rede pública, sendo que, destes, 85% estão concentrados na rede estadual de ensino. Verifica-se que, na rede privada, estão 12%, sendo o restante dividido entre a rede federal e a municipal.

---

<sup>3</sup> Dados preliminares divulgados em outubro de 2005.

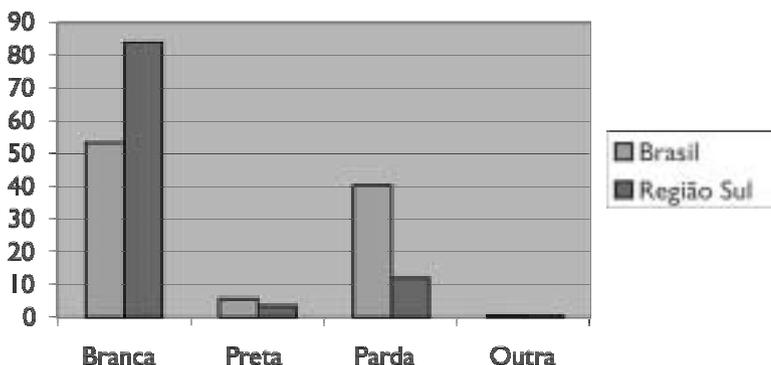
**GRÁFICO 2 – Número de matrículas no ensino médio regular por dependência administrativa – Rio Grande do Sul**



Fonte: Censo Escolar 2005<sup>4</sup>.

Quanto à cor/raça, encontrava-se, em 2002, o seguinte quadro: 84% se disseram brancos, 3,4% pretos, 12,1% pardos e 0,5% não declararam cor/raça, segundo a PNAD, no Rio Grande do Sul.

**GRÁFICO 3 – Distribuição da população residente, do Brasil e da Região Sul, segundo a cor ou raça – 2001-2002**



Fonte: PNAD, 2002.

<sup>4</sup> Dados preliminares divulgados em outubro de 2005.

No Brasil, levando-se em conta as taxas de escolarização por grupos de idade e cor, alguns aspectos chamam a atenção: independente do grupo de cor/raça e da região do país, pode-se dizer que, em 2002, praticamente toda a população na faixa etária de 7 a 14 anos estava na escola. Porém, de uma maneira geral, as taxas de escolarização para os demais grupos de idade foram maiores para a população branca, quando comparada à preta e à parda.

Ao se avaliar o nível de ensino freqüentado por pessoas com 15 anos ou mais, fica mais evidente o grau de desigualdade de acordo com a cor. Enquanto metade dos jovens brancos com idade entre 15 e 24 anos estava cursando o ensino médio, a mesma proporção de pretos e pardos ainda cursava o nível fundamental. No nível superior, essa desigualdade se repete: 21,7% dos brancos e 5,6% dos pretos e pardos cursam nível superior.

Com o desdobramento das faixas etárias, as diferenças se acentuam, ainda mais:

- Na faixa etária de 15 a 17 anos, 60% dos brancos e 36,3% dos pretos e pardos já haviam cursado o ensino médio;
- Na faixa etária de 18 a 19 anos, 23,9% dos brancos e 5,3% dos pretos e pardos cursavam o ensino superior;
- Na faixa etária de 20 a 24 anos, 57,2% dos brancos e 18,4% dos pretos e pardos cursavam o ensino superior.

A análise dos indicadores de educação, segundo a cor/raça da população, mostra que as taxas de analfabetismo, embora em declínio ao longo dos últimos anos, têm mantido as desigualdades de cor nos mesmos patamares.

Com relação à população de estudantes, enquanto metade dos brancos na faixa de idade entre 15 e 24 anos cursava o ensino médio, a mesma proporção de pretos e pardos ainda cursava o ensino fundamental. Na mesma faixa de idade, 21,7% de brancos estavam freqüentando o nível superior, mas apenas 5,6% de pretos e pardos.

Na pesquisa *Violências nas Escolas*, realizada pela UNESCO em 2002, Abramovay e Rua demonstram, por meio de amplo

levantamento extensivo, que 55% dos jovens alunos de 14 capitais brasileiras indicam ser muito fácil obter armas de fogo na escola ou perto dela, alertando, ainda, para o fato de que 67% dos jovens informaram que são utilizadas armas de fogo em ocorrências violentas nas escolas. Ainda, segundo o mesmo estudo, 30% da equipe técnico-pedagógica de Porto Alegre indicaram as dependências da escola como o local onde mais ocorrem violências.

Diante do quadro em que se encontra a maioria das grandes cidades brasileiras é que se constitui o terreno necessário para ações com as características do Programa Escola Aberta para a Cidadania.

No Estado gaúcho, com certeza, a situação da juventude não é muito diferente do resto do País. A cada ano, aumenta o número de adolescentes e crianças envolvidos em situação de vulnerabilidade social.

Pesquisa inédita recentemente produzida pela UNESCO e pelo Observatório de Violências nas Escolas, intitulada “Cotidiano das escolas: entre violências”, no prelo, compreendendo cinco capitais brasileiras, entre elas Porto Alegre, realizada com alunos, professores e corpo técnico pedagógico das escolas públicas das redes municipal e estadual, oferece um panorama bastante abrangente sobre a situação das violências que têm lugar nos espaços escolares:

- 59,4% dos alunos afirmam terem sido xingados na escola no último ano;
- 25,2% dos alunos foram ameaçados dentro das escolas;
- Por meio dos depoimentos obtidos, o corpo docente nutre um grande sentimento de medo, insegurança, abandono e impotência;
- 45% dos alunos foram punidos em suas escolas no último ano, a partir dos seguintes mecanismos: transferência de estabelecimento, chamada dos pais à escola, pontuação negativa, advertência oral ou escrita, etc.
- 7% dos alunos afirmam ter apanhado de alguém nos espaços escolares no último ano, ao passo que 24,5%

- atestam ter batido em alguém em suas escolas, reforçando o princípio da valorização do agressor e da força bruta;
- Os professores também relatam ter sido vítimas de agressão por parte dos alunos nas escolas;
  - 19% dos alunos de cor auto-declarada preta e parda afirmam terem sido discriminados na escola, enquanto que um número bem menor de brancos (cerca de 3%) alega o mesmo;
  - Quanto às armas, 40% dos alunos gaúchos afirmam já ter visto armas em suas escolas, o que confere à capital gaúcha a maior porcentagem obtida entre as outras cinco capitais pesquisadas;
  - 17,2% dos alunos também já viram revólveres na escola, repetindo o maior percentual atingido entre as capitais da pesquisa;
  - 27% do alunado já viram canivetes nos espaços escolares, ao passo que 17% já se depararam com facas e 8,2% já viram punhais;
  - 68,2% dos alunos afirmam haver furtos nas escolas, ao passo que 33,2% também já foram furtados;
  - 68,8% do alunado dizem que suas escolas já foram invadidas por gangues, por pessoas ligadas ao tráfico de drogas ou, simplesmente, por estranhos;
  - 25% dos professores dizem existir tráfico de drogas em suas escolas, ao passo que 63% afirmam desconhecer tal situação, ratificando o princípio da existência da “lei do silêncio” nas instituições escolares.

A presença de drogas nas escolas vem sendo recorrentemente apontada como um dos problemas que são enfrentados no cotidiano escolar. Pesquisa realizada pela UNESCO em 14 capitais brasileiras, entre elas, Porto Alegre, no ano de 2002, aponta:

- 6% dos jovens gaúchos entre 15 e 24 anos utilizam algum tipo de droga ilícita todos os dias, quase todos os dias ou nos finais de semana;

- 8% deles afirmam já ter experimentado tal tipo de droga, mas não a utilizam atualmente;
- 4,7% dos jovens também dizem ter acesso à maconha e 1,4% à cocaína.

De maneira geral, constata-se a existência de adolescentes e jovens cujos níveis de escolaridade e de renda das famílias limitam suas condições de desenvolvimento e comprometem sua cidadania. Muitos deles já estão precocemente no mercado de trabalho, cumprindo jornadas excessivas que comprometem suas possibilidades de frequentar a educação básica, de ter acesso ao lazer, à cultura, ao esporte, além de outras vivências próprias da idade.

É nesse cenário onde vivem muitos jovens gaúchos. Eles se defrontam com a pobreza, com a corrupção, com a violência, com as doenças sexualmente transmissíveis, com o uso de drogas, com a gravidez precoce, enfim, com toda a sorte de problemas gerados pela exclusão social.

No entanto, paradoxalmente, eles têm em suas mãos uma legislação moderna a favor da garantia de seus direitos. Na área educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB prevê como finalidade da educação “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, dispondo, ainda, no mesmo artigo<sup>5</sup>, que esse é um dever da família e do Estado. Por sua vez, o Rio Grande do Sul também dispõe de mecanismo legal, tal como a Lei Nº 11.444/00 que criou a “Campanha Estadual Permanente de Combate à Violência em Instituições de Ensino”, originária do legislativo estadual.

---

<sup>5</sup> Lei Nº 9.394, de 20/12/96, artigo 2º.

## 2.2. “ORGANIZAÇÃO E PRINCÍPIOS/FUNDAMENTOS DO PROJETO”

Em 2003, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO firmou acordo de cooperação técnica com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria de Estado da Educação, para implantar o Projeto Escola Aberta para a Cidadania – PEAC em escolas da rede estadual, com o objetivo de oferecer a adolescentes, jovens e suas comunidades, em situação de vulnerabilidade social, oportunidades de acesso à cultura, ao esporte, à arte e ao lazer através da abertura de escolas públicas nos finais de semana, onde são desenvolvidas oficinas voltadas, prioritariamente, para a promoção da inclusão social.

O PEAC está inserido no marco mais amplo de atuação da UNESCO, voltado para o resgate dos valores essenciais da vida democrática, reconhecendo a necessidade da formulação de uma Cultura de Paz, baseada no respeito aos direitos individuais e coletivos, na diversidade cultural, na solidariedade e na justiça social.

O Programa é adaptado a cada localidade e escola em que é desenvolvido, a depender das especificidades locais. No caso do PEAC, ele é desenvolvido, atualmente, em 134 escolas da rede estadual de ensino, distribuídas em 28 Coordenadorias Regionais e na DPA (Divisão Porto Alegre). Em 2003, no início do Programa no Estado, apenas 50 escolas aderiram ao Programa.

No Rio Grande do Sul, o Programa Abrindo Espaços, denominado Escola Aberta para a cidadania tem suas ações voltadas aos alunos das escolas, seu entorno e à comunidade em geral e, preferencialmente aos adolescentes e jovens entre 12 e 24 anos.

A Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul/SE/RS elegeu o Projeto Escola Aberta para a Cidadania como uma de suas prioridades. Para desenvolvê-lo, foi constituída uma Equipe Central responsável pelo seu gerenciamento,

vinculada ao Departamento de Coordenação das Regionais – DCR, composta por um gerente do Projeto e de uma assessoria executiva, constituída de uma socióloga, uma psicóloga e um pedagogo. A referida Equipe conta, ainda, com o apoio de sete assessores técnico-administrativos, todos do quadro funcional do órgão.

A Equipe Central atua integrada e em colaboração com os demais departamentos e assessorias da SE/RS, quais sejam: Departamento Pedagógico, Departamento de Planejamento, Departamento de Recursos Humanos, Departamento Administrativo, Superintendência da Educação Profissional, Assessoria Jurídica, Assessoria de Comunicação Social e Gabinete do Secretário da Educação.

Para o monitoramento do Projeto junto às escolas, a Secretaria conta com um responsável em cada Coordenadoria Regional de Educação, designado pelo titular do respectivo órgão.

Nas escolas selecionadas para integrar o Projeto, atuam o Diretor, responsável pelo funcionamento do estabelecimento, inclusive nos finais de semana, e um Monitor, escolhido dentre as lideranças da comunidade escolar para ser o articulador do Projeto em nível local, com o objetivo de integrar a escola junto a seu entorno.

A proposta pedagógica do Projeto Escola Aberta para a Cidadania implica não apenas o trabalho com coordenadores regionais, diretores das escolas envolvidas, monitores e voluntários, mas procura contar, também, com os demais membros da comunidade escolar, de modo a instigar a escola a refletir sobre seu papel na construção de espaços para o exercício da cidadania.

As ações educativas do Projeto são desenvolvidas de forma que seus objetivos sejam compreendidos, refletidos e desenvolvidos na prática, tendo como premissa básica a consolidação de valores permanentes, o desenvolvimento de atitudes e a construção da paz, alicerçados nos quatro pilares do conhecimento propostos pelo Relatório Delors<sup>6</sup>:

---

<sup>6</sup> *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 1998.

“Aprender a Conhecer”, “Aprender a Fazer”, “Aprender a Viver Juntos” e “Aprender a Ser”.

Nessa perspectiva, a promoção da cultura de paz passa, obrigatoriamente, pela educação, na busca do exercício pleno da cidadania e em uma prática participativa, dialógica e democrática, transformando, assim, os sujeitos envolvidos em agentes da sua própria história e da sua comunidade.

O Projeto envolve diferentes atores, inclusive os que atuam no cotidiano da escola, viabilizando relações interpessoais entre os envolvidos na organização escolar e na produção do conhecimento. Assim sendo, alunos, professores, famílias e comunidade têm a oportunidade de tecer uma nova ética, baseada na compreensão, no respeito ao outro e na solidariedade e inserida, produtivamente, no ambiente onde as ações se processam.

Com a continuidade do PEAC e da concretização de seus objetivos, espera-se manter e ampliar os resultados positivos alcançados até o momento, sobretudo promovendo a inclusão social de jovens riograndesenses em situação de vulnerabilidade social.

No PEAC, assim como no Abrindo Espaços, do qual se originou, a escola é reconhecida como *locus* potencialmente privilegiado para dar início a esse processo, com ênfase no investimento em um processo de mudança de atitude e comportamento, tanto por parte da própria escola, como dos jovens expostos à violência (ABRAMOVAY et al., 2001). Parte-se do pressuposto de que a instituição escolar ainda é detentora de respeitabilidade junto aos jovens e às comunidades, na medida em que:

- é identificada como um espaço de referência e pertencimento, tendo em vista, entre outros fatores, a função social que ocupa nas comunidades, na condição de núcleo organizado legítimo e, muitas vezes, de ser o único equipamento público existente;
- é um local de acesso a todos os membros da comunidade, independente de estarem formalmente a ela vinculados;

- torna-se uma nova via, mais informal, que permite a aproximação com os jovens e a comunidade local ;
- apresenta-se especialmente permeável a condutas juvenis por agregar uma grande população jovem, em seu interior. A importância da escola como espaço de expressão de um modo de ser juvenil remonta ao fato de que “*nas sociedades avançadas, a criação de um espaço de vida autônomo pelas classes de idade mais jovens se realiza com a escolarização de massa.* (MELLUCI, 2001, p. 101, *apud* Corti, 2002, p.227)

Tomando por base esses fundamentos, o PEAC se organiza de acordo com as seguintes ações/atividades:

- Seleção, mediante critérios, dos membros da Equipe Central, dos assessores técnico-administrativos, dos representantes das CRE, dos monitores e dos consultores que atuam no Programa;
- Elaboração de acordos e de termos de parceria com instituições e entidades da sociedade gaúcha e das comunidades escolares que têm como meta a parceria com o Projeto, disponibilizando recursos humanos, serviços e/ou materiais;
- Realização de ações de capacitação<sup>7</sup> (cursos, encontros, seminários, reuniões e eventos similares) para representantes das CRE, diretores, monitores, e pessoal envolvido no Programa, voluntários ou não, para a qualificação do trabalho desenvolvido;
- Participação dos membros da Equipe Central, assessores administrativos e consultores em cursos, encontros, seminários e palestras visando à formação continuada na temática do Programa;

---

<sup>7</sup> É importante ressaltar que a UNESCO desde o início da implantação do Programa Abrindo Espaços em 2000, realiza com seus parceiros, nos diversos Estados e Municípios, capacitações e treinamentos envolvendo os diferentes atores que participam do Programa visando criar uma unidade conceitual e metodológica, respeitando a diversidade e as peculiaridades locais.

- Realização do cadastramento de alunos das diferentes áreas dos cursos universitários e membros de diversas entidades da sociedade civil organizada e da própria comunidade para atuarem como facilitadores de oficina;
- Realização de encontros para a formação de grupos de trabalho, em cada escola;
- Capacitação dos facilitadores das oficinas para uma atuação inspirada em valores humanos;
- Otimização de recursos físicos e materiais disponíveis nas escolas e na comunidade para qualificar as oficinas programadas;
- Articulação e instrumentalização de todos os sujeitos que atuam no Programa, tendo em vista uma ação pedagógica contínua, permanente e inspirada em uma cultura de paz;
- Implementação de parcerias para o Programa que contemplem diversas áreas da atividade humana e interesses variados das diferentes faixas etárias do público-alvo, com prioridade para os jovens;
- Realização de atividades coordenadas e executadas pela escola, em articulação com a comunidade, para construir a cultura da participação, nos finais de semana e durante a semana;
- Utilização de boletins informativos, convites, avisos em murais, carro de som e outros recursos para a divulgação da programação dos finais de semana;
- Estabelecimento de parcerias tanto com instituições e entidades que desenvolvam atividades inovadoras e de interesse da comunidade, quanto com a mídia, para divulgação da programação a ser desenvolvida pelas escolas;
- Envolvimento do Conselho Escolar, do Círculo de Pais e Mestres, do Clube de Mães e do Grêmio Estudantil nas atividades programadas para os finais de semana;
- Realização de levantamento das principais causas de violência que afetam os jovens e das possíveis soluções a serem encaminhadas pela escola, em conjunto com a comunidade;

- Capacitação dos executores das atividades nas escolas para a realização de ações educativas baseadas em valores humanos, enfatizando a ética, a solidariedade, a valorização do outro e o respeito mútuo;
- Desenvolvimento de ações educativas para enfrentar os problemas levantados;
- Ampliação do acervo de bibliotecas escolares com livros e outros materiais de interesse para o público-alvo;
- Envolvimento dos jovens na organização do acervo do Projeto em cada escola;
- Realização do planejamento de ações, com a participação de jovens da comunidade, conforme os principais problemas levantados;
- Recrutamento de alunos da escola, ex-alunos e jovens da comunidade que possam contribuir no planejamento e na execução das atividades programadas;
- Realização de encontros de intercâmbio entre as escolas do Projeto e outras atividades culturais, artísticas e esportivas, com ênfase no protagonismo juvenil;
- Organização de grêmios estudantis, grupos culturais (de música, dança, teatro, folclore, língua estrangeira, etc.), times esportivos e outros;
- Edição de publicações, tais como revista anual e cadernos pedagógicos, bem como produção de fitas de vídeo sobre o Projeto, com o envolvimento dos jovens e da comunidade.

O PEAC se implementa através da oferta de oficinas nas escolas nos finais de semana. Entretanto, o Programa se constitui em uma ação mais abrangente do que a abertura das escolas e a oferta de oficinas, pois tais atividades terminam por gerar um processo mais amplo de caráter educativo e voltado para o desenvolvimento humano.

Trata-se por um lado de uma ação aparentemente simples que oferece aos jovens uma opção com a abertura das escolas aos finais de semana, criando um vínculo entre escola e comunidade. Por outro, torna-se um processo complexo, tanto

em função do contexto social que envolve as comunidades onde estão as escolas participantes do Programa, quanto em função da adoção de atividades que ultrapassam a educação formal.

Desse modo, o Programa Escola Aberta inova ao propor uma metodologia de ação transformadora em educação para o mundo em que vivemos. Revelar o que o PEAC vem ensinando e aprendendo nas práticas que formatam o cotidiano é o desafio que a avaliação do Programa pretende apresentar neste trabalho.

### 3. PERFIL DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PARTICIPANTES DO PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA

A fim de dar a conhecer alguns dos principais traços que caracterizam os estudantes dos estabelecimentos que desenvolvem o Projeto Escola Aberta para a Cidadania, no presente item será delineado seu perfil geral, elaborado com base nas respostas contidas nos instrumentos aplicados.

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ALUNOS

Como visto na metodologia, foram entrevistados 4.606 alunos de 50 escolas que desenvolvem o Projeto Escola Aberta, todos eles estudantes da educação básica. A tabela seguinte oferece uma visão geral a propósito do nível de ensino e da escolaridade dos respondentes. A maior parte (73,8%) é de alunos do ensino fundamental, sendo que 45,4% estão matriculados nas duas primeiras séries do segundo segmento (5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries). Dos alunos do ensino médio, a maior concentração está localizada na 1<sup>a</sup> série desse segmento (12,5%), sendo que a 3<sup>a</sup> série agrupa o menor índice geral (6,3%).

Quanto ao turno em que estudam os alunos, sua quase totalidade (4.552, ou 99%) frequenta o período diurno. Tal variável está certamente relacionada à faixa etária dos respondentes, visto que é no turno diurno onde se encontram os alunos mais jovens. Conforme demonstra a tabela 2, o grupo mais populoso da amostra é o que vai dos 9 aos 14 anos (66,7%). A faixa de jovens (15 a 24 anos) agrega significativa porcentagem de 32,9%. Apenas 0,3% possuem mais de 25 anos.

**TABELA I – Proporção e número de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o nível de ensino e a série – 2005**

Escolaridade		Total de alunos	
Nível de Ensino	Série	Nº	(%)
Fundamental	5ª série	1149	24,9
	6ª série	944	20,5
	7ª série	606	13,2
	8ª série	700	15,2
	Subtotal	3399	73,8
Médio	1º ano	576	12,5
	2º ano	342	7,4
	3º ano	289	6,3
	Subtotal	1207	26,2
<b>Total geral</b>		<b>4606</b>	<b>100,0</b>

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Reiterando os números dos censos escolares realizados nos últimos anos, que apontam uma maior participação de mulheres nas escolas (INEP, 2004), 52,7% dos alunos pesquisados são do sexo feminino.

Também de acordo com os dados divulgados no Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2000) relativos à população gaúcha, observa-se uma predominância de estudantes que se autodeclararam brancos (58,4), contra 12,1% de pardos, 9,8% de negros e 2,4% de indígenas.

Atente-se para o significativo percentual de 15% de respondentes – o segundo maior do quesito – que assinalaram não saber qual a sua respectiva cor ou raça<sup>8</sup>. Tal situação sugere que o debate em

<sup>8</sup> A título de ilustração, ao serem desagregados os números relativos à cor ou raça dos alunos em função de sua participação ou não no Projeto, o quadro se modifica significativamente. Nessa situação, o que se constata é um decréscimo do número de alunos participantes que se declaram brancos (50,7%) em relação ao daqueles que nunca participaram (66,1%).

torno desse assunto deve ser mais bem aprofundado, no sentido de que sejam dadas a conhecer as possíveis causas desse alegado desconhecimento.

**TABELA 2 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a faixa etária, o sexo e a auto-identificação de cor ou raça – 2005**

Especificação		Alunos (%)
Faixa etária	De 9 a 14 anos	66,7
	De 15 a 24 anos	33,0
	De 25 anos ou mais	0,3
Sexo	Masculino	47,7
	Feminino	52,3
Cor ou raça	Amarelo	2,2
	Branco	58,4
	Pardo	12,1
	Preto	9,8
	Indígena	2,4
	Não sabe	15,0

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Cerca de 80% dos alunos moram nas comunidades onde estão instaladas suas escolas, sinalizando um grande potencial em termos de maior participação dos jovens na vida dessas instituições, até por conta de sua maior proximidade geográfica com as mesmas.

A tabela seguinte, em que se observa uma paridade bastante acentuada em quase todos os quesitos, sinaliza o grau de escolaridade dos pais ou responsáveis declarado pelos estudantes. Percebe-se, assim, que a maioria ainda não teve acesso pleno à

educação básica, uma vez que a maior parte deles tem apenas até o ensino fundamental (53% dos pais e 56,8% das mães), com uma concentração maior nos grupos de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries incompletas (25,9% e 27,9%). Torna-se importante destacar que, apesar da baixa escolaridade de seus pais, é reduzido o número de estudantes que declaram possuir pai ou mãe que não sabem ler ou escrever.

Embora não se constitua em objeto de estudo o aprofundamento do perfil geral dos estudantes das escolas não-participantes do Programa, em virtude de ser bastante similar ao das que dele participam, vale ressaltar que nesse aspecto ocorreu uma diferença considerável entre tais estabelecimentos. Deste modo, observou-se escolaridade mais elevada dos pais ou responsáveis dos alunos das escolas não-participantes, sobretudo no que diz respeito à conclusão do ensino médio (16% dos pais e 16,8% das mães).

**TABELA 3 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a escolaridade do pai e da mãe (ou responsável) – 2005**

Escolaridade	Total de alunos (%)	
	Pai ou responsável	Mãe ou responsável
Não sabe ler nem escrever	2,1	2,6
Ensino fundamental de 1 <sup>a</sup> à 4 <sup>a</sup> série	18,3	20,0
Ensino fundamental de 5 <sup>a</sup> à 8 <sup>a</sup> série incompleto	25,9	27,9
Ensino fundamental completo	8,7	8,9
Ensino médio incompleto	7,9	8,3
Ensino médio completo	10,7	10,2
Ensino superior incompleto	2,0	2,0
Ensino superior completo	4,6	4,3
Pós-graduação	1,3	2,1
Não sabe / não lembra	18,5	13,6

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

A maioria dos estudantes (76,1%) mora em composições familiares de até cinco pessoas, sendo que 87,4% declaram não dispor de empregados domésticos. Quanto aos elementos que compõem sua moradia, a tabela 4 oferece um panorama bastante abrangente sobre o assunto.

De modo geral, os respondentes vivem, na sua maioria, em residências compostas de uma sala (80%), uma cozinha (93%), um banheiro (73,8%) e dois (41,9%) ou três (38,9%) quartos. A geladeira e a televisão são os eletrodomésticos mais presentes nesses lares, encontrando-se em cerca de 97% deles.

Por sua vez, e ainda que os jovens afirmem, em uma série de estudos e pesquisas (ESTEVES et al., 2005; ABRAMOVAY et al. 2001, 2003), a crescente importância da informática em suas vidas, seja na vida escolar, na aquisição de trabalho ou em seu cotidiano, o computador ainda é um artigo raro nas residências dos entrevistados. Isto porque tal ferramenta e um de seus periféricos – a impressora – são, dentre todos os itens apresentados, os que estes declaram possuir menos: 72% e 78%, respectivamente<sup>9</sup>.

Considerando o papel central que assume a música na vida dos jovens, seja como instrumento de expressão, seja como passatempo – uma vez que, de acordo com a tabela 5, ouvir música todos os dias, fora da escola, foi o item citado com maior frequência pelos alunos (47,7%) -, também é significativo o índice dos que não dispõem, em suas casas, de, pelo menos, um aparelho de CD (27,7%).

---

<sup>9</sup> Note-se, entretanto, que tal porcentagem é superior àquela verificada em nível nacional. Pesquisa recentemente realizada visando, entre outros objetivos, aferir o nível da exclusão tecnológica no país atesta que somente 16,6% das casas brasileiras possuem computadores de mesa (NOVO, 2005). No que diz respeito à situação dos docentes, estudo intitulado “Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...”, demonstra que, embora também considerem o equipamento fundamental para o desempenho de suas atividades profissionais, apenas 50,5% deles dispõem de computadores em seus domicílios (UNESCO, 2004).

**TABELA 4 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os itens que têm em sua casa – 2005**

Itens	Percentual de alunos por n° de itens (%)				
	0	1	2	3	4 ou mais
Sala	3,9	80,0	14,0	1,4	0,7
Quartos	0,4	7,7	41,9	38,9	11,0
Cozinha	0,6	93,0	5,8	0,5	0,2
Banheiro	0,5	73,8	20,9	3,7	1,2
TV em cores	2,7	37,9	36,4	16,2	6,8
Videocassete/ DVD	38,2	52,5	7,9	1,0	0,5
CD Player	27,7	48,3	16,8	4,6	2,7
Geladeira	3,0	85,3	10,3	1,0	0,4
Freezer	39,8	52,6	5,8	1,1	0,6
Tanquinho	28,1	66,3	5,2	0,3	0,1
Máquina de lavar roupas	17,3	77,1	5,1	0,4	0,1
Secadora	58,1	40,1	1,6	0,0	0,1
Aspirador de pó	62,5	35,5	1,6	0,1	0,1
Computador	72,0	24,8	2,4	0,6	0,2
Impressora	78,0	20,1	1,5	0,3	0,2
Automóvel	42,2	46,1	8,6	2,1	1,0

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

A tabela anterior demonstra ainda que uma expressiva porcentagem de jovens (38,2%) não possui aparelho de videocassete ou DVD em suas casas, o que certamente está relacionado ao fato do também significativo número deles que, de acordo com a tabela seguinte (Tabela 5), declarou não ter o costume ou quase nunca ver filmes alugados (24% e 16,4%, respectivamente).

A exemplo de diversos outros estudos realizados com jovens de diferentes origens e regiões do País (ABRAMOVAY, 2001),

a tabela 5 atesta o lugar central que a televisão ocupa na vida do jovem gaúcho. Descontados os 7,2% que ou não têm o costume ou que quase nunca assistem TV, os 92,8% restantes têm no veículo a mais freqüente forma de passar o tempo quando fora da escola.

A sociabilidade é também um traço bastante marcante desses alunos, visto que, somados os itens “às vezes”, “quase todo dia” e “todo dia”, encontrar os amigos foi a segunda maior atividade por eles declarada. Note-se que 10,9% dos estudantes nunca ou quase nunca têm tal hábito fora do espaço escolar.

Os alunos dos estabelecimentos que desenvolvem o PEAC também se caracterizam pela pouca disponibilidade. Observa-se, assim, que, somados os dois últimos itens do quesito, apenas uma pequena margem (7,8%) declara passar o seu tempo à toa, contra 76% que nunca ou quase nunca se encontram nessa situação.

Outro traço desse alunado é o seu comprometimento com os afazeres domésticos. Como demonstra a tabela 5, cerca de 60% ajudam sempre ou quase sempre nessas tarefas, sendo que aproximadamente mais de 25% o fazem às vezes. Vale destacar que quando tais números são desagregados entre alunos das escolas participantes e das não-participantes do PEAC, os primeiros declaram se comprometer significativamente mais do que os últimos: 42,1% contra 33,7%, respectivamente.

O estudo e as atividades extra-escolares também ocupam uma significativa parcela dos dias desses jovens (67,8%). Por outro lado, a leitura de livros e revistas é inexistente ou quase inexistente para 43,8% deles. Apenas um percentual de 20,7% indica ler sempre ou quase todos os dias.

Coerentemente com o assinalado na tabela anterior 4, onde se viu que a grande maioria dos estudantes não dispõe de computadores em suas residências, passar o tempo fora da escola no computador é a atividade menos freqüente dos alunos, visto que 63,4% não têm esse hábito. Tal aspecto assume contornos preocupantes ao se considerar que as pessoas que não têm acesso a computadores e à Internet são, justamente, aquelas que têm menos oportunidades de trabalho e integração

social, o que, segundo o Comitê para Democratização da Informática, estaria fomentando o estabelecimento de “um novo *apartheid*” (NOVO, p. 31, 2005).

Vale adiantar, entretanto, que, conforme veremos em capítulo posterior, na análise comparativa entre os alunos das escolas que desenvolvem e os das que não desenvolvem o Projeto, o uso desses instrumentos é significativamente maior entre aqueles das escolas participantes.

**TABELA 5 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo as atividades que costumam fazer fora da escola – 2005**

Atividade	Não costuma	Quase nunca	Às vezes	Quase todo dia	Todo dia
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Ver televisão	3,8	3,4	29,2	22,8	40,9
Ver filmes alugados	24,0	16,4	47,6	8,7	3,2
Namorar	33,9	9,5	31,5	13,3	11,8
Praticar esportes	10,6	12,7	33,2	21,7	21,7
Encontrar os amigos	4,6	6,3	25,5	25,7	38,0
Ouvir música	3,7	5,3	20,3	22,9	47,7
Ler livros / revistas	20,8	23,0	35,6	11,8	8,9
Jogar videogame	35,2	15,7	25,8	10,3	13,0
Ficar no computador	63,4	9,3	12,8	7,1	7,4
Ficar na rua	26,3	15,9	27,0	14,6	16,2
Ajudar nas tarefas de casa	6,8	9,1	24,8	18,2	41,1
Estudar / fazer tarefas escolares	3,9	5,5	22,8	26,8	41,0
Ficar sem fazer nada	54,1	21,9	16,2	4,1	3,7

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “O que você costuma fazer fora da escola?”.

Quando perguntados sobre as atividades de caráter socio-cultural desenvolvidas nos últimos 12 meses, as respostas dos alunos das escolas participantes do Projeto Escola Aberta oferecem o quadro delineado na tabela 6, a seguir.

Um primeiro olhar sobre os números disponibilizados revela que, de modo geral, os jovens pesquisados têm uma vida sociocultural bastante restrita. Como patente, as colunas relativas ao não-comparecimento e à ida uma ou duas vezes no ano a esse tipo de eventos são as que apresentam os maiores percentuais.

A exemplo de outros estudos realizados com a juventude brasileira (IBASE, 2005; ABRAMOVAY), atividades mais diretamente relacionadas à cultura também são as menos freqüentes na vida dos jovens gaúchos: no último ano, 78,5% deles declararam não ter ido ao teatro. Além disso, cerca de 70% não visitaram museus, compareceram a exposições de arte ou a concertos musicais e 51,6% tampouco foram ao cinema, numa demonstração do quanto a freqüência a esse tipo de atividades – por uma série de motivos, tais como os altos preços dos ingressos, a desinformação, a falta de acesso, companhia e condução, o não planejamento, etc. – é desestimulada entre a juventude. Deve-se adiantar, no entanto, que, como será visto mais detalhadamente em tópico posterior, tais números apresentam expressivas variações quando decompostos entre os jovens participantes e os não participantes do Projeto.

Embora a maior parte dos jovens também declare possuir uma religião (IBASE, 2005), os estudantes ouvidos têm uma freqüência relativamente escassa a atividades de caráter religioso. Assim, cerca de 65% deles declaram, ou não ter ido (39%), ou a ida por apenas uma ou duas vezes a tais eventos (25,2%). Vale ressaltar, entretanto, que a porcentagem dos que compareceram a mais de dez desses eventos é a segunda maior (19,2%) na respectiva coluna, numa demonstração do compromisso de uma também significativa parcela de entrevistados, principalmente quando se leva em conta sua faixa etária.

Além das atividades de caráter religioso, a ida a parques e praias (20,1%) e a festas e bailes (18,6%) foram alternativas com as maiores porcentagens de frequência, revelando aquelas que se constituem, de fato, as alternativas mais prazerosas ou mais acessíveis aos jovens pesquisados.

**TABELA 6 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação e frequência em atividades socioculturais – 2005**

Atividade/evento	não foi	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 a 10 vezes	mais de 10 vezes
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Cinema	51,6	28,3	10,2	5,3	4,6
Teatro	78,5	16,2	3,2	1,1	0,9
Museus / exposições de arte / concertos de música	69,8	23,1	4,7	1,0	1,4
Shows musicais	47,5	29,0	11,3	5,2	7,0
Bailes / festas	26,2	29,6	15,6	9,9	18,6
Bares	52,4	21,0	7,7	6,2	12,7
Atividades religiosas	39,5	25,2	9,8	6,3	19,2
Parque / praia	25,8	30,1	14,2	9,8	20,1

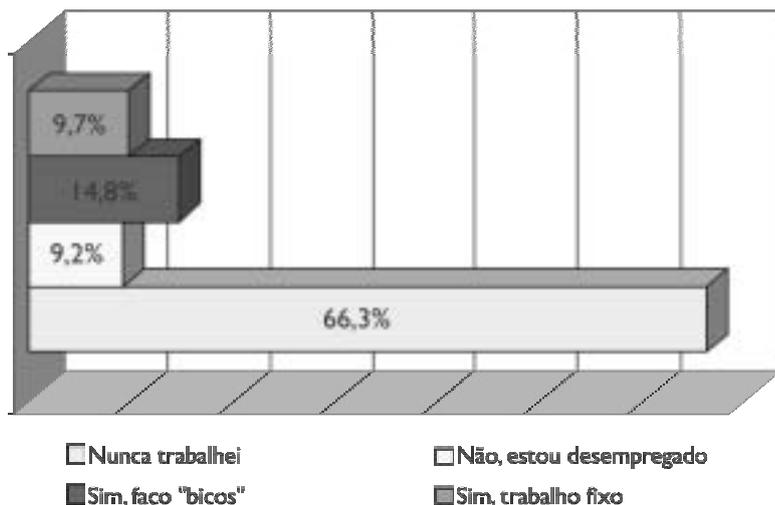
Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos doze meses, quantas vezes você foi ao cinema, teatro, museus / exposições de arte / concertos de música, shows musicais, bailes / festas, bares, atividades religiosas, parque / praia?”.

No que diz respeito ao trabalho, o gráfico seguinte oferece um panorama da situação verificada entre os entrevistados. Certamente, por conta da pouca idade da maioria deles – uma vez que, como já pontuado, 66,7% têm entre 9 e 14 anos -, dois

terços afirmam nunca ter trabalhado (66,3%). Por outro lado, cerca de 25% se declaram trabalhadores, tanto de forma fixa (9,7%) quanto esporádica (14,8%), e 9,2% se dizem desempregados, taxas essas que permitem inferir uma certa vivência dos entrevistados no mundo do trabalho e que, somadas (33,7%), tornam-se expressivas, principalmente quando se considera que, praticamente, a mesma proporção dos entrevistados – ou seja, 33,3% – tem idade superior a 15 anos.

**GRÁFICO 4 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o trabalho – 2005**



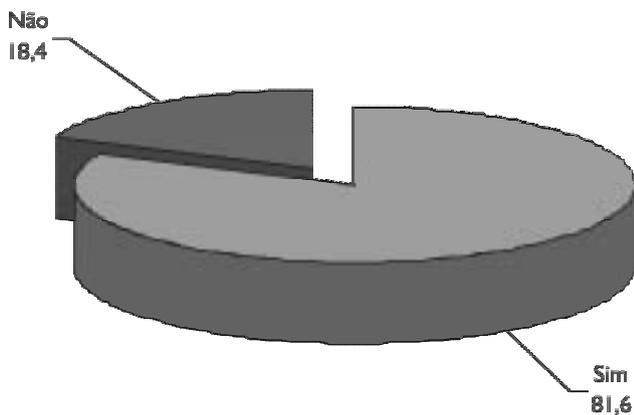
Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: "Atualmente, você trabalha?".

O último gráfico deste perfil de alunos das escolas participantes do PEAC corresponde ao seu conhecimento ou não do Projeto, naqueles estabelecimentos. Ainda que a grande maioria afirme conhecer a iniciativa (81,6%), o percentual de estudantes que a ignora, embora bem menor, é também

expressivo. Isso indica que, apesar dos avanços detectados nessas escolas após a implantação do PEAC, conforme será demonstrado no próximo item, existe ainda um considerável percentual de estudantes que não foram mobilizados no sentido de participar das atividades oferecidas, no âmbito do Programa Escola Aberta, nesses estabelecimentos.

**GRÁFICO 5 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o conhecimento do Projeto – 2005**



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Você conhece o Programa Escola Aberta para a Cidadania?”.

## 4. PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA: O QUE MUDA NA SITUAÇÃO DAS ESCOLAS E NA DOS ATORES PARTICIPANTES

Transcorridos cerca de dois anos desde a implantação do PEAC no Estado do Rio Grande do Sul, uma série de diferenças podem ser percebidas na vida tanto das escolas quanto na dos atores que dele participam, algumas das quais bastante significativas. Por conta disso, no presente item, serão apresentadas aquelas diferenças consideradas estatisticamente mais relevantes, comportando, de modo geral, indicativos de melhoria do clima escolar, da qualidade do ensino, da inter-relação entre os atores que fazem parte do contexto escolar, entre outros.

Vale ainda destacar que, quando analisada a totalidade dos dados provenientes da etapa quantitativa da pesquisa, o que se percebe, em praticamente todas as questões passíveis de comparação (seja entre a situação das escolas que participam e a das que não participam do Projeto, seja entre a dos jovens participantes e a dos não-participantes que também são alunos das escolas do PEAC), é um maior índice dos percentuais considerados positivos tanto das escolas quanto dos alunos participantes do Programa. Embora algumas dessas diferenças não tenham relevância estatística – razão pela qual não são aqui abordadas –, sinalizam uma mudança geral, para melhor, nas relações intra e extra-muros atualmente estabelecidas pelas escolas que aderiram ao PEAC.

#### 4.1 ESCOLAS PARTICIPANTES E NÃO-PARTICIPANTES DO PROJETO ESCOLA ABERTA: MUDANÇAS QUE FAZEM A DIFERENÇA, NA VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES

Como sinalizado, ao serem confrontados os dados relativos às escolas que desenvolvem e aquelas que não desenvolvem o PEAC, obtidos na etapa quantitativa, uma série de diferenças bastante marcantes foi se revelando, diferenças estas que, conforme será demonstrado, são mais bem interpretadas se entendidas como decorrentes dos efeitos positivos que o Projeto vem granjeando para as escolas participantes.

A tabela 7 oferece uma visão do quanto os estabelecimentos escolares inclusos no PEAC vêm, nos últimos seis meses, na visão de seus alunos e professores, ampliando a oferta de atividades esportivas, ações essas que, em função de sua grande demanda pelos jovens, constituem um dos eixos centrais do Programa Escola Aberta. Assim, ao se fazer a comparação das respostas dos alunos daquelas escolas com as do alunado das não-participantes, nota-se que, na opinião dos primeiros, houve um expressivo aumento de cerca de 10% na oferta de tais atividades.

Por seu lado, na visão dos professores dos mesmos estabelecimentos, o aumento da prática desportiva foi ainda mais significativo, uma vez que atestado por expressivos 72,5%, percentual que quase dobra os 34,9% de percentual aferido entre o corpo docente das escolas que não desenvolvem o PEAC.

Um outro importante eixo do Projeto, a ampliação da oferta de atividades culturais – consideradas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (MEC/SEF, 1998) como indispensáveis para uma formação mais abrangente e cidadã dos educandos – foi também percebido de forma bem mais presente nas escolas participantes. Como pode ser constatado na tabela seguinte, quase o dobro dos alunos desses estabelecimentos (27,7%) considera ter havido, nos últimos meses, um incremento nas atividades culturais desenvolvidas naqueles espaços, quando comparado ao percentual oriundo daqueles não envolvidos (14,2%).

**TABELA 7 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a oferta de atividade esportiva – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	52,1	42,4	72,5	34,9
Está igual	39,0	45,8	19,6	48,8
Diminuiu	8,9	11,7	7,8	16,3

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos e aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a atividade esportiva aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Também nesse item, são os professores que detectam os maiores percentuais de mudanças nas escolas que aderiram ao PEAC: 70% deles consideram ter havido aumento das atividades culturais naqueles estabelecimentos, percentual 56% maior do que o aferido nas escolas não-participantes. Outro dado digno de nota é que para nenhum desses docentes houve diminuição nessas atividades, enquanto que, para 16% daqueles oriundos de escolas que não integram o Projeto, observaram decréscimo.

**TABELA 8 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a oferta de atividade cultural – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	27,7	14,2	70,0	14,0
Está igual	53,1	58,5	30,0	69,8
Diminuiu	19,2	27,3	0,0	16,2

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos e aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a atividade cultural aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Ainda que considerada como de fundamental importância para o bom andamento das ações educativas, uma vez que, entre outros fatores, reforça o sentido de pertencimento e identidade dos alunos em relação às escolas, a participação destes nesses espaços é uma meta ainda bastante distante de ser alcançada. Tal situação pode ser mais bem entendida quando se atenta para o contexto marcadamente autoritário em que vem se processando, ao longo do tempo, a maior parte das relações estabelecidas na escola, desde o advento dessa instituição social.

Nessa direção, recente estudo, elaborado com base na leitura de 1.777 cartas de jovens do ensino médio contando como é a sua escola e qual seria a escola de seus sonhos (ESTEVEZ et al., 2005), ressalta que:

Uma efetiva participação dos alunos na vida da escola e da comunidade implicaria numa necessária quebra dos códigos formais ou simbólicos que sustentam a historicamente pouco flexível estrutura hierárquica da escola, ou seja, na democratização das relações de poder consubstanciadas desde há muito na instituição. Entretanto, esses códigos têm raízes profundas nos padrões culturais da sociedade como um todo (...) (p. 122).

Com base em tais pressupostos, ao serem observados os números da tabela 9, a seguir, pode-se inferir que a abertura dos espaços escolares nos finais de semana pode se constituir em potencial canal de ampliação da participação dos jovens nos espaços escolares. Concorrendo, portanto, para a efetiva superação dos códigos formais ou simbólicos que, de acordo com os autores, dão sustentação à “pouco flexível estrutura hierárquica da escola”. Isso porque, conforme fica evidenciado na comparação entre os estabelecimentos escolares que desenvolvem e aqueles que não desenvolvem o PEAC, observa-se que a percepção do alunado dos primeiros quanto à sua própria participação naqueles ambientes aumentou, de modo significativo, nos últimos seis meses: 41% contra 32,2%.

**TABELA 9 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos alunos – 2005**

	Alunos (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	41,0	32,2
Está igual	47,0	51,6
Diminuiu	12,0	16,3

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a participação dos alunos aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Uma vez mais, são os docentes os atores que atestam um maior grau de transformação nas instituições em que se desenvolve o Projeto. Conforme demonstra a tabela seguinte 10, de acordo com sua percepção, houve um aumento de 42,3% na participação do alunado naquelas escolas, o que denota uma incontestável mudança de atitude por parte deste, ao passo que apenas 19% dos profissionais dos demais estabelecimentos assinalam a mesma situação.

**TABELA 10 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos alunos – 2005**

	Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	42,3	19,0
Está igual	48,1	66,7
Diminuiu	9,6	14,3

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a participação dos alunos aumentou, está igual ou diminuiu?”.

A percepção dos professores sobre as escolas em que trabalham amplia ainda mais o leque de indicadores positivos observados em tais estabelecimentos após a implantação do Projeto. Isso porque, também no que diz respeito à participação dos pais naqueles espaços, verifica-se uma diferença expressiva em relação às escolas não-participantes: 23,6% e 9,5%, respectivamente.

**TABELA 11 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos pais – 2005**

	Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	23,6	9,5
Está igual	68,6	54,8
Diminuiu	7,8	35,7

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a participação dos pais aumentou, está igual ou diminuiu?”.

A tabela anterior também aponta, na opinião dos professores, uma diferença bastante expressiva em relação ao decréscimo na participação dos pais nas escolas participantes e nas que não participam do PEAC (7,8% e 35,7%, respectivamente), situação que volta a ser verificada quando o assunto é o interesse daqueles pela vida escolar de seus filhos. Conforme pode ser observado na tabela 12, ainda que o índice relativo à diminuição desse tipo de interesse tenha aumentado nos estabelecimentos parceiros do Projeto, saltando cerca de expressivos 10 pontos percentuais, ele praticamente se mantém naqueles que não desenvolvem o Programa.

O estado de coisas apresentado sinaliza que gestões no sentido de um maior envolvimento dos pais devem ser

realizadas na rede estadual gaúcha de educação, visando estancar, ou, pelo menos, minorar os possíveis efeitos daquelas situações detectadas que, como é de amplo conhecimento, são das principais responsáveis pelo nível de qualidade verificado no desempenho dos educandos.

**TABELA 12 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o interesse dos pais pela vida escolar dos alunos – 2005**

	Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	15,7	11,6
Está igual	66,7	55,8
Diminuiu	17,6	32,6

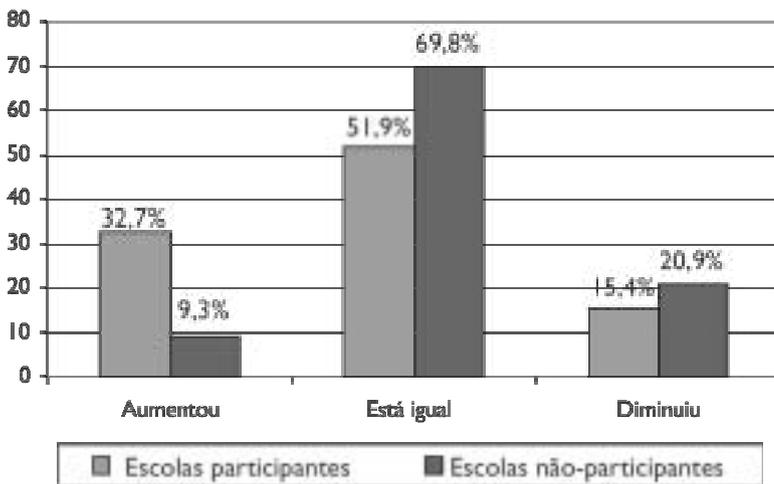
Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses o interesse dos pais pela vida escolar dos alunos aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Também no que diz respeito ao interesse demonstrado pelos alunos, nos últimos seis meses, na visão dos professores, as diferenças aferidas entre aqueles das escolas participantes e os das não-participantes do PEAC ficam bastante acentuadas. Como fica evidente no gráfico 6, para 32,7% dos docentes das instituições que desenvolvem o Projeto, houve um considerável aumento nesse sentido, ao passo que apenas 9,3% dos professores das que não desenvolvem a ação perceberam alguma melhora, o que atesta uma diferença de mais de 20% a favor das primeiras.

Conhecer a forma em que se encontra o relacionamento entre os atores escolares após a implantação do PEAC foi também um dos alvos da avaliação realizada. As respostas obtidas permitiram traçar um panorama cuja sistematização encontra-se na série de tabelas a seguir apresentadas.

**GRÁFICO 6 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio, participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o interesse dos alunos – 2005**



Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses o interesse dos alunos aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Uma vez mais, os professores superam o alunado na percepção de mudanças positivas nas escolas após a implantação do PEAC. A tabela 13 mostra que, embora também se verifique um leve indício de melhoria entre os alunos quando se referem às relações estabelecidas entre eles próprios, é o corpo docente das escolas participantes que diagnostica uma significativa porcentagem de 50% a esse propósito, abrindo uma vantagem de mais de 27% em relação à mesma percepção dos professores que lecionam nas instituições não-participantes.

O expressivo índice de melhoria na relação entre o alunado atestado pelos professores também se repete quando o assunto são as relações estabelecidas entre estes e seus alunos. Atente-se que, entre os alunos, apesar de um ligeiro declínio na porcentagem total relativa à melhoria em relação à verificada na questão anterior, também se amplia a vantagem das escolas que desenvolvem o PEAC sobre aquelas que não o desenvolvem, situando-se em cerca de 8%.

**TABELA 13 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Melhorou	51,8	46,7	50,0	22,7
Está igual	40,4	43,7	40,4	68,2
Piorou	7,8	9,6	9,6	9,1

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos e professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a relação entre os alunos aumentou, está igual ou diminuiu?”.

**TABELA 14 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos e professores – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Melhorou	47,6	39,0	50,0	22,7
Está igual	44,1	50,8	46,2	72,7
Piorou	8,3	10,2	3,8	4,6

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos e professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a relação entre os alunos e professores aumentou, está igual ou diminuiu?”.

As tabelas 15 e 16 dizem respeito às relações que os diretores das escolas pesquisadas vêm estabelecendo com seus professores e alunos, respectivamente. Nesse caso, em que pese o fato de também os docentes das escolas parceiras do PEAC terem apontado uma evolução positiva em suas relações com os diretores quando comparadas com a dos docentes das não-participantes (45,1% e 36,4%), são os alunos das primeiras que atestam os mais elevados índices de melhoria de suas relações com a diretoria, ou seja, 41,5% contra 29,1%.

A visita *in loco* a algumas unidades que adotaram o Projeto no Estado do Rio Grande do Sul permitiu detectar um expressivo comparecimento de diretores nas escolas nos finais de semana quando o PEAC se desenvolve, comparecimento este que se torna mais significativo quando comparado à reduzida participação dos docentes, nessas mesmas ocasiões. Deste modo, infere-se que essa maior proximidade daqueles com seus alunos, em situações de caráter marcadamente extra-classe, pode ter propiciado uma maior aproximação entre esses atores, conforme expresso por seu respectivo percentual.

**TABELA 15 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre professores e a diretoria – 2005**

	Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Melhorou	45,1	36,4
Permaneceu igual	51,0	54,5
Piorou	3,9	9,1

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a relação entre professores e a diretoria aumentou, está igual ou diminuiu?”.

O aumento da participação de pais e alunos nas escolas que desenvolvem o Programa e a melhoria no relacionamento entre os diversos atores que transitam no espaço escolar – especialmente no que diz respeito à relação que vem sendo estabelecida entre os professores e alunos com seus respectivos diretores – remetem a outros dois importantes indicadores de mudança percebidos nos questionários aplicados aos corpos tanto docente quanto discente das instituições que desenvolvem ou não o PEAC, cujos resultados constam nos dois gráficos a seguir.

**TABELA 16 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e diretor – 2005**

	Alunos (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Melhorou	41,5	29,1
Está igual	50,0	56,0
Piorou	8,5	14,9

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

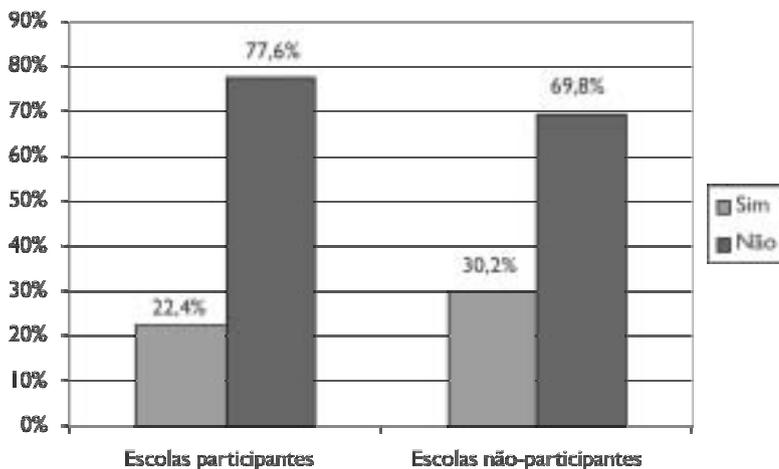
Nota: Foi perguntado aos alunos “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses a relação entre alunos e a diretores aumentou, está igual ou diminuiu?”.

O gráfico 7 sistematiza as respostas dadas pelos alunos quando perguntados se percebiam suas respectivas escolas como locais de confusão e/ou de bagunça. Como fica visível, um percentual ligeiramente superior de alunos dos estabelecimentos participantes (77,6%) respondeu que não, contra 69,8% dos segundos.

Os indicadores anteriores reforçam os resultados obtidos quanto à visão dos professores sobre a organização geral das instituições participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania. Conforme demonstra o gráfico 8, uma grande porcentagem deles (70,6%) considera que, nos últimos seis meses, houve melhoria no que diz respeito à coordenação geral daqueles estabelecimentos, aproximadamente 31% a mais do que o índice verificado nas demais escolas (39,5%).

Ressalte-se, também, o baixo percentual de docentes que, no caso de participação ou não de seus estabelecimentos no PEAC, indicam ter havido uma piora na situação geral de suas respectivas instituições (ou seja, menos de 10%), o que permite inferir que as escolas da rede estadual gaúcha apresentam, em um nível mais geral, uma situação bastante favorável nesse aspecto.

**GRÁFICO 7 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a definição da escola como um local de bagunça/confusão – 2005**



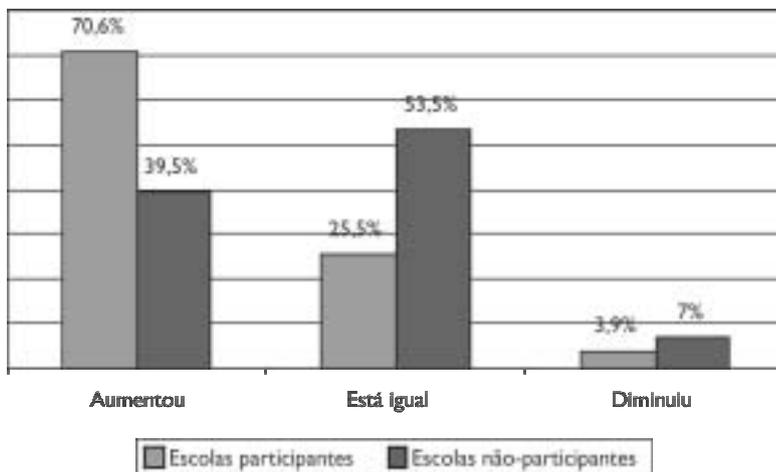
Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos “Como você define a sua escola: local de confusão e bagunça?”.

Os dois últimos aspectos apresentados remetem a um outro indicador percebido nos questionários aplicados aos corpos docente e discente dos estabelecimentos que desenvolvem ou não o PEAC, qual seja a relação entre os professores e alunos com seus respectivos diretores.

Um dos mais importantes indicadores do nível de apropriação dos alunos em relação ao espaço escolar está no fato de estes disporem, com maior ou menor freqüência, dos bens que a escola, porventura, tenha a lhes oferecer. Ao se realizar a comparação do grau de utilização do computador e da sala de informática presentes tanto nas escolas inclusas quanto naquelas que não participam do Projeto (tabela 16), observa-se uma significativa predominância – ou seja, mais do dobro – no uso de tais equipamentos pelo alunado das instituições participantes.

**GRÁFICO 8 – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a organização geral da escola – 2005**



Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores “Nos últimos seis meses a organização geral da escola aumentou, está igual ou diminuiu?”.

Ainda que o aspecto anterior seja bastante positivo, não se pode, contudo, deixar de ressaltar as demais taxas percentuais verificadas nos dois conjuntos de escolas, as quais denunciam a ocorrência bastante elevada de situações tanto de limitação quanto de privação do acesso dos alunos a tais bens, quer seja pela negação de um direito conquistado, quer seja pelo não aparelhamento dos estabelecimentos escolares. Verifica-se, assim, que 43,2% e 47,7% dos alunos de instituições participantes ou não do PEAC afirmam que em suas escolas existem computador e sala de informática, embora destes eles não façam uso; por outro lado, percentuais ainda mais expressivos (48,5% e 54,9%, respectivamente) denunciam que, em suas escolas, tais equipamentos simplesmente não existem.

Conforme já pontuado, a informática assume, no imaginário juvenil (como de resto nos demais segmentos da sociedade), uma importância estratégica na vida dos jovens, uma vez que é considerada ferramenta indispensável para uma inserção mais qualificada destes (e, portanto, mais promissora) no mundo do trabalho. Além disso, e como já demonstrado, os jovens entrevistados não dispõem, em sua grande maioria, de computadores em suas residências.

Desta forma, deixar de equipar as escolas públicas ou, pior, negar o acesso dos alunos a tais bens, quando estes se encontram disponíveis em instituições de domínio público, são ações cujos resultados, certamente, concorrerão para desencadear e fomentar o processo de rejeição e afastamento dos jovens em relação ao espaço escolar, uma vez que situadas na contramão de quaisquer propostas voltadas para a disseminação de uma educação inclusiva e cidadã.

Mais do que isso, suas conseqüências se farão sentir, sobretudo, junto aos estratos de baixa renda que, além de serem os mais populosos, conforme atestam os indicadores de diversos estudos socioeconômicos recentemente realizados (MEC/INEP, IBGE), são aqueles que constituem os maiores usuários das escolas públicas brasileiras que atendem no nível básico.

A tabela 17 apresenta os percentuais de utilização de computadores e salas de informática e de vídeo pelos estudantes das escolas participantes e das não-participantes do PEAC. Também nesta, o aumento da utilização de tais equipamentos nos primeiros estabelecimentos aumentou consideravelmente em relação aos segundos: 44,4% contra 31,3% no uso de computadores; 47,7% contra 27,4% no uso de salas de informática e 44,5% contra 31,7% no uso de salas de vídeo. Tal situação deixa patente o quanto a adoção de mudanças consideradas positivas (como no caso do Projeto, segundo os seus próprios atores, conforme será apresentado em item posterior) pode, efetivamente, auxiliar a fortalecer a sensação de pertencimento por parte dos educandos.

**TABELA 17 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os equipamentos da escola – 2005**

Equipamento	Situação	Escolas participantes (%)	Escolas não-participantes (%)
Computador	Tem e o uso	24,0	10,9
	Tem, mas não o uso	43,2	47,7
	Não tem	32,8	41,4
Sala de Informática	Tem e o uso	23,2	10,6
	Tem, mas não o uso	28,4	34,4
	Não tem	48,5	54,9

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos “Pensando na sua escola, indique a existência e o uso de computador e da sala de informática”.

Por outro lado, deve-se ressaltar o expressivo percentual de estudantes de estabelecimento não-participantes do PEAC que afirmam ter diminuído a utilização de computadores nas escolas (29,5%), de salas de informática (21,7%) e de salas de vídeo (18,5%) – mais um claro exemplo de negação de um direito -, representando, portanto, um alerta para as autoridades competentes, no sentido de estas, ao tomarem ciência de tal situação, envidarem os esforços necessários no sentido da apuração e conseqüente superação desse estado de coisas.

A percepção do alunado a propósito da qualidade de ensino em suas escolas é um outro aspecto positivo e, sobretudo, importante diferencial verificado entre os estabelecimentos participantes do PEAC e os que dele não participam. Com base no gráfico seguinte, comparadas as percepções dos alunos dos primeiros com as daqueles provenientes dos segundos, verifica-se uma diferença de cerca de 12% a favor das instituições que desenvolvem o Programa, percentual este que sinaliza o efeito positivo do mesmo naquela que, dentre todas as funções socialmente atribuídas à escola, é considerada como a de maior importância, ou seja, o ensino.

**TABELA 18 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a utilização dos equipamentos da escola – 2005**

Equipamento	Situação	Escolas participantes (%)	Escolas não-participantes (%)
Computador	Aumentou	44,4	31,3
	Permaneceu a mesma	48,1	39,3
	Diminuiu	7,4	29,5
Sala de informática	Aumentou	47,7	27,4
	Permaneceu a mesma	40,7	50,9
	Diminuiu	11,6	21,7
Sala de vídeo	Aumentou	43,5	31,7
	Permaneceu a mesma	45,1	49,8
	Diminuiu	11,4	18,5

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos "Pensando na sua escola, indique se o uso de computador, sala de informática e sala de vídeo aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu".

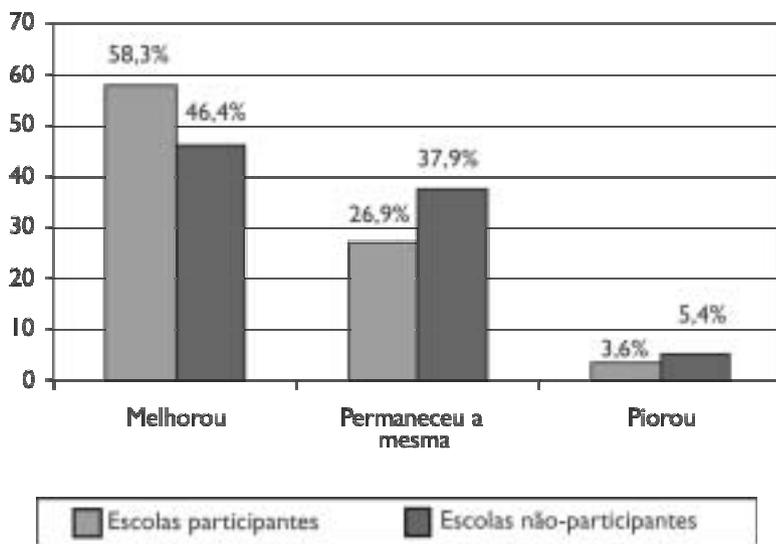
Um outro importante tópico da pesquisa realizada com os atores do PEAC versava sobre a incidência percebida por eles em relação a diversos tipos de violências – aqui tratadas no plural, por envolverem manifestações de caráter físico, verbal, simbólico etc. – no âmbito do espaço escolar.

De acordo com Abramovay e Rua (2002), a ocorrência de tais fenômenos nas escolas não representa uma novidade. Entretanto, a frequência e a gravidade com que vêm se sucedendo nesses espaços fazem com que eles, para além de se constituírem simples objetos de reflexão, representem verdadeiros problemas sociais (p. 29).

São muitos os prejuízos decorrentes da incidência desse tipo de eventos nas escolas. Dentre eles, a queda na qualidade do ensino e conseqüente baixa no rendimento escolar dos

alunos são, seguramente, dos mais significativos conforme demonstra o gráfico 9. Isso porque comprometem, de forma indelével, aquele que se constitui o mais importante legado a ser assegurado, quer seja pela sociedade, quer seja pelas próprias instituições escolares: o futuro dos cidadãos.

**GRÁFICO 9 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a qualidade do ensino da escola – 2005**



Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos “Pensando na sua escola, nos últimos seis meses, a qualidade do ensino melhorou, permaneceu a mesma ou piorou?”.

Por esse caminho, com base na série de questões colocadas pela avaliação, foi possível traçar um panorama sobre a situação das escolas participantes e das não-participantes do Projeto, cenário esse construído a partir da percepção de alunos e professores que atuam naqueles espaços, cujos principais resultados são apresentados a seguir.

A tabela 19 que se segue diz respeito às respostas obtidas a propósito da ocorrência de alguma espécie de violência, nos últimos seis meses, no espaço escolar. De modo geral, o que se pode observar é uma diferença relevante entre as escolas que desenvolvem o PEAC e as demais, de acordo com a visão dos atores consultados. Assim, enquanto que para os alunos dos estabelecimentos fora do Projeto houve uma incidência de episódios violentos de cerca de 10% maior do que nas primeiras (42,4% contra 32,7%, respectivamente), em se tratando dos professores, tal percentagem se eleva ainda mais, ou seja, 16,3% (43,2% contra 26,9%, respectivamente).

Vale registrar, entretanto, que embora se observem as diferenças anteriormente referidas, é também bastante expressivo o percentual de ocorrência desse tipo de evento nas escolas participantes e nas não-participantes do PEAC, tanto na visão dos alunos quanto na dos docentes. Para o bom andamento das ações educativas, é condição *sine qua non* que tais estabelecimentos se constituam em locais protegidos na e pela sociedade, conforme atesta uma vasta série de estudos realizados com os diversos sujeitos que atuam no espaço escolar (SPOSITO, 1998, CHARLOT, 1999, ABRAMOVAY, 2002). Desse modo, gestões no sentido de intensificar medidas voltadas para o enfretamento das violências que atingem as escolas devem se constituir em uma das prioridades das administrações públicas, visto que seus efeitos repercutem positivamente naqueles espaços. Caso contrário, corre-se o grave risco de comprometer o sucesso escolar dos educandos.

Ainda que, ao apresentar índices positivos ligeiramente mais baixos em relação aos antes descritos, a sensação de um clima violento no espaço escolar também seja menor nas escolas do PEAC. Isso porque, como sistematizado na tabela 20, para 41% dos alunos das primeiras houve uma diminuição da violência naqueles espaços, contra 33% dos das não-participantes. No que diz respeito aos professores, os percentuais situam-se praticamente nos mesmos patamares do alunado, isto é, 41,2% e 32,2%, respectivamente.

**TABELA 19 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a ocorrência de algum tipo de violência na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Sim	32,7	42,4	26,9	43,2
Não	33,7	28,1	51,9	45,5
Não sei	33,6	29,5	21,2	11,3

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, ocorreu algum tipo de violência na sua escola?”.

Há que se atentar ainda para o alto índice de alunos, tanto das escolas que o desenvolvem quanto das que não desenvolvem o Projeto, que alegam não saber responder à questão, o que, por seu turno, permite inferir certa falta de atenção, da parte de ambos, para com suas respectivas instituições.

**TABELA 20 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a violência na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	9,3	11,7	9,8	16,3
Permaneceu a mesma	22,3	29,4	41,2	39,5
Diminuiu	40,9	33,0	41,2	32,6
Não sei	27,5	25,9	7,8	11,6

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a violência na sua escola aumentou, permaneceu a mesma, diminuiu ou não sabe informar?”.

Os próximos dez gráficos e tabelas foram desagregados de uma única questão presente nos instrumentos aplicados aos atores da pesquisa, inquirindo sobre a incidência de quatorze diferentes tipos de violência no ambiente escolar.

Como já pontuado, ainda que do total dos quatorze itens propostos, quatro não apresentem relevância estatística (razão pela qual não serão abordados), todos, sem exceção, apresentam índices favoráveis aos estabelecimentos parceiros do Projeto Escola Aberta. Ou seja, atestam uma menor incidência desse tipo de acontecimentos nos mesmos, o que sugere, pela ótica dos pesquisados, que mudanças significativas foram verificadas naqueles espaços.

A primeira tabela da série diz respeito à incidência de ameaças, nos últimos seis meses, nas escolas pesquisadas. Vale destacar que por ameaças entendem-se aqui as “(...) promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou os bens de outrem” (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 232).

Também nesse item, tanto professores quanto alunos das instituições parceiras do PEAC apontam índices de diminuição na frequência desses acontecimentos, significativamente mais altos do que nas demais. Note-se que, como nas outras situações até então apresentadas, é entre os docentes das escolas parceiras e os das não-parceiras onde se verifica a maior diferença: 55,1% e 36,6%, respectivamente.

Reconhecidamente, um dos fatores que mais concorrem para desestabilizar o clima escolar, a incidência de roubos e furtos nas escolas pesquisadas, também apresentou uma significativa diminuição quando comparadas entre as participantes do PEAC e as não-participantes. Assim, entre os alunos, verificou-se uma redução de cerca de 10% maior a favor das primeiras; entre o corpo docente, a diminuição de tais eventos foi considerada, como das outras vezes, bem superior à percepção dos alunos: 61,2% nas escolas parceiras contra 37,5% nas não parceiras do Projeto.

**TABELA 21 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ameaças na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	13,8	15,0	4,1	4,9
Permaneceu a mesma	25,0	33,6	40,8	58,5
Diminuiu	61,2	51,4	55,1	36,6

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de ameaças na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Vale destacar que, conforme pontuam Abramovay e Rua (2002, p. 275), embora furtos e roubos não sejam a mesma coisa, uma vez que apesar de ambos envolverem a subtração de bens os furtos ocorrerem sem que as vítimas se dêem conta do ocorrido, optou-se por agrupar os dois termos, dada a elevada recorrência com que o termo roubo é aplicado a ambas as situações.

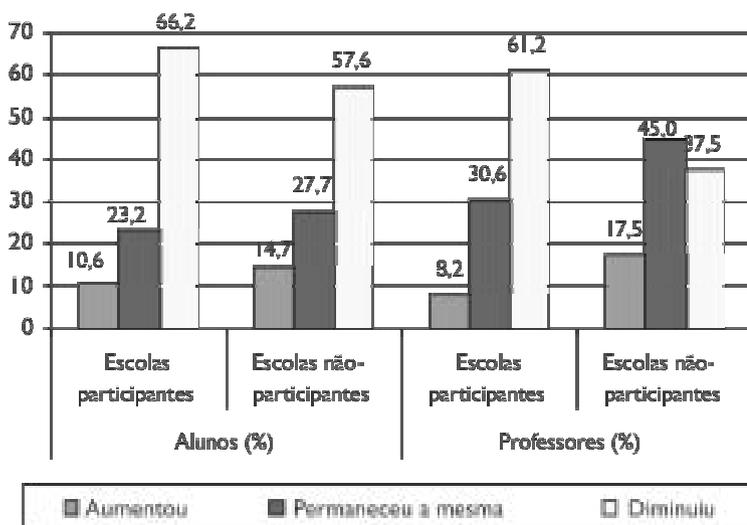
A ocorrência de brigas foi outro ponto que apresentou notáveis diferenças entre as escolas pesquisadas. Como fica evidente na tabela 22, a seguir, para os alunos das escolas participantes do Projeto houve uma diminuição desses incidentes em dez pontos percentuais a mais do que para os das outras instituições.

Mais uma vez, foi entre os professores que o índice de decréscimo mostrou-se ainda maior a favor das escolas participantes: 49% contra 30% .

Em trabalho no qual analisam as múltiplas formas de discriminação a que a juventude é submetida, Castro e Abramovay (2002) destacam que os jovens se sentem discriminados por uma série de motivos:

“(…) por morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, a maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros. Há reações contra os jovens que aprendem dança e música, e eles próprios são violentos contra os homossexuais, ou seja, reproduzem discriminações. Na medida em que existe uma representação social da juventude como irresponsável, muitos são discriminados simplesmente por serem jovens (...). Os adultos desconfiam deles, não acreditam na sua capacidade, o que muitas vezes rebaixa a sua auto-estima, faz com que se sintam desrespeitados e maltratados” (p.39).

**GRÁFICO 10 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a freqüência de roubos e furtos – 2005**



Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a freqüência de roubos e furtos na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

**TABELA 22 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de brigas – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	15,8	18,6	10,2	7,5
Permaneceu a mesma	31,9	39,2	40,8	62,5
Diminuiu	52,3	42,2	49,0	30,0

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de brigas na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Diante desse cenário difuso, complexo e pouco animador, uma das preocupações da avaliação do Projeto Escola Aberta para a Cidadania foi tentar captar se a ação poderia, de alguma forma, concorrer para minorar a incidência de atitudes discriminatórias nos espaços onde se efetiva, sempre a partir da visão dos atores que deles fazem parte.

Por este caminho, no que diz respeito às discriminações ocorridas, no último semestre, nos estabelecimentos-alvo da pesquisa, observa-se que, entre os alunos, 62,5% daqueles das escolas participantes alegam diminuição dessa espécie de ocorrência, contra 51,1% dos das que não participam; entre os docentes, mais da metade dos que lecionam nos primeiros estabelecimentos (53,2%) alegam decréscimo, contra 37,8% dos demais.

Quando também inquiridos sobre a incidência de xingamentos, professores e alunos das escolas participantes do Projeto Escola Aberta responderam de forma significativamente mais positiva do que os das demais. Deste modo, observa-se que, de acordo com os dados da tabela 24, 35,7% do alunado das primeiras alegam diminuição dessa forma de agressão, contra 24,8% das segundas.

**TABELA 23 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de discriminação na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	9,9	14,1	4,3	2,7
Permaneceu a mesma	27,6	34,8	42,6	59,5
Diminuiu	62,5	51,1	53,2	37,8

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de discriminação na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Por sua vez, exatamente o dobro dos professores oriundos dos estabelecimentos parceiros do PEAC atesta tal decréscimo, ou seja, 50%, contra 25% dos demais.

**TABELA 24 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de xingamentos na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	27,2	31,9	10,0	15,0
Permaneceu a mesma	37,1	43,3	40,0	60,0
Diminuiu	35,7	24,8	50,0	25,0

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

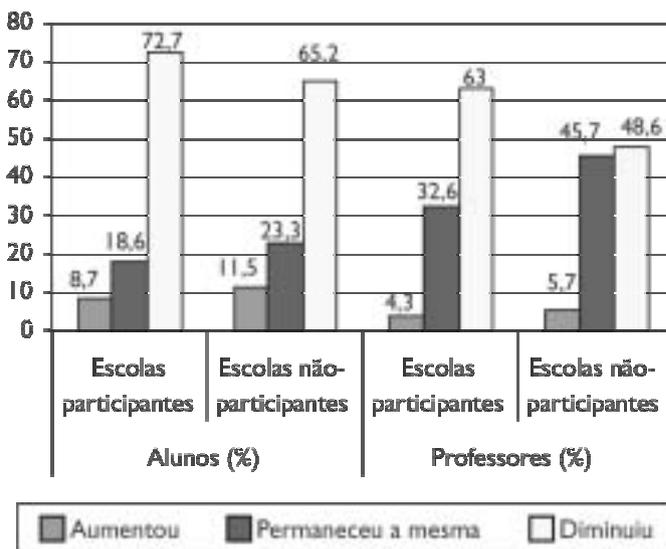
Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de xingamentos na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Um outro indicativo de violência no interior das escolas é representado pela ação de gangues, cujas conseqüências nefastas vêm sendo, recorrentemente, denunciadas por diversos

estudos. Por esse motivo, aferir a frequência com que tal situação ocorre nesses espaços constituiu-se em um dos alvos do trabalho, cujos resultados encontram-se sistematizados no gráfico seguinte (11).

De forma geral, percebe-se, na visão de todos os atores ouvidos, o predomínio da sensação de ter havido uma diminuição na ação de tais grupos no interior dos estabelecimentos escolares gaúchos. No entanto, é nas escolas participantes do PEAC o local onde tais percepções atingem porcentagens mais altas em relação às não-participantes, quer seja entre os alunos (72,7% contra 65,2%), quer – e, sobretudo – entre os docentes (63% contra 48,6%).

**GRÁFICO 11 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ação de gangues na escola – 2005**



Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de ação de gangues na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

O uso contínuo de determinados espaços e de seus respectivos equipamentos, tal como acontece com as escolas públicas, acarreta uma série de desgastes, os quais, observados certos limites, podem ser até considerados como “naturais”. Existem, no entanto, situações que extrapolam – às vezes, em larga escala – esses limites, abreviando, precocemente, a vida útil de tais espaços e equipamentos.

Segundo Abramovay e Rua (2002), o ato de dilapidar tanto o espaço quanto o equipamento escolar, sem a ocorrência do furto de bens, é mais bem entendido como uma forma de “reação social contra a escola” (p. 281). Os motivos de tal reação fundamentam-se em uma série de fatores. As autoras iluminam esse aspecto citando o pesquisador norte-americano Greenberg, o qual, por meio de seus estudos, demonstrou que o vandalismo está mais freqüentemente associado “(...) com administrações autoritárias ou, alternativamente, indiferentes e omissas; bem como com diretores e professores que não são receptivos aos alunos, com a alta rotatividade do corpo docente e, finalmente, com punições” (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 281-284).

Dentre as diversas modalidades de dilapidação dos espaços escolares, as depredações e pichações são das mais freqüentes. Por esta razão, também constituíram objeto de investigação nos instrumentos aplicados. Os dois gráficos a seguir apresentam o panorama traçado com base nas respostas obtidas de alunos e professores das escolas-alvo da avaliação.

Conforme atesta a tabela 25, com exceção dos docentes de estabelecimentos não-participantes do PEAC, a maioria dos entrevistados indica ter percebido diminuição na incidência de depredações nos espaços escolares. Tal situação, contudo, é significativamente melhor nos estabelecimentos participantes do Projeto. Assim, entre os alunos destes verifica-se um percentual de 72% dos que acreditam ter ocorrido esse tipo de redução, contra 62% das demais escolas.

Entre os docentes, os índices são ainda mais alentadores: enquanto que para 42,5% daqueles que lecionam em escolas que não desenvolvem o PEAC houve diminuição no ritmo das depredações, mais da metade desse percentual (ou seja, 64,6%), relativo àqueles oriundos das instituições participantes, atesta o mesmo.

**TABELA 25 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de depredações na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	8,4	12,3	4,2	5,0
Permaneceu a mesma	19,6	25,7	31,2	52,5
Diminuiu	72,0	62,0	64,6	42,5

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de depredações na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Também no que diz respeito à incidência de pichações nos estabelecimentos que desenvolvem o PEAC, os índices obtidos se revelaram bem mais promissores do que os aferidos nas demais escolas. A diferença é que, dessa vez, apresentam uma inversão quando comparados aos dados da tabela anterior (25). Isso porque, conforme atesta a tabela 26, a diferença do percentual verificado entre os alunos das escolas participantes e os das não-participantes (em torno de 14%) é maior do que a observada entre os professores desses dois tipos de estabelecimentos (cerca de 10%).

**TABELA 26 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de pichações – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	12,3	20,0	8,3	0,0
Permaneceu a mesma	27,2	32,4	33,4	51,3
Diminuiu	60,5	47,6	58,3	48,7

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de pichações na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

As duas últimas tabelas deste bloco referem-se à percepção de alunos e professores no que diz respeito ao comércio e ao consumo de drogas ilícitas no interior das escolas selecionadas na amostra.

Definindo a droga, em um sentido mais amplo, como toda e qualquer substância que se mostre “capaz de exercer um efeito sobre o organismo”, Castro e Abramovay (2002) assinalam que o seu uso indevido:

“(...) constitui sério problema de saúde pública e o fenômeno da farmacodependência que, no passado, foi considerado um problema médico e de doença individual, a partir do século XX e, especialmente no decorrer dos últimos 25 anos, assumiu uma dimensão sociopatológica. (...). [Dessa forma], existe uma unanimidade no fato de que as drogas estão longe de serem substâncias inócuas, considerando-se que o uso indiscriminado traz prejuízos e conseqüências negativas, impondo-se a necessidade de serem melhor entendidas” (p. 198-199).

Prosseguem as autoras, afirmando que, tanto no Brasil, como em diversos outros países, a droga ainda é mais vista sob o prisma da ilegalidade, e, por conseguinte, mais como um problema de âmbito judicial do que, propriamente, um problema sanitário ou social (*idem, ibidem*, p. 199).

Por esse caminho, observa-se que, em nossos dias, não são poucas as notícias dando conta do tráfico e do consumo de drogas no interior dos prédios escolares. Tais notícias são, na maior parte dos casos, provenientes tanto da divulgação de estudos e pesquisas realizados, direta ou indiretamente, sobre o assunto quanto decorrentes dos resultados de ações empreendidas por bandidos e/ou pela polícia nesses mesmos espaços e divulgadas, com bastante ênfase, pelos meios de comunicação.

Diante da gravidade desse estado de coisas, as respostas obtidas de alunos e professores nos instrumentos aplicados – em que pese necessitem de um maior aprofundamento e

verificação mais sistemática – deixam antever que a abertura das escolas nos finais de semana, nos moldes propostos pelo Projeto Escola Aberta para a Cidadania, pode se constituir em importante meio para o enfrentamento de tal situação, conforme será discutido a seguir.

Perguntados sobre a incidência do tráfico de drogas, nos último seis meses, nas escolas-alvo da amostra, alunos e professores dos estabelecimentos que desenvolvem o PEAC apresentaram percentual relativo à diminuição de tal frequência superior ao daquelas que não participam da ação: 80,9% contra 75,3%. Entre os docentes das participantes, esse percentual se amplia para cerca de 10% em relação ao percentual dos professores das demais: 55,8% contra 45,5%, respectivamente.

**TABELA 27 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de tráfico de drogas na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	5,1	7,0	2,3	6,0
Permaneceu a mesma	14,0	17,7	41,9	48,5
Diminuiu	80,9	75,3	55,8	45,5

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de tráfico de drogas na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”

Certamente, como conseqüência do quadro anterior, ao serem também inquiridos sobre a frequência do uso de drogas ilícitas em suas escolas, os atores das instituições que desenvolvem o Projeto apresentaram, igualmente, uma situação mais favorável em relação aos das demais. Assim, verifica-se que, entre o alunado, 78,3% daquele originário

das escolas do PEAC percebem diminuição no uso de substâncias ilícitas, contra 70,3% das que estão fora do Projeto.

Ao se tratar da visão dos professores sobre o assunto, a vantagem das escolas participantes se amplia em relação àquelas que não participam, ou seja, 53% dos docentes das primeiras indicam decréscimo, contra 42,4% das segundas.

**TABELA 28 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de uso de drogas ilícitas na escola – 2005**

	Alunos (%)		Professores (%)	
	Escolas participantes	Escolas não-participantes	Escolas participantes	Escolas não-participantes
Aumentou	7,1	9,3	4,6	3,1
Permaneceu a mesma	14,6	19,9	41,9	54,5
Diminuiu	78,3	70,8	53,5	42,4

Fonte: UNESCO, Programa Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos professores e alunos “Nos últimos seis meses, a frequência de drogas ilícitas na sua escola aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?”.

Vale assinalar, entretanto, que, mesmo considerando o quadro mais favorável traçado a partir da ótica dos atores das escolas que desenvolvem o PEAC, são também significativos os percentuais que indicam aumento tanto do tráfico quanto do consumo de drogas no interior dos estabelecimentos de ensino públicos gaúchos, sobretudo no que diz respeito aos índices relativos à percepção dos alunos.

Tal conjuntura ganha contornos ainda maiores ao se atentar para o fato de que, além de se constituírem em procedimentos ilegais, tais ações, certamente, repercutem de forma negativa entre uma série de outros indicadores, tanto sobre o rendimento escolar quanto sobre a vida de todos os envolvidos, direta ou indiretamente, com essas escolas.

## 4.2 ALUNOS PARTICIPANTES E NÃO-PARTICIPANTES DO PROJETO ESCOLA ABERTA: ALGUNS PONTOS DE MUDANÇA

Neste segundo e último item do presente capítulo, serão apresentadas as diferenças estatisticamente mais relevantes oriundas das respostas dos alunos das escolas que desenvolvem o PEAC, desagregadas em função de três situações declaradas por eles em relação ao Projeto, quais sejam:

1. Atual participação nas atividades por ele oferecidas;
2. Participação interrompida;
3. Não-participação no Projeto.

Ainda que não se constituam objeto desse item do estudo, quando contribuir para iluminar determinados aspectos considerados importantes pela avaliação, serão também utilizados alguns dados relativos às respostas obtidas entre os professores das escolas que desenvolvem o PEAC, desagregados em função de sua participação ou não nas atividades desenvolvidas pelo Projeto.

A primeira questão a apresentar diferenças significativas entre os alunos das escolas participantes foi relativa ao encontro de amigos fora do espaço escolar. Como fica claro na tabela 29, o alto grau de sociabilidade parece ser um traço bem marcante entre os jovens entrevistados, visto que 64,8% do total declaram encontrar amigos em todos ou em quase todos os dias.

No entanto, tal característica adquire contornos ainda mais fortes em se tratando dos alunos que participam do Projeto, visto atingir a quase dois terços destes (71,4%), contra 62,9% dos que não participam mais e 60,3% daqueles que nunca participaram.

A sociabilidade dos alunos que participam das atividades oferecidas pelo Projeto é também confirmada no item relativo ao tempo despendido na rua, quando fora da escola. Por esse caminho, observa-se que, entre os participantes, o índice dos que ficam na rua, todo dia ou quase todo dia, é de 36,1%, ou seja, dez pontos percentuais mais elevados do que o daqueles que nunca participaram (26%).

**TABELA 29 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o encontro de amigos fora da escola – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Não costuma	2,3	4,5	5,7	4,2
Quase nunca	5,4	6,4	7,5	6,4
Às vezes	20,8	26,3	26,5	24,6
Quase todo dia	23,9	26,3	28,2	26,1
Todo dia	47,5	36,6	32,1	38,7

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Você costuma encontrar amigos fora da escola?”.

**TABELA 30 – Proporção de alunos de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ficar na rua – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Não costuma	21,0	26,4	29,7	25,8
Quase nunca	14,7	15,7	17,7	16,0
Às vezes	28,2	25,5	26,4	26,6
Quase todo dia	17,2	16,1	12,5	15,3
Todo dia	18,9	16,3	13,5	16,2

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “O que você costuma fazer fora da escola?”.

Além da sociabilidade, o compromisso com os estudos parece ser bem maior entre os alunos participantes do PEAC, nas ocasiões em que se encontram fora de seus respectivos estabelecimentos de ensino. Senão, vejamos: enquanto que para

estes o desenvolvimento de atividades de cunho escolar ocupa, todos os dias, praticamente a metade desses jovens (48,6%), essas atividades atingem 41,5% dos ex-participantes, situando-se num percentual bem mais baixo quando se trata da situação daqueles que nunca participaram do PEAC, ou seja, 34,6%.

**TABELA 31 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a freqüência de estudos e tarefas escolares – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Não costuma	3,5	3,5	3,3	3,4
Quase nunca	5,7	4,9	5,0	5,2
Às vezes	19,1	21,2	28,1	22,7
Quase todo dia	23,2	29,0	29,0	27,2
Todo dia	48,6	41,5	34,6	41,5

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “O que você costuma fazer fora da escola?”.

Como já ressaltado, é grande o número de alunos que declara não ter ido uma única vez ao teatro nos 12 meses anteriores à data de aplicação dos instrumentos da pesquisa. Entretanto, desagregados os dados, percebe-se que tal situação é, marcadamente, pior entre os alunos que nunca participaram do PEAC, visto atingir a 84,3% deles, contra 76,9 dos ex-participantes e 72,7% daqueles que participam da ação.

Ainda que atinja a um também elevado número de alunos nas escolas que desenvolvem o Projeto Escola Aberta, o absoluto não-comparecimento a museus, exposições e concertos musicais, nos últimos doze meses, é significativamente maior entre aqueles que nunca participaram da ação (74,6%), atingindo cerca de 10 pontos percentuais a mais quando comparado ao dos que se declaram participantes (64,4%).

**TABELA 32 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência ao teatro – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Não fui	72,7	76,9	84,3	77,9
1 ou 2 vezes	19,3	17,5	12,4	16,4
3 ou 4 vezes	5,1	3,1	2,2	3,4
5 a 10 vezes	1,4	1,6	0,4	1,2
Mais de 10 vezes	1,5	1,0	0,6	1,0

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos doze meses, com que frequência você foi ao teatro?”.

**TABELA 33 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência a museus, exposições de arte ou concertos de música – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Não fui	64,4	67,4	74,6	68,7
1 ou 2 vezes	26,8	25,1	19,7	23,9
3 ou 4 vezes	6,0	4,5	4,2	4,9
5 a 10 vezes	1,4	1,2	0,8	1,1
Mais de 10 vezes	1,5	1,9	0,7	1,4

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos doze meses, com que frequência você foi a museus, exposições de arte ou concertos de música?”.

A série de tabelas apresentadas a seguir diz respeito às diferenças aferidas entre os alunos pesquisados no tocante ao relacionamento que vem sendo estabelecido, após a implantação do PEAC, tanto entre eles próprios quanto

entre si e entre alguns dos principais atores do universo escolar. Cumpre destacar que, as tabelas aqui presentes, referem-se à totalidade das opções oferecidas nos instrumentos auto-aplicáveis no bloco de questões sobre a qualidade das relações antes referidas, o que significa que, em se tratando dos alunos participantes do Projeto, todos os indicadores dessa natureza apresentaram índices favoráveis e estatisticamente relevantes.

Apesar disso, deve-se frisar que, no geral, mesmo nas escolas que desenvolvem o PEAC, ainda são baixos os índices indicando melhoria na qualidade das relações estabelecidas, tanto na visão dos alunos participantes do Projeto, quanto entre os atores escolares. Fato que, por seu turno, aponta a necessidade premente de um maior investimento, por parte dos dirigentes gaúchos responsáveis pelo desenvolvimento das ações educativas no âmbito estadual, nesse sentido.

Vale também destacar que, como já assinalado no início deste item, será também neste bloco que alguns dos resultados obtidos a partir das respostas dadas pelos professores das escolas que desenvolvem o Projeto, desagregadas em função de sua participação ou não no PEAC, serão incorporados em todas as ocasiões que contribuirão para melhor ilustrar os respectivos enunciados.

Ainda que praticamente a metade dos alunos declare que a relação estabelecida entre eles tenha melhorado no último semestre (52,4%), é entre os alunos participantes do PEAC onde se encontra o índice mais expressivo (58,1%) em comparação com o dos ex-participantes (49,8%) e o dos que nunca participaram da ação (49,7%), conforme atesta a tabela seguinte.

Cumpre destacar que, na visão dos professores participantes, esse percentual de melhoria alcança um indicador ainda mais significativo, situando-se em expressivos 62,5%, contra 46,2% dos docentes ex-participantes e 40% dos que não fazem parte do PEAC.

**TABELA 34 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Melhorou	58,1	49,8	49,7	52,4
Está igual	34,1	42,2	43,2	39,9
Piorou	7,9	8,0	7,1	7,7

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, a relação entre os alunos melhorou, está igual ou piorou?”.

No que diz respeito ao relacionamento que vem sendo estabelecido entre alunos e professores, na opinião dos primeiros (tabela 36), apesar de a totalidade apresentar um índice de melhoria (45,6%) mais baixo do que o descrito na tabela anterior, situando-se abaixo da metade, entre os jovens participantes ele se mantém para cerca da metade dos respondentes (51,4%).

Quanto à declaração dos docentes a esse respeito, uma vez mais se percebe a elevação substancial dos indicativos de melhoria em tais relações, maior ainda do que o revelado por eles na tabela relativa ao relacionamento entre alunos. Assim, entre os professores que participam do PEAC, 66,7% atestam melhoria nesse sentido, contra 53,8% do declarado pelos ex-participantes e 45% do aferido entre os não-participantes.

Mais uma vez, é entre os diretores e os alunos que participam do PEAC que pode ser aferido, de acordo com a visão discente, o mais expressivo índice diferencial de melhoria (48,1%) em suas relações, quando comparado aos percentuais atingidos tanto pelos ex-participantes (38,9%)

quanto pelos que não participam (33,5%) do Programa, conforme o disposto na tabela seguinte<sup>10</sup>.

**TABELA 35 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e professores – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Melhorou	51,4	42,2	43,5	45,6
Está igual	39,2	48,0	49,3	45,6
Piorou	9,4	9,8	7,2	8,8

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, a relação entre alunos e professores melhorou, está igual ou piorou?”.

**TABELA 36 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e diretor – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Melhorou	48,1	38,9	33,5	40,1
Está igual	43,9	51,8	56,6	50,8
Piorou	8,0	9,2	9,9	9,1

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, a relação entre alunos e diretor melhorou, está igual ou piorou?”.

<sup>10</sup> Entre os professores que participam do Projeto, verifica-se também uma visão substancialmente mais positiva do que a declarada por ex-participantes e não-participantes da PEAC, no que diz respeito à melhoria nas relações estabelecidas entre os docentes e a diretoria. Desta forma, 62,5% dos primeiros atestam uma melhora nesse sentido, contra 46,2% dos segundos e 45,5% dos últimos.

Terminando esse bloco de tabelas relativas à qualidade das relações que vêm sendo estabelecidas, no último semestre, entre os atores das escolas que desenvolvem o Projeto Escola Aberta para a Cidadania, a tabela 37 oferece um panorama em relação ao relacionamento dos alunos e o pessoal da secretaria escolar.

Ainda que esta seja a representação com os mais baixos índices dessa série de tabelas, principalmente no que concerne ao total de alunos (36,9%), observa-se que é também entre os participantes do PEAC onde pode ser encontrado o mais significativo índice de melhoria (44,7%), quando comparado ao dos ex-participantes (35,6%) e ao dos que nunca participaram das ações (30,5%).

**TABELA 37 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o atendimento aos alunos pela secretaria – 2005**

	Alunos (%)			Total
	Participantes	Ex-participantes	Não-participantes	
Melhorou	44,7	35,6	30,5	36,9
Está igual	43,4	51,2	56,1	50,3
Piorou	11,9	13,2	13,4	12,8

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

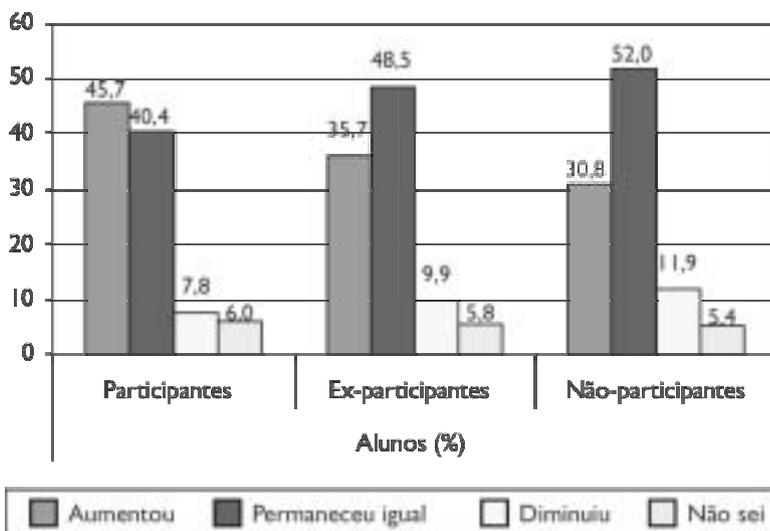
Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, o atendimento dos alunos pela secretaria melhorou, está igual ou piorou?”.

Um outro importante e bastante expressivo indicador das diferenças existentes entre os alunos que participam e os que não participam do Projeto diz respeito à vontade declarada de ir à escola.

O gráfico 12 ilustra bem tais diferenças, demonstrando que, entre os participantes, essa vontade (45,7%) é de dez pontos percentuais a mais em relação à dos ex-participantes (35,7%).

No entanto, é na comparação com o expresso pelos alunos que nunca participaram do Projeto (30,8%) que tal percentual ganha cores ainda mais positivas, aumentando em torno de 15%, numa clara indicação de que participar do PEAC faz, de fato, uma significativa diferença entre os jovens.

**GRÁFICO 12 – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a vontade de ir à escola – 2005**



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

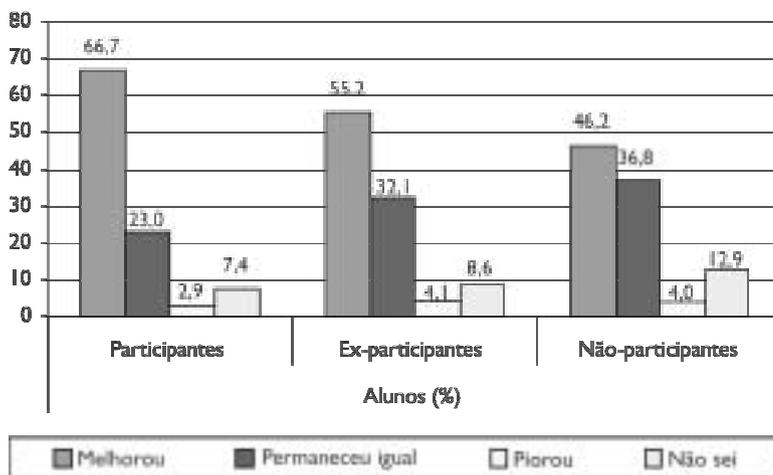
Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, sua vontade de ir à escola melhorou, está igual ou piorou?”.

Pode-se dizer que a decorrência lógica do quadro delineado pelo gráfico anterior está bastante bem representada no gráfico 13, a seguir.

Conforme fica evidente, no que diz respeito ao percentual da melhoria percebida pelos alunos que participam do PEAC quanto à qualidade do ensino ministrado em suas escolas, este

atinge uma marca bastante expressiva (66,7%), fazendo com que as diferenças verificadas entre ele e os dos jovens que não participam do Projeto atinjam percentuais ainda mais elevados. Dessa forma, observa-se que, na comparação entre a porcentagem atingida pelos participantes e a dos ex-participantes (55,2%), tal índice diferencial salta para em cerca de 11%, elevando-se ainda mais significativamente (ou seja, em torno de 20%) quando comparado ao percentual declarado pelos alunos que nunca participaram da ação (46,2%).

**GRÁFICO 13 – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a qualidade do ensino da escola – 2005**



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Nos últimos seis meses, a qualidade do ensino da sua escola melhorou, está igual ou piorou?”.

Por fim, vale destacar que, diante da força dos dados contidos na extensa série de gráficos e tabelas apresentados anteriormente, pode-se dizer que eles, bem mais do que meras representações estatísticas, constituem provas flagrantes da

efetividade do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, no sentido de este despertar, naqueles alunos que participam de suas ações, uma sensação maior de apreço e comprometimento com as unidades escolares nas quais ocorre.

Além disso, tais indicadores sugerem, também, que o PEAC vem contribuindo, de forma decisiva, tanto no reforço do sentimento de pertencimento de tais alunos para com suas respectivas escolas, quanto na melhoria da qualidade da maior parte das relações que vêm sendo estabelecidas no interior desses estabelecimentos. Tal conjunção de fatores somados, para além de se fazerem refletir, de maneira promissora, tão-somente na elevação da auto-estima e no rendimento escolar desses alunos (o que já não representaria pouca coisa), pode estar repercutindo positivamente na própria vida dos vários sujeitos que atuam nos espaços escolares.



## 5. O PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA NA ÓTICA DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PARTICIPANTES

O capítulo que se inicia tem como objetivo analisar as percepções dos jovens estudantes das escolas que desenvolvem o PEAC, no Estado do Rio Grande do Sul, a partir das entrevistas e grupos focais com eles realizados.

Com base nessa metodologia, espera-se tornar possível o conhecimento do que pensam os jovens participantes acerca do Projeto, estratégia-chave que, por sua vez, contribui para desvelar o processo de implantação, organização e funcionamento do PEAC, bem como o impacto que a ação vem imprimindo na vida dos beneficiários.

### COMO OS JOVENS VÊM O PEAC?

São muitas as expectativas e os motivos que levam os jovens a participarem do PEAC, os quais vão desde a ocupação de um espaço que vem sendo sistematicamente aberto a eles, em razão da escassez na oferta de locais de lazer adequados para a juventude, até a criação de um *point* de encontro com os amigos, onde a marca de uma identidade começa a se associar à cultura desses jovens. Os depoimentos, a seguir, refletem a variedade de sentidos atribuídos ao Projeto:

*Do Programa Escola Aberta eu gosto muito, porque é uma coisa que faz com que você não fique em casa fazendo nada (...) ou ficar na rua à toa. Você vem, participa e foge da rotina e da violência. Senão todo o dia você só vai para a escola, estuda e volta para casa de novo (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

*Não tem nada para fazer em casa e, ao invés de tu tá fazendo besteira na rua, você vem para cá praticar esporte, encontrar amigos. É até um tipo de point pra ti encontrar teus amigos, teus colegas (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Os depoimentos anteriores chamam atenção pela falta de opção de lazer dos jovens, que acabam se cansando de ter que cumprir uma rotina limitada e vêm no Projeto a possibilidade de usufruir um espaço de divertimento com a chancela da escola, um local legitimado e seguro para encontrar seus pares. Segundo Abramovay et al. (1999), esses jovens dispõem de poucas possibilidades de diversão, de praticar esporte e de utilizar sua criatividade. Ainda de acordo com os autores, “a vida na periferia impõe uma existência marcada pela rotina, com graves limitações às atividades de lazer, seja pelas precárias condições de infra-estrutura das cidades, seja em virtude da falta de dinheiro” (p.49).

O relato abaixo sinaliza como o Projeto diversifica a rotina dos jovens, trazendo novas opções de lazer para as suas vidas. Além disso, mostra a perspectiva de ampliação das redes de amizade, ou seja, a formação de novos grupos que se encontram na escola para, no caso, aprender e praticar esportes:

*O Programa Escola Aberta mudou bem a nossa vida, né? A gente quase não fazia nada, ficava em casa deitado olhando televisão, jogando videogame e, agora, a gente vem aqui conhecer mais pessoas, fazer novas amizades e até encontrar com os nossos próprios amigos, se reunir e aprender a jogar vôlei. (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Vários usuários do PEAC não fazem uma associação direta do Projeto com a escola – na condição de estabelecimento voltado para a educação formal -, nem tampouco com o jovem (público-alvo do Projeto). Ser aluno ou não da escola, ter ou não a idade do jovem não representam empecilhos para a participação. Ao contrário, percebe-se mesmo que todas as faixas etárias são estimuladas a participar:

*Eu não sou aluna, mas eu sempre participei das atividades aqui, porque a minha cunhada estudou aqui, o meu sobrinho também. E então, eu sempre procuro participar, e, como eu, tem muita gente, crianças e adultos. O futebol junta muita gente, que se reúne no final de semana, assim, pra poder estar junto, brincar um pouco (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Os relatos comprovam que o movimento de ampliação do PEAC se deu pela própria comunidade escolar que tratou de divulgar o Projeto para os vizinhos, amigos e parentes, os quais, a partir daí, também se engajaram na proposta:

*Os de dentro da escola avisavam pros de fora. (...) Foi a minha sogra, ela é uma das coordenadoras da Escola Aberta. A diretora também é nossa conhecida, então a gente ficou sabendo e começamos a participar. A minha guriazinha participa também e conheci, através dela, a banda. A gente convidou mais três amigas e ficamos vindo todo o fim-de-semana (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

A potencialidade de o PEAC proporcionar e enriquecer as relações e o diálogo no interior das escolas tem sido uma perspectiva importante para aqueles que vêm freqüentando o Projeto, em relação tanto ao fortalecimento dos laços de amizade quanto à discussão das manifestações de preconceito existentes nesses estabelecimentos.

Abramovay e Rua (2002), em pesquisa sobre a escola e as diversas formas de violências que ocorrem em seu interior, destacam que os motivos que levam os jovens a se sentirem mais discriminados são aqueles relativos ao fato de morarem em bairros de periferia ou favelas, a aparência física, a maneira de se vestirem, a condição racial, etc. Ainda segundo essas mesmas autoras, por conta da pressão que sofrem, muitos jovens acabam por reproduzir as discriminações de que são vítimas (p. 39).

Confirmando a proposição das autoras antes referidas, percebe-se que, também, dentre as manifestações de discriminação sofridas pelos jovens das escolas pesquisadas, o local de moradia, a situação de pobreza, a cor/raça e o tipo de roupa que vestem são aquelas assinaladas como as mais recorrentes.

Vale ainda destacar que são vários os depoimentos que reconhecem no Projeto procedimentos ousados e bem-sucedidos no enfrentamento dessas situações de discriminação, já consolidadas no dia-a-dia da escola entre alunos de bairros distintos, como bem exemplificam os relatos a seguir:

*Dia de semana tem muito preconceito do pessoal do Obelisco com a gente. E final de semana, nós estamos em maior número e não só por isso, final de semana não tem preconceito, todos querem se divertir, fazer amizade, conversar e namorar (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

*Eu não gosto desta escola, só gosto da Escola Aberta. Pois se tu não trouxe merenda, tu é pobre de vila. Depois, chega na hora do lanche, os mais ricos são os primeiros que se atacam (...). Uma vez, aqui na escola, me chamaram de negro de merda e eu não gostei (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

*As gurias do lugar X têm mania de te olhar de cima pra baixo. Só porque tu não tá com roupa de marca, brinco de marca, elas te olham e dizem que tu é vileira, te xingam.. Eu cheguei a estudar aqui dois meses, mas não agüentei, porque se não era pobre, era vileiro. Cheguei até a ter suspensão por briga (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Esses depoimentos, advindos dos grupos focais realizados com os beneficiários do Projeto, mostram o quão desafiadora é a ação de construção de uma cultura de solidariedade, de diálogo e de respeito mútuo, onde os participantes assumam um papel ativo, conforme atesta o depoimento de um deles: *É uma diversão, é um lazer, mas tu tens aquela responsabilidade porque é um grupo, né? Eu me divirto e aprendo muito com o grupo.*

Integração é a palavra-chave que aflora no discurso dos entrevistados como um bem maior que foi conquistado durante o desenvolvimento do Projeto, como suscita o relato que se segue:

*Conviver com pessoas diferentes, foi isso que eu aprendi aqui. A integração é um aprendizado, traz novas experiências, a de conversar com outros, aprender com os oficinheiros, que são bem legais. Uma outra imagem que a gente não tinha é a atividade em grupo (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Como atesta o relato anterior, os caminhos para mobilizar os jovens não são desconhecidos pelos gestores do Projeto. Romper com as estratégias tradicionais ainda usadas no cotidiano de algumas escolas, onde o jovem não tem voz, é também outro desafio do PEAC que, na visão desse jovem, vem sendo enfrentado de forma bastante positiva.

Os depoimentos mostram que a família é também uma grande aliada no desenvolvimento das ações. E os pais, sabendo que seus filhos se encontram em um espaço considerado seguro por eles, ficam mais tranquilos. Ou seja, adquirem certo “controle” em relação ao local que os filhos freqüentam, conforme demonstra a fala de um beneficiário: *Minha mãe mudou. Ela começava a me xingar quando eu chegava tarde em casa em dia de sábado e domingo, eu ficava na rua e ela não gostava. Agora ela diz: tu só queres saber de Escola Aberta!*

Uma das mães, beneficiárias do PEAC, é solidária com o relato acima quando desabafa sobre o alívio que teve quando do surgimento do Projeto: *Minhas crianças viviam na rua, pois não tinha espaço aqui para elas brincarem. Agora não, tá todo mundo na escola fazendo várias atividades.*

Ao mesmo tempo em que o PEAC é considerado um local de confiança dos pais, pode também livrar os jovens de ajudar nas atividades domésticas que realizariam na ausência do Programa: *Eu acho a Escola Aberta uma boa porque aí não tem que ajudar em casa no final de semana (muitos risos).*

Entretanto, de um modo geral, parece que a relação dos jovens com o Projeto é ainda distinta daquelas relações que eles têm com as suas escolas, sejam aquelas nas quais acontecem as ações, sejam em quaisquer outras instituições de ensino. Assim é que, ao serem perguntados sobre a relação que estabelecem com os oficinairos, facilitadores do Projeto e diretores, o que é ressaltado são tanto os laços de amizade e de confiança fundamentados na liberdade – marca distinta entre a escola de seu cotidiano – quanto a relação em que se estabelecem, no âmbito do PEAC, novas formas de aprendizagem:

*Aqui o cara tem liberdade para tudo dentro do colégio Eu acho isso muito bom, porque o que a gente faz aqui, a gente aproveita bastante, tá aprendendo coisa aqui dentro, é muito bom, melhor que estudar. Aprendendo o que não aprendemos na escola, com pessoas que se tornam amigas. (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

*A liberdade é de se fazer o que se quer, mas tem regras também para a diversão, para o pagode, o violão, que começou agora e que vamos montar uma banda para tocar em Porto Alegre. Todo mundo aqui tem um lugar. (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

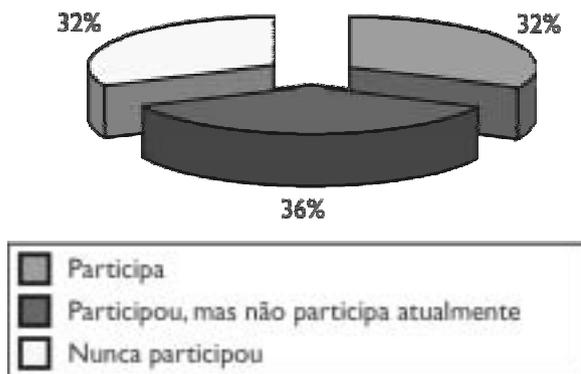
O dinamismo com que são desenvolvidas as atividades é uma outra característica levantada quando o jovem compara a escola do final de semana com a escola de durante a semana: *Nós aqui temos uma nova forma, mais dinâmica, não só em relação ao conteúdo, mas às técnicas de aprendizagem (...) Eles não são só oficinheiros, eles são amigos, o que torna a relação mais divertida e tu cria prazer em fazer o que tu tá fazendo, entenderem?*

A coesão dos participantes do PEAC em torno das atividades e das oficinas oferecidas é outro fator, destacado por um dos beneficiários, que faz a diferença no clima da escola durante os finais de semana:

*Além de divertida, a gente aprende bastante na aula e é descontraído. Não é cansativa, porque quem vem aqui quer aprender e por isso não tem aquela conversa, é ficar quieto e não tem nem bagunça. A gente pode participar à vontade, ninguém é cobrado. Os professores sabem mesmo o assunto (...) a gente tá tendo aula de inglês com o americano, e isso é bom (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Os diversos depoimentos que destacam a atração que os alunos têm pelas atividades de lazer (mais especificamente, o esporte e a música) e de complementação pedagógica (aulas de língua estrangeira, informática etc.), agregados ao potencial de sociabilidade do Projeto, podem ser referendados pelo dado de que 68% dos alunos das escolas participantes do PEAC freqüentam ou já freqüentaram Projeto.

## GRÁFICO 14 – Tipo de relação com o PEAC, segundo os alunos participantes



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “Qual é a sua relação com o Programa Escola Aberta para a Cidadania?”.

Quando perguntados sobre as atividades que costumam freqüentar, os jovens também evidenciam a elevada variedade das oficinas e atividades em geral que lhes são oferecidas. Ao se fazer a correlação entre as atividades mais citadas pelos alunos participantes nos questionários com aquelas que mais gostam, mencionadas durante a realização dos grupos focais, fica evidente a sintonia do PEAC com o universo desses jovens beneficiários.

Classificando as cinco atividades mais citadas pelos alunos das escolas participantes, encontra-se, em primeiro lugar, na tabela seguinte (38), o futebol (54,1%) nas suas diferentes modalidades (campo, salão e *society*), seguido de outros esportes, tais como o vôlei, handebol, basquete, queimado, etc., que, juntos, totalizam 40,8%. Em terceiro lugar, aparece a aeróbica (33,5%) que também se apresenta em diferentes modalidades, seguida do tênis de mesa (24,4%) e da capoeira, com 21,3%.

**TABELA 38 – Atividades que o aluno participa ou participou no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes**

<b>Atividades que o aluno participa</b>	<b>Alunos (%)</b>
Artes plásticas	6,2
Artesanato (bijuterias, flores, fuxico, tricô, crochê, etc.)	9,0
Atividades recreativas	21,1
Aulas de música (banda, canto, coral, violão, piano, percussão, etc.)	20,7
Aeróbica	33,5
Atletismo	17,5
Futebol (campo, quadra, society)	54,1
Outros esportes (handebol, basquete, vôlei, queimada, tênis, xadrez, etc.)	40,8
Tênis de mesa (ping-pong)	24,4
Capoeira	21,3
Artes marciais (judô, caratê, taekwondo, jiu-jitsu, defesa pessoal, etc.)	9,7
Brinquedoteca	5,0
Capacitação solidária	1,7
Corte de cabelo	4,8
Costura	3,6
Manicure	4,5
Culinária	3,6
Padaria	2,1
Cultura-afro	2,1
Cultura regional	1,8

**TABELA 38 – (continuação)**

<b>Atividades que o aluno participa</b>	<b>Alunos (%)</b>
Dança (dança de salão, jazz, balé, etc.)	14,0
Danças folclóricas	4,7
Funk	16,2
Hip-Hop	19,5
Grafite	8,3
Desenho	17,9
Desbravadores ou escoteiros	1,7
Encontro religioso	2,7
Horta	6,9
Informática	12,4
Libras (linguagem de surdos)	2,0
Língua estrangeira (inglês, alemão, espanhol, italiano, etc.)	8,0
Meditação	1,9
Modelo e manequim	4,2
Núcleo de leitura	2,8
Primeiros socorros	2,9
Invernada artística	4,6
Reciclagem	6,1
Reforço escolar	9,0
Relações humanas	2,3
Skate	7,4
Teatro	12,0
Videoteca	7,0
Outros	3,4

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Como se pode verificar na tabela anterior, a informática, que aparece em 13º lugar no *ranking* das atividades oferecidas e freqüentadas pelos jovens, é, segundo os relatos nos grupos focais, uma atividade que deveria ser mais incentivada a partir do oferecimento de um maior número de cursos e oficinas. As aulas de música (banda, canto, coral, violão, piano, percussão, etc.), o *Hip-Hop*, o *Funk*, a dança (dança de salão, *jazz*, balé, etc.) e o atletismo também apresentam percentuais bastante significativos, coadunando as ofertas do Projeto com as diferentes culturas juvenis.

Tal como apresenta a tabela a seguir (39), as atividades oferecidas no PEAC apresentam um alto nível de regularidade, o que faz com que o Projeto se consubstancie em potencial política pública voltada para a juventude. A regularidade dessas ações é, também, uma condição importante para a efetividade dos objetivos propostos, efetividade esta que é geralmente assegurada pela presença dos oficinairos na condução das atividades.

**TABELA 39 – Existência de atividades regulares oferecidas por oficinairos/organizadores, segundo os alunos participantes**

Existência de atividades	Alunos (%)
Sim	90,2
Não	9,8

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi perguntado aos alunos: “O Projeto conta com atividades regulares oferecidas por oficinairos/organizadores?”.

Nos grupos focais realizados com os beneficiários, os oficinairos são apresentados como aqueles responsáveis pela qualidade dessa experiência, conforme atesta o relato seguinte: (...) *Tem um oficinairo de capoeira que ele ensina tudo. Se você não entende, ele cuida e te ensina de novo, e se tu não aprende, ou não presta atenção, ele se mobiliza, se incomoda, ele está junto com você.*

Também chamam atenção as palavras carinhosas que os beneficiários se utilizam para falar dos oficinairos: (...) *É legal, eles são bem educados, eles se dirigem a você como se tu já fosse mesmo da escola, né, já te conhecesse de outros lugares (...). Eles procuram passar tudo o que eles sabem, né, eles estão pra ajudar a orientar. Então eu acho que não tem o que falar deles.* Para complementar, um dos entrevistados diz, de uma forma bem-humorada que, *se melhorar, estraga.*

Reforçando as opiniões sobre os oficinairos, nos questionários respondidos pelos alunos das escolas participantes, a média obtida por este integrante do PEAC foi bastante elevada, conforme se constata na tabela a seguir:

**TABELA 40 – Nota para os oficinairos das oficinas que o aluno participa ou participou (onde 0 é péssimo e 10 é ótimo):**

Nota	Alunos (%)
0	1,5
1	1,5
2	0,5
3	0,5
4	0,7
5	4,5
6	3,4
7	7,9
8	15,1
9	15,8
10	48,3

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Nota: Foi pedido aos alunos: “Dê uma nota de 0 a 10 para os oficinairos das oficinas que você participa ou participou (onde 0 é péssimo e 10 é ótimo)”

Fica evidente o excelente nível de aceitação do PEAC, uma vez que a nota dada aos oficinairos, figuras-chave do Projeto, obteve, entre os alunos das escolas participantes, a média de 8,5. Ressalta-se, ainda, o significativo número de alunos que atribuíram nota 10 a eles, da ordem de 48,3%.

Embora os beneficiários tenham sido magnânimos em relação aos oficinairos quando perguntados sobre a quantidade de oficinas, foram bastante críticos com a realidade vivenciada. A escassez de oficinairos para o grande número de jovens presentes nos finais de semana nas escolas apareceu de forma contundente, entremeada por muitas sugestões acerca do oferecimento dessas mesmas oficinas, a maioria delas vinculada a uma perspectiva de futuro profissional, de trabalho.

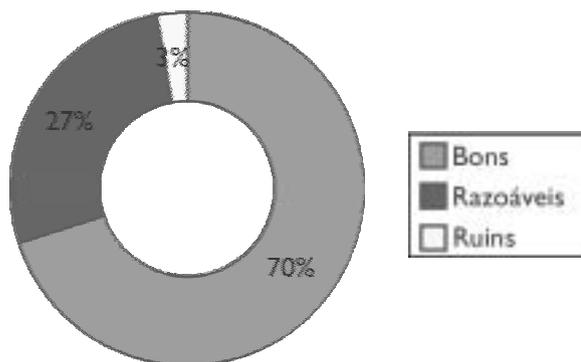
*(...) Tinha que ter mais oficinairos, porque são poucos, tem um oficinairo só. Aqui só tem teatro, a banda e a dança. (...) O oficinairo do futebol é o mesmo do computador, porque não tem mais oficinairo. (...) Eu acho que tinha que ter oficinas profissionalizantes, porque a gente faz e vende e dá pra ganhar algum dinheiro, e mais voluntários. Artesanato que a gente pode vender (...). Computador também, que o curso tá meio caro. (...) Manicure também é bom. (...) Culinária é melhor ainda, aprende a fazer e a comer (risos). Tem gente que não sabe fazer as coisas. Pelo menos quando casar já sabe fazer e não faz gororoba (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

Quanto à qualidade do local onde são oferecidas as oficinas, 70% dos alunos das escolas participantes consideraram os espaços bons e 27% razoáveis. O percentual de respostas que avaliam os espaços do PEAC como ruins é de 3%, conforme atesta o gráfico a seguir.

Nos grupos focais realizados com os beneficiários, a avaliação dos espaços também foi bastante positiva, tendo sido encontradas apenas algumas sugestões para a melhoria de sua qualidade física. Por essa linha, podem-se destacar os relatos que abordam a falta de espaços para alguma das modalidades do futebol: *O futsal de campo não tem, porque aqui não tem espaço e a gente queria jogar; ou ainda os “jogadores de futebol” que solicitam que a gestão do PEAC possa colaborar colocando o telhado na quadra, afirmando que: Quando chove, a gente não pode jogar bola por causa da chuva.*

Ainda sobre o tema da qualidade dos espaços onde o Projeto é desenvolvido, constata-se que alguns alunos requisitam portas nos banheiros para que não ocorram invasões. Outra reivindicação dos beneficiários é a construção de uma piscina para a realização de esportes aquáticos.

**GRÁFICO 15 – Qualidade do local onde são realizadas as oficinas, segundo os alunos participantes**



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Em relação ao material utilizado nas oficinas, a maior parte dos entrevistados aponta a boa qualidade do que vem sendo oferecido no Projeto.

**TABELA 41 – Qualidade do material utilizado nas oficinas, segundo os alunos participantes**

Qualidade dos materiais	Alunos (%)
Bons	63,6
Razoáveis	26,6
Ruins	3,3
Não usa materiais	6,5

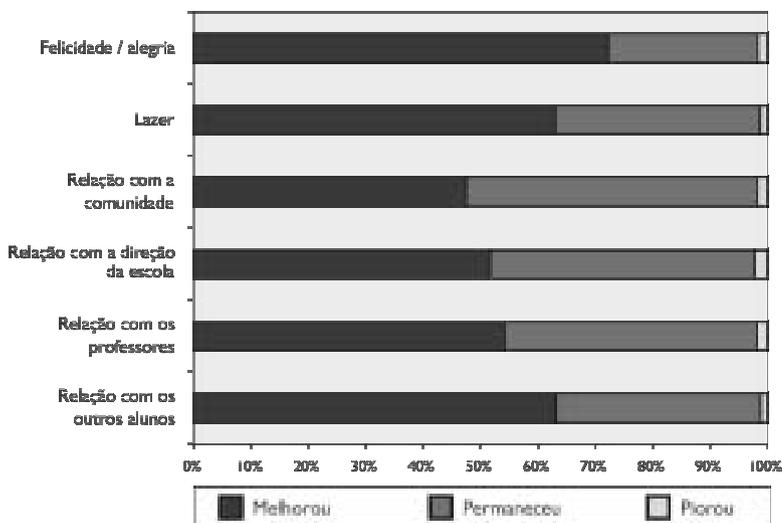
Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Muitos relatos indicam que a boa qualidade dos espaços, do material e da organização do Projeto é a responsável pelo aumento do número de beneficiários que, por vezes, ou não estavam inseridos, ou freqüentavam outros programas:

*Eu vim para o Programa Escola Aberta e a maioria veio para cá porque onde a gente jogava é tudo mal organizado, briga, essas coisas de cada um por cada um. Às vezes, faltava bolas e juizes. Aqui não, todo mundo vem e todo mundo acha legal, por isso vem pra cá que tem essas coisas que a gente precisa* (Grupo focal com beneficiários, PEAC).

Os quesitos compostos pela boa condição dos espaços e do material oferecido, além da organização das atividades, são, sem dúvida, componentes importantes para a análise dos impactos do Projeto na qualidade das relações estabelecidas pelos jovens. Com o intuito de averiguar se as ações do PEAC estão contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes e dos jovens que freqüentam a escola durante os finais de semana, listou-se uma série de indicadores, os quais deixam antever alguns dos impactos da ação na vida desses jovens, quais sejam:

**GRÁFICO 16 – Impacto do Projeto Escola Aberta para a Cidadania na qualidade das relações estabelecidas pelo aluno, segundo os alunos participantes**



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

O gráfico a lado mostra o elevado impacto do Projeto na vida dos jovens, o que atesta uma melhoria significativa em todos os indicadores listados. Podem ser destacados, principalmente, aqueles que dizem respeito à felicidade (72,3%), à relação com os outros alunos (63,1%) e ao lazer (63%), determinando, assim, a importância que o PEAC vem assumindo para a juventude gaúcha.

Seguramente, o lazer constitui instância bastante relevante para a construção de relações de cooperação e solidariedade entre os grupos sociais, em geral, fato que não deve ser desprezado pelos gestores. Nota-se, também, que os alunos apontaram uma expressiva melhoria na qualidade da relação com os professores, o que, mais uma vez, demonstra que as atividades desenvolvidas no Projeto têm repercussões no cotidiano da escola, como já evidenciado em outras circunstâncias.

Por sua magnitude, os números falam por si. Entretanto, sabe-se que diversos são os fatores que contribuem para o elevado grau de felicidade dos jovens e, também, da qualidade do lazer, tão necessário para o exercício da cidadania e de uma vida plena. Assim, associando este dado a outro que foi levantado – qual seja, o que o aluno mais aprecia no Projeto, sistematizado na tabela 42 – pode-se fazer uma aproximação dos motivos atribuídos pelo jovem para o sucesso do Projeto. São eles: espaço de encontro dos amigos e de conhecimento de pessoas.

Conhecer novos amigos e fortalecer os laços com os atuais são, sem dúvida, os principais objetivos que impulsionam a juventude a participar do PEAC, como demonstra a tabela 42. Esse indicador vem, mais uma vez, comprovar a importância que a sociabilidade tem na vida dos indivíduos, dado que deve, obrigatoriamente, ser mais estimulado no dia-a-dia das escolas.

Aprender mais é outro fato listado como preferido por 46% dos respondentes, ocupando o segundo lugar no *ranking* das preferências dos jovens.

**TABELA 42 – O que o aluno mais aprecia no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes**

<b>Do que mais gosta</b>	<b>Alunos (%)<sup>1</sup></b>
De encontrar amigos/conhecer pessoas	74,6
Da equipe responsável	16,5
De aprender mais	46,3
Da possibilidade de arrumar trabalho	11,6
Do local	17,3
Da escola	26,7
Das oficinas	34,7
Do horário	18,1

<sup>1</sup> Mais de uma opção pôde ser marcada.

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

As oficinas oferecidas pelo PEAC também se destacam como um atrativo (34,7%). Este dado pode indicar que o Projeto não vem sendo associado a um mero programa voltado para inserção do jovem em seu primeiro emprego, tal como acontece com muitos projetos voltados para a juventude. Isso porque, vale assinalar, embora os jovens tenham requisitado oficinas profissionalizantes para a aquisição de conhecimentos básicos para o trabalho (as oficinas de computação são um exemplo clássico disso), o item “possibilidade de arrumar trabalho” foi o que obteve o menor número de respostas (11,6%).

Quando perguntados sobre quais as pessoas os respondentes já levaram para frequentar o Projeto, as respostas mais frequentes são os amigos e vizinhos, o que corrobora a tese de o Programa, além da ampliação das redes relacionais, também fortalece, e muito, os vínculos já existentes.

**TABELA 43 – Atores que o aluno já levou para participar do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes**

Quem levou para participar	Alunos (%) <sup>1</sup>
Mãe	12,5
Pai	7,3
Marido/mulher	1,1
Filhos	1,6
Irmãos	30,6
Avós/tios/primos	14,2
Padrasto/madrasta	1,2
Amigos/vizinhos	51,9
Não levou ninguém	25,8

<sup>1</sup> Mais de uma opção pôde ser marcada.

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Atente-se para o elevado número de respondentes que mencionam os irmãos como acompanhantes do Projeto (30,6%), o que deixa inferir que os jovens têm sob sua responsabilidade a guarda dos irmãos mais novos. Os primos também são responsáveis por 14,2% das respostas. Destaca-se a ausência de filhos, marido e mulher, o que, aliada a pouca idade já referida, indica que o perfil do jovem participante é de alguém que ainda não constituiu família. Chama atenção o percentual de respondentes (25,8%) que dizem não ter levado ninguém ao Projeto, fato que deve ser considerado pelos gestores na divulgação do PEAC nas próprias escolas onde ele ocorre, uma vez que a propaganda do “boca a boca” ainda é aquela que mais garantias traz no sentido de elevar a participação.

Convidados a dizer o que menos gostam no Projeto, a maior parte das respostas recaiu sobre o item “horário” (63,3%), seguido, de longe, pelos itens relativos à “equipe

responsável” (18,7%) e ao “local” (17,7%). Importante destacar que o quesito relativo à escola foi o de menor expressão na opinião dos alunos, o que pode significar que estes, diante de algum atropelo ou fato que desmereça a qualidade do Projeto, preservem tal instituição social.

**TABELA 44 – O que o aluno menos aprecia no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes**

Do que menos aprecia	Alunos (%) <sup>1</sup>
Da equipe responsável	18,7
Do local	17,7
Da escola	11,7
Das oficinas	15,2
Do horário	63,3

<sup>1</sup> Mais de uma opção pode ser marcada.

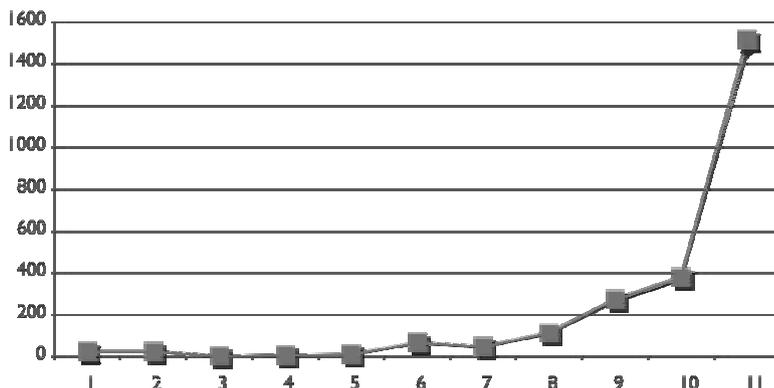
Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

O gráfico que se segue expressa a avaliação dos alunos sobre o PEAC, demonstrando o quanto ele vem sendo bem sucedido no que se refere a seus propósitos. Observa-se que a maior parte das notas situa-se entre 9 e 10 (76,5%), ficando a média geral na casa dos 9 pontos. Tal avaliação positiva é também confirmada nos depoimentos dos grupos focais com beneficiários e nas entrevistas realizadas com oficinairos, monitores, facilitadores, diretores e membros da comunidade que freqüentam o PEAC.

O depoimento de um integrante, membro da comunidade, ilustra o grau de satisfação dos usuários com o Projeto:

*Com certeza o Projeto Escola Aberta trouxe benefícios que vão ficar, mesmo que um dia não tenha mais Escola Aberta. Vão ficar pra sempre, como a banda e os instrumentos que se tornaram um patrimônio da escola. Temos o galpão que foi doado, dentro do Projeto Escola Aberta e é pra comunidade também, porque esse galpão faz com que a gente possa se reunir todos os meses, ajuda na confraternização (Grupo focal com beneficiários, PEAC).*

## GRÁFICO 17 – Notas atribuídas pelos alunos ao Projeto Escola Aberta para a Cidadania



Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Como o próprio nome indica, Projeto é algo que traz, em sua natureza, a perspectiva de consolidação, ou não, de uma ação de caráter provisório e, portanto, passível de mudanças. Neste sentido, com o intuito de que o PEAC passe pelas adequações necessárias, para que, em última instância, se configure, de fato, em um programa – gestado a partir e por uma política pública voltada para a juventude – perguntou-se aos beneficiários que propostas teriam para a melhoria do Projeto.

As propostas apresentadas tiveram um percentual de respostas bastante equilibrado, destacando-se o horário (47,8%), a frequência (43,5%) e a variedade das oficinas (45%), numa lista em que a qualidade, a quantidade e a competência dosicineiros também foram analisadas. Vale lembrar que, também nessa questão, mais de um item poderia ser escolhido pelos respondentes.

Ainda dentro deste mesmo propósito (melhorias no Projeto), os alunos das escolas participantes levantam a importância do próprio alunado participar na organização do Projeto (66,2%), bem como o envolvimento dos professores (52,6%), conforme atesta a tabela a seguir:

**TABELA 45 – Proposição de participação, segundo os alunos participantes**

<b>Proposição de participação</b>	<b>Alunos (%)<sup>1</sup></b>
Dos professores nas atividades do Projeto	52,6
Do diretor nas atividades do Projeto	31,6
Dos alunos na organização das oficinas	66,2
Da família/comunidade na organização das oficinas	41,7

<sup>1</sup> Mais de uma opção pôde ser marcada.

Fonte: UNESCO, Projeto Escola Aberta para a Cidadania, 2005.

Com base nas análises até então realizadas, no próximo e último item deste trabalho serão apresentados os pontos positivos, as recomendações (necessidades de ajuste) e as considerações finais da equipe de avaliação em relação ao Programa Escola Aberta para a Cidadania.

## 6. OS PONTOS POSITIVOS E AS NECESSIDADES DE AJUSTE

Os procedimentos relativos à coleta e análise das percepções dos diversos atores participantes da pesquisa, como também as observações *in loco* realizadas durante o processo de avaliação do Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul revelaram uma série de aspectos recorrentes, de natureza diversa.

Tendo em vista sua relevância, quer seja no sentido do reforço de situações já existentes, quer seja na correção de alguns dos rumos tomados pela ação, aquelas características consideradas as mais importantes serão, nesta parte final do trabalho, encaminhadas para o conhecimento e consideração da equipe interinstitucional a cargo de sua implementação.

A fim de sistematizar a apresentação de tais aspectos, eles foram agrupados em duas distintas categorias, quais sejam:

- A primeira relativa aos pontos positivos;
- A segunda, compreendendo as necessidades de ajuste detectadas.

Vale ainda destacar que, com o objetivo de integrar as análises realizadas acerca do Projeto, a construção dos itens seguintes se deu, na maior parte dos casos, conjugando as falas dos atores participantes com as considerações tecidas pelo grupo responsável pela avaliação.

### 6.1 OS PONTOS POSITIVOS

#### PROCESSO DE CAPACITAÇÃO RELEVANTE E DE QUALIDADE

Inicialmente, são aspectos de destaque a relevância e a qualidade das capacitações que foram ministradas no processo de implantação e desenvolvimento do Projeto, o que parece

ter contribuído tanto para a melhor compreensão do conceito e dos objetivos do trabalho, quanto para viabilizar as trocas de experiências entre os envolvidos na organização e execução do Projeto. O depoimento de uma coordenadora regional ilustra essa situação, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de permanência da ação com esse nível de qualidade: *(Com a capacitação) a gente não fica tão longe do nível central, porque, se não, a gente nem fica sabendo do que está acontecendo. Além do mais, nesses momentos de capacitação a gente tem a troca de informações com gente de outras regiões* (Entrevista com coordenadora regional, PEAC).

### IMPORTÂNCIA DA INICIATIVA

Os diretores das escolas participantes do Projeto reconhecem os benefícios que o Projeto vem granjeando para a comunidade, principalmente aqueles dirigentes de estabelecimentos escolares situados em locais onde os moradores são privados de espaços adequados para o desenvolvimento de atividades voltadas para o lazer, a cultura e o esporte, entre outras formas de exclusão social. O depoimento de um aluno também reforça essa visão: *A gente aqui não tinha nada, não dava nem gosto de ficar no bairro. Agora, além de muitos que moram aqui, vem uma porção de gente pra cá nos finais de semana* (Grupo focal com beneficiários, PEAC).

### ESTÍMULO À INICIAÇÃO PROFISSIONAL

Além de entenderem que o engajamento dos jovens no PEAC causa um impacto positivo em suas vidas, criando novas redes de sociabilidade que ultrapassam, por exemplo, a aprendizagem de coisas novas ou o simples aprimoramento nos esportes, osicineiros destacam a iniciação profissional como um aspecto que legitima a manutenção do Projeto. Tal fato também é corroborado pelos depoimentos de dois diretores que participam da ação:

*Nós conseguimos, através da prefeitura, um oficinairo, professor de pintura predial, que, além de pintar nossa escola, envolveu muitas pessoas que aqui passaram dentro da oficina dele. Elas conseguiram se profissionalizar e hoje, pode acreditar, estão ganhando a vida com esse trabalho. (Entrevista com diretor, PEAC).*

*A oficina de eletricidade, se tu observar, foi ótima para a escola. Os ventiladores, os aparelhos de som, diversas coisas foram consertadas. Além disso, tem as pessoas que se profissionalizaram e hoje estão trabalhando e isso pra nós é motivo de grande orgulho e satisfação. Eu diria hoje que se tudo parasse, se não tivesse mais o apoio da UNESCO, o apoio da Secretaria da Educação, com certeza essa escola não poderia parar. Ela deveria continuar, porque as pessoas buscam, e nós administradores somos eleitos pela comunidade e acho que temos que corresponder, procurando fazer tudo o que for possível para oferecer o que elas querem. (Entrevista com diretor, PEAC).*

## ELEVAÇÃO DA AUTO-ESTIMA DOS ALUNOS

O Programa propicia o aumento da auto-estima do alunado que se sente valorizado ao encontrar uma escola voltada para seus interesses, durante os finais de semana. Segundo o relato de um diretor, em sua escola, a procura dos alunos e dos jovens da comunidade tem se dado, por exemplo, pelo fato de eles terem montado uma banda, o que vem sendo altamente positivo por estar em consonância com o desejo dos beneficiários em potencial: *Compramos os instrumentos essenciais pra uma banda musical com o dinheiro da Escola Aberta. A gente comprou uma grande parte dos instrumentos e hoje tem uma banda musical que o pessoal adora graças ao Projeto (Entrevista com diretor, PEAC).*

## A DISPONIBILIDADE E O APOIO DA EQUIPE DO PEAC

O trabalho sistemático dos coordenadores, facilitadores, diretores e oficinairos do PEAC junto às escolas, sua disponibilidade em esclarecer dúvidas e apoiar no desenvolvimento das ações, são mencionados por grande parte

dos integrantes como um fator bastante positivo. Além disso, estes também apontam que o Projeto veio complementar o trabalho curricular da escola: *O pessoal que faz o projeto é muito legal, está sempre, assim, à disposição, é educado. E, olha, muita coisa aqui me ajuda na escola, nos estudos.* (Grupo focal com beneficiários, PEAC).

## IMPACTO POSITIVO JUNTO À COMUNIDADE

Também se verifica o impacto positivo do PEAC junto à comunidade, que preza o Projeto e o vê como uma estratégia que retira da rua, tanto os alunos da escola quanto os jovens do local, os quais, no final de semana, por falta de opções, acompanhamento dos pais, etc. ficavam sem ter o que fazer: *Por uma série de coisas, eles estão na escola no final de semana. Estão na escola, estão trabalhando os mesmos princípios, valores, enfim, que são trabalhados durante a semana. E quando vem alguém novo, eles também cobram dessas outras pessoas, porque já adquiriram consciência.* (Entrevista com membro da comunidade, PEAC).

## PROCESSO DE SELEÇÃO DOS MONITORES CRITERIOSO

O processo de seleção dos monitores é um outro ponto apontado como positivo no Projeto. As atividades que estes desempenham são consideradas como de alta responsabilidade e confiança do diretor, pois, na ausência deste, são os primeiros que orientam e têm o poder de tomar as decisões que se fazem necessárias: *Não entra qualquer um. Até porque, quando o diretor não está, eles é que mandam. Então, não pode ser qualquer um.* (Entrevista com membro da comunidade, PEAC).

## VALORIZAÇÃO DO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO

O acompanhamento das atividades do PEAC, realizado regularmente pelo facilitador e pelo coordenador, é crucial,

segundo os diretores, para que se tenha uma avaliação das ações dos oficinairos, além de contribuir para a realização de seu próprio planejamento: *É muito bom ouvir o que eles têm a dizer. Ajuda a gente a tomar melhores decisões.* (Entrevista com diretor, PEAC).

## O PROJETO COMO FOMENTADOR DA INCLUSÃO SOCIAL

O PEAC é considerado como uma ação de inclusão social, capaz de promover a auto-estima e a cidadania: *As crianças se dirigem aos oficinairos, à monitora, a mim mesmo, com muita alegria. Então, a gente tá podendo mostrar que estamos recebendo essas crianças no final de semana e podendo dar a elas um pouco de alento, de carinho, mostrando que elas são importantes e que aqui se espera por elas.* (Entrevista com facilitador, PEAC).

## IMPACTO POSITIVO NO COTIDIANO DAS ESCOLAS

O impacto positivo do Projeto, segundo os diretores e professores, já se faz presente no cotidiano da escola, tanto na parte comportamental, de convivência, como na parte pedagógica, na qual tem sido bastante significativo:

*A prova é a convivência da comunidade com a escola, o tempo de permanência do aluno dentro da escola e a escola trabalhando um pouco mais o aluno que tem* (Entrevista com professor, PEAC).

*Existe um impacto positivo, com certeza, a consciência por parte de todos. Então, o nosso slogan, o nosso chavão, é escola aberta em tempo integral, que significa durante a semana e o fim-de-semana. Acredite que tem um impacto bastante positivo. Por exemplo, os nossos alunos muito rebeldes, que, na verdade, são os que mais praticam esportes no final de semana, apresentaram muita diferença na escola. No dia-a-dia, a mudança foi fantástica, graças ao Projeto. Nós participamos, no ano passado, de sete competições e tiramos o 1º lugar no nível municipal. Isso trouxe uma mudança para esses alunos-problema de 100%. Representar a escola foi um desafio enorme!* (Entrevista com diretor, PEAC).

## ENVOLVIMENTO DOS PAIS

O maior envolvimento e entrosamento dos pais dos alunos, tanto com o Projeto quanto com a escola – o que, muitas vezes, acaba por estimular o retorno destes aos estudos – foi apontado, no relato dos diretores, como um dos grandes benefícios do Projeto. Além do mais, conforme atesta a fala de um diretor, os pais consideram como, também, extremamente positivo:

*(...) Terem um local com segurança para que os seus os filhos tenham a oportunidade de se divertir. Muitas mães de adolescentes me dizem que ficam muito mais tranqüilas quando eles estão aqui, porque sabem que eles estão bem, estão seguros. O impacto maior é que o Projeto Escola Aberta passa segurança. (Entrevista com diretor, PEAC).*

## 6.2 PONTOS DE AJUSTE

### DIVULGAÇÃO

Como foi verificado na etapa quantitativa desta avaliação, é grande o número de alunos das escolas participantes que nem ao menos tem conhecimento das ações desenvolvidas no PEAC. Considerando que o alunado destas constitui a maior parte de sua clientela potencial, recomenda-se que uma maior atenção seja dada no sentido da divulgação do Projeto, de forma mais maciça, no interior das instituições que dele participam.

Deve-se também estar atento para que a divulgação do Projeto seja feita de forma mais ampla, de modo a envolver, o máximo possível, tanto o corpo docente quanto o discente da escola, mesmo aquelas pessoas que não participam diretamente das ações nos finais de semana. Tal medida torna-se importante para que o PEAC possa ser, efetivamente, incorporado ao planejamento da escola e articulado ao currículo escolar.

A direção relata que, geralmente, a divulgação do projeto vem sendo feita pelos próprios alunos participantes, o que, apesar da série de ganhos constatada, é insuficiente para uma ação da magnitude do PEAC:

*Os que já participam das oficinas e gostam, normalmente, eles vão conversando com os colegas, vão falando com os professores. Agora que começou a oficina de dança, as meninas na hora do recreio fazem as coreografias e mostram para as amigas, dizendo: – olha o que eu aprendi no final de semana! Assim que, aos poucos, o Projeto vai se propagando. (Entrevista com diretor, PEAC).*

Por esse caminho, é necessário fomentar um processo de formação de professores, diretores e equipes das secretarias, voltado para o entendimento de ser o PEAC uma ação cujos objetivos estendem-se para além dos finais de semana, investindo-se na compreensão de suas bases teórico-metodológicas, a fim de que estas possam ser incorporadas nas práticas de ensino da escola, dentre outros aspectos.

Muitos atores – principalmente os monitores – expõem a pertinência de que as medidas voltadas para a divulgação do PEAC, além de serem realizadas pela escola, também o sejam pela imprensa, com vistas a uma melhor e maior visibilidade.

*Eu acho que uma das sugestões seria um pouco mais de divulgação, eu acho até em termos de mídia teria que ter um pouco mais de divulgação, tem muita gente que não sabe que o Projeto Escola Aberta proporciona todos esses cursos. Eu acho que isso é uma das sugestões, incentivar mais esse Projeto, e divulgar ele mais. A partir do momento que tiver uma divulgação mais ampla, com certeza. Aqui mesmo só no boca-a-boca vai aumentar o número, mas se tiver uma divulgação mais intensa na mídia, com certeza vai melhorar (Entrevista com monitor, PEAC).*

Do mesmo modo, as Coordenadorias Regionais destacam a necessidade de uma maior divulgação do PEAC, ressaltando que, durante a implantação do Projeto, o processo de divulgação foi bastante amplo e suficiente, mas que, após a fase inicial, não houve continuidade dos procedimentos então adotados.

*Acho necessária a continuidade da divulgação, acho que tem que divulgar mais até para que as pessoas saibam que o projeto existe, até porque muitas pessoas não sabem da sua existência. A divulgação, no início do Projeto, foi feita via imprensa escrita, falada e televisada, e através da escola mesmo, chamando a comunidade e explicando o que era o projeto para as pessoas virem participar. E funcionou muito. As rádios locais e as comunitárias ajudaram muito, bem como algumas parcerias onde foi possível fazer eventos que marcaram o início do Projeto. Mas divulgação tem que se fazer sempre (Entrevista com Coordenadora Regional, PEAC).*

## MAIOR MOBILIZAÇÃO DOS PROFESSORES

No processo de avaliação e monitoramento, constatou-se, de modo geral, uma resistência inicial de alguns professores ao Projeto. Tal fato demonstra a necessidade da mobilização do corpo docente da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul para as ações do PEAC, informando esses professores sobre seu planejamento e capacitando-os para que possam ser, futuramente, divulgadores, tanto dos princípios preconizados pelo Projeto, como das atividades desenvolvidas.

Nesse sentido, os próprios diretores reconhecem, atualmente, o impacto do Projeto no cotidiano da escola. Entretanto, relatam os entraves iniciais decorrentes da entrada de pessoas estranhas à escola para exercer os cargos de oficinairos e/ou monitores da ação:

*No primeiro momento, nós tínhamos, assim, um pouco de restrições porque nós temos educadores e não-educadores, infelizmente. Tem uns que entendem e outros não. Então, a professora achava que era perder tempo. No começo era assim. Então, pro pessoal docente, era perder tempo. Hoje, eles já vêem o projeto diferente, pois eles vêem a mudança na escola. Porque o professor vê que o próprio aluno mudou, o aluno dele que está na sala de aula e que frequenta o Projeto Escola Aberta. (Entrevista com diretor, PEAC).*

## ACÚMULO DE ATIVIDADES DO DIRETOR E A DECORRENTE DIFICULDADE EM DIVERSIFICAR AS OFICINAS

O acúmulo de atividades e a conseqüente dificuldade dos diretores em diversificar as oficinas do PEAC, segundo os dirigentes entrevistados, sugerem a necessidade de um maior incremento de recursos humanos e financeiros para o desenvolvimento das ações do Projeto.

*O nosso sonho é muito grande de oferecer pros nossos alunos coisas diferentes e pra comunidade. Porém, a gente cansa, o idealismo, ele acaba nos transformando em refêns... Eu e o monitor, a gente acaba entrando num desequilíbrio, porque diretor de escola com 1.400 alunos, todos os dias da semana, é só resolvendo problemas. É claro que tem muita coisa agradável e bonita, mas a maioria do tempo, é resolvendo problema. Então tu cansa muito, e no final de semana também a gente está aqui dentro, tu não desliga nunca, tu não desliga porque vem pessoa de todo lugar, de todo tipo de comportamento e isso nos traz muita preocupação. Então, tu estás sempre estressado, não tem sábado, não tem nada. Mesmo o dia que eu não venho, a qualquer momento eu tenho que ligar. Então, a gente não tira nunca o nosso pé do acelerador. Precisaria de mais gente com responsabilidade, que respondesse pelas ações nos finais de semana (Entrevista com diretor, PEAC).*

## BUSCA DE NOVAS PARCERIAS E MAIOR ENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO DO PROJETO

Outro aspecto que necessita de ajuste, segundo os diretores, refere-se à busca de parcerias, pela coordenação central do PEAC, em nível mais amplo – ou seja, para além daquelas já existentes no nível local – para todas as escolas, capazes de contribuir efetivamente para o incremento das ações:

*A gente sugeriu, nessa última reunião, fazer uma busca de parcerias no nível macro, não só de cada escola, mas pelo grupo que está administrando, coordenando (...). É, seria por aí, que eles pudessem articular, dizer quais as escolas, em que bairro estão situadas e buscar as parcerias, que aí sim pudesse se direcionar pra essa ou pra aquela escola, um nível de abrangência maior que pudesse ter mais credibilidade (Entrevista com diretor, PEAC).*

A necessidade da intervenção da coordenação central do PEAC na construção de parcerias com as prefeituras das localidades onde o projeto se desenvolve tem sido um outro aspecto recorrentemente levantado pelos membros do Projeto. Isso porque as tentativas no sentido da obtenção de parceria em nível municipal não vêm obtendo êxito, conforme atesta um dos depoimentos colhidos nesse sentido: *Ainda não conseguimos uma parceria com a prefeitura. Já encaminhamos vários ofícios, já entregamos pessoalmente, e nada. A gente também lida com dificuldades, né? Então, nós ainda não conseguimos nenhum tipo de parceria que nos renda valores* (Entrevista com diretor, PEAC).

## ESCASSEZ DE RECURSOS FINANCEIROS

A carência de recursos financeiros é apontada como um dos elementos que dificultam a criação de uma “marca” de identificação das ações relacionadas ao Projeto, tal como atesta o depoimento de uma das diretoras entrevistadas: *Não tenho, por exemplo, um jogo de camisetas específico pra toda Escola Aberta usar as cores do Projeto. Ainda não consegui adquirir porque quando a verba chega já está destinada pra alguma coisa.*

A falta de recursos destinados à compra de materiais e ao transporte dos oficineiros, associada ao atraso da liberação dos mesmos para as escolas que realizam o PEAC, também são fontes de preocupação daqueles que lidam com o Projeto, tal como relata um diretor: *A gente não recebeu nenhum centavo. Nós começamos em agosto e só fomos receber em dezembro. São duzentos reais que não cobrem o que se gasta com bola...*

Neste mesmo sentido, outros diretores intervêm, apresentando, inclusive, a sugestão de que se faça uma avaliação visando, especificamente, um maior investimento dos recursos no PEAC:

*Tem que fazer uma escolha, ou melhor, uma avaliação – aquela escola tá dando certo, a clientela está indo. Então, pode se investir mais alguma coisa, entende?* (Entrevista com diretor, PEAC).

*[Mais dinheiro para] no mínimo, suprir até algum tipo de lanche, porque a verba é pra vale-transporte dos oficineiros. Não digo pra todos, mas a maioria dos oficineiros tem dificuldades econômicas, eles não são do próprio bairro. Na maioria das vezes, vêm de outros bairros e, muitas vezes, de bicicleta ou têm que pegar um ônibus e a gente tenta suprir. É pra suprir despesas quando os alunos saem com jogos ou torneios, é pra contribuir com a premiação, contribuir com o tipo de roupa, uma camiseta disponível pra todos irem mais ou menos no mesmo padrão, né? Semelhante, pra ir tudo igual, né? (Entrevista com diretor, PEAC).*

Da questão relativa à falta de recursos, decorre uma outra, talvez das mais graves, que é a dificuldade em se obter pessoal qualificado para o trabalho com as oficinas, conforme atesta uma diretora: *Os oficineiros, na grande maioria, são alunos ou ex-alunos da própria escola e também da comunidade. São pessoas que começamos a reciclar, são pessoas da comunidade que a gente convida, mas que nem sempre tem a qualificação adequada...* (Entrevista com diretor, PEAC).

## NECESSIDADE DE OFICINAS DIVERSIFICADAS

A importância de oficinas diversificadas é um fato que tem chamado a atenção, tanto dos diretores das escolas, quanto dos monitores e coordenadores regionais. Muitos indicam que a falta de recursos financeiros também constitui um dos impeditivos desta ação que, em princípio, foi concebida com múltiplas atividades, visando atrair crianças e jovens com diferentes interesses, conforme atesta um dos diretores entrevistados pela avaliação: *Se o projeto quer atrair os jovens para as dependências da escola nos finais de semana, coloca-se como essencial um investimento, por parte do poder público local e da UNESCO, para se ter oficinas diversificadas, que sejam do gosto deles. Um outro diretor complementa, afirmando que as parcerias é que vão ajudar a consolidar o PEAC.*

## INEXISTÊNCIA DE UM PROCESSO DE SELEÇÃO PARA OFICINEIROS

Ao passo que o processo de escolha de monitores foi bastante elogiado nos depoimentos coletados, verificou-se uma grande incidência de afirmações sobre a inexistência de uma seleção prévia e criteriosa de oficinairos para o desenvolvimento das ações. Além do mais, foi também bastante referida a dificuldade de se conseguir profissionais disponíveis para o trabalho, conforme sinaliza o depoimento de um diretor, transcrito a seguir.

*Não existe, praticamente, seleção de oficinairo. Quem vem, a gente agarra com unhas e dentes. A gente abraça, porque não tem muitos. Quem dera que a gente tivesse muito mais voluntários! Nós também não temos condições de selecionar. Claro que não vamos receber um voluntário que não seja adequado, que tenha medo de se colocar diante das crianças, por algum motivo. Não aconteceu ainda de vir uma pessoa que a gente tivesse preocupação de deixar com alunos (Entrevista com diretor, PEAC).*

## TRABALHO VOLUNTÁRIO

O trabalho voluntário, principal forma de inserção dos oficinairos, se, por um lado, permite agregar pessoas que tenham vontade de contribuir com o PEAC, por outro, traz uma série de questionamentos por parte da equipe que atua no dia-a-dia do Projeto, ou seja, diretores e monitores.

Nas entrevistas, foi possível notar diferentes motivações que levaram os oficinairos a participar como voluntários nas atividades realizadas no PEAC. É interessante observar que tais motivações estão geralmente associadas a uma retribuição passível de ser alcançada por meio da interação com os participantes.

*São pessoas únicas, que têm aquela paixão, aquela vontade, não cobram nada, vêm de carro, não pedem o combustível nem passagem. É aquela parte da sociedade*

*pequeníssima que acredita na ajuda para se ter um mundo melhor para o amanhã. Então se emocionam, vibram, e se tem apenas um aluno, eles trabalham como se tivessem 50! (Entrevista com diretor, PEAC).*

*Olha, eu acho que aquelas pessoas que participam sentem-se extremamente gratificadas. Eu acredito que passa uma energia muito boa que eles recebem dos jovens. O trabalho, ele é feito com coração, e tudo que é feito com coração é feito com carinho, com amor, tem um envolvimento maior. Existem também pessoas fantásticas que querem ajudar. Esses voluntários que eu tenho aqui são ótimos. Tudo de bom. (Entrevista com diretor, PEAC).*

Entretanto, para outros, esse tipo de trabalho também é percebido como uma estratégia que visa estabelecer redes de sociabilidade ou canais de interlocução que acenem para novas oportunidades de inserção profissional.

Dessa forma, como ressalta um diretor, é fundamental que as condições de trabalho do voluntariado fiquem bem claras, a fim de que não haja problemas no decorrer do Projeto, como relata o depoimento a seguir:

*Talvez é o ponto mais difícil ou um dos mais difíceis do Projeto seja o voluntariado. Porque ser voluntário é uma questão de doação, quase como quem vai ao culto da sua igreja, da sua comunidade. Então precisa que, em primeiro lugar, a pessoa tenha noção do que é ser voluntário, uma preparação, para que não entre diretamente pra trabalhar com o grupo antes de saber as condições todas a que a escola se propõe, a que o Projeto se propõe, com mais profundidade. Muitos que eu tive sentiram um peso tão grande de ser voluntário, da cobrança, talvez do grupo, que se assustaram e não voltaram. Acho que se intimidaram. Muita gente aqui chegava e saía, em breve, saía (Entrevista com diretor, PEAC).*

## **MAIOR INCENTIVO ÀS OFICINAS DE INFORMÁTICA E PROFISSIONALIZANTES**

Um outro ponto recorrente, no sentido de ajuste do Projeto às demandas de sua clientela, diz respeito à necessidade de que sejam oferecidas mais oficinas voltadas tanto para a informática quanto para a profissionalização dos jovens.

Como já discutido, a informática vem progressivamente se afirmando, não apenas para o jovem, mas para a sociedade em geral, como uma das principais ferramentas de inserção no mundo do trabalho e na contemporaneidade. Desse modo, conquanto o Projeto ofereça atividades nessa área, elas parecem ainda insuficientes para suprir as demandas e expectativas de seu público-alvo que, como também já frisado, por não dispor, em sua maioria, de computadores em suas residências, tem nas escolas um dos poucos lugares (se não o único) de acesso a esse tipo de equipamento.

Por essa mesma linha de raciocínio, também se recomenda um maior investimento em atividades voltadas para a profissionalização desse público, em sentido mais amplo. Ainda que também sejam oferecidas no Projeto Escola Aberta, tais atividades ainda parecem ser em número insuficiente no sentido de suprir as demandas constatadas, principalmente quando se leva em consideração os relatos dando conta de mudanças efetivas na vida dos participantes desse tipo de oficinas.

#### MELHORIA DOS ESPAÇOS ONDE O PEAC SE DESENVOLVE

As avaliações já realizadas com iniciativas tais como o Projeto Escola Aberta para a Cidadania comprovam que, para uma maior efetividade das ações, as unidades escolares onde ele se desenvolve devem, obrigatoriamente, possuir espaços físicos aprazíveis, convidativos, ao mesmo tempo em que adequados para o desenvolvimento das atividades propostas.

Ainda que se tenha percebido, no processo de avaliação do PEAC, um grande esforço, por parte dos responsáveis por sua implementação, no sentido de uma melhor adequação física das escolas, com vistas ao atendimento das necessidades do Projeto, em muitos casos tal esforço demonstrou ser insuficiente, face às condições precárias ou inadequadas de algumas unidades escolares participantes.

Por este motivo, recomenda-se um maior investimento dos órgãos envolvidos no sentido da melhoria de alguns desses espaços, a fim de não se comprometer a efetividade e a eficácia que vêm sendo observadas no desenvolvimento do Projeto no Estado do Rio Grande do Sul.

### MAIOR INCENTIVO A ATIVIDADES CULTURAIS

Ainda que se constate, através dos dados quantitativos apresentados, que o aluno participante do PEAC é freqüentador mais assíduo do que os demais, em atividades de cunho cultural e social, estas são ainda em número e proporção insuficientes face às necessidades e anseios expressos pela juventude. Dessa forma, a adoção de mecanismos e iniciativas voltadas para incrementar o acesso dos jovens ao capital cultural existente na sociedade, tornam-se prementes no bojo das ações desenvolvidas no Projeto.

Para tanto, recomenda-se que estas sejam incrementadas não apenas por meio do oferecimento de oficinas nos espaços escolares, mas também através da promoção da ida a museus, cinemas, teatros, centros culturais, entre outros. Ou seja, ultrapassar as fronteiras físicas que acabam por limitar e segmentar o espectro de abrangência da escola, para ampliar o seu raio de ação na sociedade.

\* \* \*

Os dados quantitativos e qualitativos coletados pela avaliação do Projeto Escola Aberta para a Cidadania comprovam que, no âmbito dos estabelecimentos escolares em que ele se desenvolve no Estado do Rio Grande do Sul, muitos são os ganhos alcançados, os quais demonstram realmente fazer a diferença quando se compara a situação de tais escolas com a daquelas que não participam do Projeto.

Como também já evidenciado, tais ganhos se fazem sentir em várias das esferas que compõem o universo das escolas pesquisadas, traduzindo-se em uma série de mudanças de comportamento e de atitudes que, entre outros benefícios, parece estar, em muito, contribuindo para a melhoria do clima escolar.

No entanto, em que pesem a existência de indícios concretos de melhoria, bem como os progressos percebidos, não se pode esquecer que muitos ainda são os problemas, cotidianamente, enfrentados pelas instituições participantes do PEAC. Estes problemas (embora em proporção inferior, quando confrontados com a dimensão dos obstáculos de mesma natureza que são vivenciados pelas demais instituições) adquirem materialidade por meio, entre outros aspectos, dos significativos índices de violência – e aí se incluem os três aspectos definidos por Charlot (1997), quais sejam a violência física, a violência simbólica ou institucional e as incivildades – que foram, percebidos ou relatados, tanto pela avaliação quanto pelos atores da pesquisa, no interior das unidades escolares.

Dessa forma, ainda que promissor, o horizonte que se descortina demanda atenção, compromisso e trabalho por parte de todos os que se encontram, em suas respectivas instâncias, comprometidos com o enfrentamento dessa situação. Para isso, torna-se fundamental que o PEAC, para além de ação de efeito pontual ou localizado, consubstancie-se como uma medida de governo efetiva no âmbito das políticas públicas voltadas para a juventude.

Será, portanto, através da garantia legal desse direito aos nossos jovens que se poderá (na medida do possível, dos esforços e dos recursos envidados) contribuir para que os significativos ganhos que vêm sendo alcançados pelas instituições participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania – antes de estacionarem ou de se restringirem aos patamares hoje observados – possam se ampliar progressivamente, atingindo a todas as demais unidades escolares das redes públicas, a fim de que os benefícios obtidos e/ou potencializados pela ação possam ser, de fato, democratizados para o conjunto da sociedade.

## LISTA DE QUADROS

**QUADRO 1** – Lista de escolas da amostra ..... 29

**QUADRO 2** – Lista das 15 escolas do Programa Escola Aberta e das 15 escolas do Grupo de Controle ..... 31

**QUADRO 3** – Universo de alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental de 8 anos, bem como o total de alunos do ensino médio diurno e alunos respondentes, por CRE ..... 32

**QUADRO 4** – Alunos respondentes, alunos participantes do EA e percentual de participação atual dos alunos no EA, por CRE ..... 34

## LISTA DETABELAS

**TABELA 1** – Proporção e número de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o nível de ensino e a série – 2005 ..... 54

**TABELA 2** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a faixa etária, o sexo e a auto-identificação de cor ou raça – 2005 ..... 55

**TABELA 3** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a escolaridade do pai e da mãe (ou responsável) – 2005 ..... 56

**TABELA 4** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os itens que têm em sua casa – 2005 ..... 58

**TABELA 5** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo as atividades que costumam fazer fora da escola – 2005 ..... 60

**TABELA 6** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação e frequência em atividades socioculturais – 2005 ..... 62

**TABELA 7** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a oferta de atividade esportiva – 2005 ..... 67

**TABELA 8** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a oferta de atividade cultural – 2005 ..... 67

**TABELA 9** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos alunos – 2005 ..... 69

**TABELA 10** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos alunos – 2005 ..... 69

**TABELA 11** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a participação dos pais – 2005 ..... 70

**TABELA 12** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o interesse dos pais pela vida escolar dos alunos – 2005 ..... 71

**TABELA 13** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos – 2005 ..... 73

**TABELA 14** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos e professores – 2005 .....73

**TABELA 15** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre professores e a diretoria – 2005 .....74

**TABELA 16** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e diretor – 2005 .....75

**TABELA 17** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os equipamentos da escola – 2005 .....79

**TABELA 18** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a utilização dos equipamentos da escola – 2005 ..... 80

**TABELA 19** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a ocorrência de algum tipo de violência na escola – 2005 ..... 83

<b>TABELA 20</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a violência na escola – 2005 .....	83
<b>TABELA 21</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ameaças na escola – 2005 .....	85
<b>TABELA 22</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de brigas – 2005 .....	87
<b>TABELA 23</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de discriminação na escola – 2005 .....	88
<b>TABELA 24</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de xingamentos na escola – 2005 .....	88
<b>TABELA 25</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de depredações na escola – 2005 .....	91
<b>TABELA 26</b> – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de pichações – 2005 .....	91

**TABELA 27** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de tráfico de drogas na escola – 2005 ..... 93

**TABELA 28** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de uso de drogas ilícitas na escola – 2005 ..... 94

**TABELA 29** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o encontro de amigos fora da escola – 2005 ..... 96

**TABELA 30** – Proporção de alunos de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ficar na rua – 2005 ..... 96

**TABELA 31** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de estudos e tarefas escolares – 2005 ..... 97

**TABELA 32** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência ao teatro – 2005 ..... 98

<b>TABELA 33</b> – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência a museus, exposições de arte ou concertos de música – 2005 .....	98
<b>TABELA 34</b> – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre os alunos – 2005 .....	100
<b>TABELA 35</b> – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e professores – 2005 .....	101
<b>TABELA 36</b> – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a relação entre alunos e diretor – 2005 .....	101
<b>TABELA 37</b> – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o atendimento aos alunos pela secretaria – 2005 .....	102
<b>TABELA 38</b> – Atividades que o aluno participa ou participou no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes .....	114
<b>TABELA 39</b> – Existência de atividades regulares oferecidas por oficinas / organizadores, segundo os alunos participantes .....	116

<b>TABELA 40</b> – Nota para os oficineiros das oficinas que o aluno participa ou participou (onde 0 é péssimo e 10 é ótimo) .....	117
<b>TABELA 41</b> – Qualidade do material utilizado nas oficinas, segundo os alunos participantes .....	119
<b>TABELA 42</b> – O que o aluno mais aprecia no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes .....	122
<b>TABELA 43</b> – Atores que o aluno já levou para participar do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes .....	123
<b>TABELA 44</b> – O que o aluno menos aprecia no Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo os alunos participantes .....	124
<b>TABELA 45</b> – Proposição de participação, segundo os alunos participantes .....	126

## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1** – População residente, por grupos de idade, no Estado do Rio Grande do Sul, 2004 ..... 35
- GRÁFICO 2** – Número de matrículas no ensino médio regular por dependência administrativa – Rio Grande do Sul ..... 40
- GRÁFICO 3** – Distribuição da população residente, do Brasil e da Região Sul, segundo a cor ou raça – 2001-2002 ..... 40
- GRÁFICO 4** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o trabalho – 2005 ..... 63
- GRÁFICO 5** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o conhecimento do Projeto – 2005 ..... 64
- GRÁFICO 6** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo o interesse dos alunos – 2005 ..... 72
- GRÁFICO 7** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a definição da escola como um local de bagunça/confusão – 2005 ..... 76

**GRÁFICO 8** – Proporção de professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a organização geral da escola – 2005 ..... 77

**GRÁFICO 9** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a qualidade do ensino da escola – 2005 ... 81

**GRÁFICO 10** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio, participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de roubos e furtos – 2005 ..... 86

**GRÁFICO 11** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a frequência de ação de gangues na escola – 2005 ..... 89

**GRÁFICO 12** – Proporção de alunos das escolas de ensino fundamental e médio, participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a vontade de ir à escola – 2005 ..... 103

**GRÁFICO 13** – Proporção de alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio participantes, ex-participantes e não-participantes do Projeto Escola Aberta para a Cidadania, segundo a qualidade do ensino da escola – 2005 ..... 104

**GRÁFICO 14** – Tipo de relação com o PEAC, segundo os alunos participantes ..... 113

**GRÁFICO 15** – Qualidade do local onde são realizadas as oficinas, segundo os alunos participantes ..... 119

**GRÁFICO 16** – Impacto do Projeto Escola Aberta para a Cidadania na qualidade das relações estabelecidas pelo aluno, segundo os alunos participantes ..... 120

**GRÁFICO 17** – Notas atribuídas pelos alunos ao Projeto Escola Aberta para a Cidadania ..... 125

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas periferias de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, UNESCO, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escolas de paz**. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, Universidade do Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico, 2000: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Perfil dos municípios brasileiros: gestão pública**, 1999. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2001/default.shtm>> . Acesso em: 20 de jan. 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por domicílio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 027833, col. 1, 23. dez./1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo escolar 2004**. Brasília: MEC/INEP, 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Censo escolar 2005**. Brasília: MEC/INEP, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Desempenho do Sistema Educacional Brasileiro**. Brasília: MEC/INEP, 2000b.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Educação para todos: avaliação do ano 2000; informe nacional**. Brasília: MEC/INEP, 2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Informe estatístico da educação básica no Brasil**. Brasília: MEC/INEP, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Perfil da educação básica no Brasil**. Brasília: MEC/INEP, 2000a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério do Planejamento e Orçamento. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília : Senado Federal, 1988.

CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CEPAL. **Adolescencia y juventudes América Latina y el Caribe: oportunidades y desafíos en el comienzo de un nuevo siglo**. Santiago: CEPAL/OIJ, 2000.

CHARLOT, B. **Du rapport au savoir: éléments pour une théorie**. Paris: Anthropos, 1997.

\_\_\_\_\_; ÉMIN, J.-C. (Coord.). **Violences à l'école: état de savoirs**. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997.

\_\_\_\_\_; BAUTIER, E; ROCHEUX, J.Y. **École et savoir dans les banlieus ... et ailleurs**. Paris: Bordas, 2000.

CUÉLLAR, J. P. (Org.). **Nossa diversidade criadora**. Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papirus; Brasília: UNESCO, 1997.

DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1998.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Lei estadual nº 11.444/00, que cria a Campanha Estadual Permanente de Combate à Violência em Instituições de Ensino. **Diário Oficial do Rio Grande do Sul**, 2000.

ESTEVES, L. C. G. et al. **Estar no papel: cartas dos jovens do ensino médio**. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2005.

FARAH NETO, M. **Escola, juventude e política social: estudando os processos de participação dos jovens e da comunidade no Programa Escolas de Paz no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, E. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

IBASE; POLIS. **Pesquisa nacional juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: IBASE, POLIS, 2005.

MINAYO, M. C. S. et al. **Fala galera: juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, UNESCO, 1999.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NOLETO, M. J. (Coord.). **Abrindo espaços: educação e cultura para a paz**. Brasília: UNESCO, 2001.

NOVO, A. No país, 68% nunca experimentaram a internet. **O Globo**. Rio de Janeiro: Editorial Economia, p. 35., 25 nov. 2005.

SALLAS, A. L. F. et al. **Os jovens de Curitiba: esperanças e desencontros; juventude, violência e cidadania**. Brasília: UNESCO, 1999.

SECRETARIA DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**: atualizado em 20 out. 2005. Disponível em: <www.scp.rs.gov.br/atlas>.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista da Faculdade de Educação da USP: Educação e Pesquisa**. São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p.87-103, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.104, 1998.

UNESCO. **Ensino médio no século XXI**. Brasília: UNESCO, 2003. (Cadernos Unesco Brasil: série educação; 9).

\_\_\_\_\_. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** São Paulo: Moderna, UNESCO, 2004.

\_\_\_\_\_. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, no prelo.

WASELFISZ, J. **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. Brasília: UNESCO, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência II: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência III: os jovens do Brasil.** Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2002.

WERTHEIN, J. **Os quatro pilares da educação: o seu papel no desenvolvimento humano.** Discurso proferido em São Paulo, em 13 jun. 2003. Disponível em: <[http://www.unesco.org.br/noticias/pilares\\_educacao.asp](http://www.unesco.org.br/noticias/pilares_educacao.asp)>. Acesso em: 04 set. 2003.